

DARWIN IANUSKIEWTZ

**EM BUSCA DA IMAGEM CORPORAL: análise da representação
que o jovem universitário tem sobre o seu corpo.**

**ARARAQUARA
2007**

DARWIN IANUSKIEWTZ

**EM BUSCA DA IMAGEM CORPORAL: análise da representação
que o jovem universitário tem sobre o seu corpo.**

**Tese de Doutorado apresentada à
Faculdade de Ciências e Letras de
Araraquara, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Educação
Escolar, sob orientação da Professora
Doutora Ângela Viana Machado
Fernandes.**

**ARARAQUARA
2007**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Ângela Viana Machado Fernandes pela orientação necessária durante todo o processo de pesquisa. Sua dedicação e interesse pelo assunto demonstraram a sua capacidade única em motivar, mostrar novos rumos e dosar o ritmo dos orientados.

Ao Prof. Dr. Daniel Carreira Filho, agradeço pela disposição oferecida para a troca de informação e sugestões que, sem dúvida nenhuma, foram valiosas para o encaminhamento adequado do trabalho com o seu questionário de pesquisa.

À Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker, pelo auxílio e contribuições nas discussões sobre a cultura e ideologia. Seu conhecimento ímpar sobre o tema só é superado pela sua simpatia e dedicação.

Ao Prof. Dr. Edison do Carmo Inforsato, amigo e colega de profissão, pela inestimável ajuda dada no início de tudo: o mestrado, no qual iluminou os meus caminhos na primeira caminhada.

À Profa. Dra. Dirce Charara Monteiro pela revisão completa da tese. Um exemplo como companheira de profissão que sempre auxilia, compartilhando idéias e assumindo desafios.

Aos amigos professores da FCLAr pelas sugestões e desejo em contribuir, oferecendo artigos importantes para esta pesquisa.

Aos alunos e professores que possibilitaram a aplicação da pesquisa em sala de aula.

DEDICATÓRIA

À Márcia e ao Vinícius.

Pela compreensão e entendimento dos meus esforços durante os estudos.

Pela ausência em alguns momentos de nossas vidas.

Sem vocês, este trabalho não teria sido possível.

EPÍGRAFE

O avanço da ciência decorre de sua direção rumo a um objetivo remoto e,
no entanto, atingível, o de sempre descobrir problemas novos,
mais profundos e mais gerais e de sujeitar suas respostas,
sempre a testes provisórios,
a testes sempre renovados e sempre mais rigorosos.

Karl Raimund Popper
Filósofo Austríaco (1902-1994)

SUMÁRIO

	Página
Sumário.....	vi
Índice de Tabelas.....	viii
Índice de Quadros.....	ix
Índice de Gráficos.....	x
Resumo e Abstract.....	xi
INTRODUÇÃO.....	13
PRIMEIRA PARTE	
A História da Juventude através do tempo: lutas e conquistas	22
A juventude na Antiga Grécia	22
A prática educacional na Antiga Grécia.....	23
A adolescência no Mundo Romano.....	24
A organização dos jovens na antiga Roma.....	25
A juventude judaica.....	26
A cultura juvenil nos primórdios da era moderna.....	27
A disciplina sobre o corpo na sociedade - Foucault	28
A experiência militar na história dos jovens.....	29
A juventude operária da oficina à fábrica.....	31
A rebeldia jovem na transição do século XIX para o século XX	34
A década de 1960 e a contestação dos jovens	36
A década de 1970 e os movimentos de rebeldia	37
O movimento Punk e outras formas de contestação.....	38
A juventude na América Latina.....	41
Uma síntese da história da juventude brasileira.....	42
Anos 80 e <i>os carapintadas</i>	44
SEGUNDA PARTE	
Subcultura, culto ao corpo e ideologia.....	47
Definições sobre Cultura (Abbagnano) e Ideologia	47
Ideologia - por Whitaker,	48
Ideologia - por Eco & Chauí.....	49
Ideologia - por Geertz.....	52
A indústria cultural - por Bertoni	56
A Indústria Cultural - por Adorno	56
As transformações socioculturais da contemporaneidade - por Hall.....	57
A visibilidade da juventude - por Morin.....	58
A construção do estilo de vida jovem - por Gumes.....	59
A Contracultura	60

A realidade juvenil contemporânea	62
A cultura e o corpo	63
A mediação dos corpos - por Castro	65
O culto ao corpo na sociedade atual	66
A corporificação no século XX - por Fraga.....	67
O brasileiro e seu corpo – por Medina.....	67
Discursos sobre o corpo – por Bertolli Filho, Curi, Rosemberg, Soares e Vaz.....	67
O uso de drogas para modificar o corpo – por Carreira Filho	71
O homem pós-orgânico – por Sibilia.....	74
A Vigorexia	75
A Anorexia	77
A Bulimia	79
Padrão corporal masculino e vigorexia.....	83

TERCEIRA PARTE

Análise dos Dados da Pesquisa.....	85
As metodologias qualitativas na área da saúde – por Minayo	86
Amostra, Metodologia e instrumento usado na pesquisa.....	87
Parte I - Os sujeitos da pesquisa	88
Composição corporal - IMC	89
Parte II - A prática de exercícios	91
Parte III - Sobre a Imagem Corporal	94
Parte IV - Hábitos Alimentares	98
Parte V – O uso de medicamentos para modificar a imagem corporal.....	102
Parte VI – O uso de medicamentos para ganho de massa muscular	103
Parte VII – A influência da mídia sobre os modelos corporais na sociedade atual.	104
Parte VIII - A escola na orientação dos jovens sobre os riscos do uso de medicamentos	105
Parte IX - Os cuidados dos jovens com a saúde	106

QUARTA PARTE

CONCLUSÕES PRELIMINARES	108
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	124
Anexo I – Solicitação ao Comitê de Ética e Pesquisa	125
Anexo II – Autorização da Universidade para aplicação da pesquisa em sala	126
Anexo III – Modelo de Declaração livre	127
Anexo IV – Modelo do Questionário aplicado.....	128

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Incidência de Anorexia e Bulimia – por Hay (2002)	79
Tabela 2 – Participação por Sexo e Idade	88
Tabela 3 – Participação por Instituição de Ensino	89
Tabela 4 – Ocorrência e Classificação do IMC para o Sexo Feminino	90
Tabela 5 – Ocorrência e Classificação do IMC para o Sexo Masculino	91
Tabela 6 – Tempo de atividade física praticada por dia	92
Tabela 7 – Onde pratica atividade física	93
Tabela 8 – Prática de atividade física com orientação profissional	94
Tabela 9 – Grau de satisfação estética do corpo	94
Tabela 10 – Satisfação em relação ao peso corporal	95
Tabela 11 – Satisfação em relação aos músculos	95
Tabela 12 – Se fosse possível, você modificaria o corpo ?	97
Tabela 13 – Principal modificação que faria no corpo	97
Tabela 14 – Você já fez alguma mudança nos hábitos alimentares ?	98
Tabela 15 – Você já fez algum tipo de dieta para melhorar a imagem corporal ?	99
Tabela 16 – Atitudes para controlar o peso	101
Tabela 17 – Uso de medicamentos para modificar a imagem corporal	102
Tabela 18 – Uso de anfetaminas para moderar o apetite	103
Tabela 19 – Já recebeu oferta de remédios na academia ?	103
Tabela 20 – Os jovens sabem do uso de medicamentos ?	104
Tabela 21 – Os homens estão mais preocupados com a imagem corporal do que as mulheres ?	104
Tabela 22 – Você realizou consulta médica nos últimos meses ?	106

Índice de Quadros

Quadro I – Divisão das questões no instrumento de pesquisa	88
Quadro II – Índice de Massa Corporal e Mortalidade.....	89

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Prática de atividade física – sexo masculino.....	91
Gráfico 2 – Prática de atividade física- sexo feminino	92
Gráfico 3 – Razão de não praticar atividade física ou esportiva.....	92
Gráfico 4 – Quantas vezes por semana praticam atividade física ou esportiva	93
Gráfico 5 – Grau de satisfação ou insatisfação com a Imagem Corporal	96
Gráfico 6 – Classificação do corpo quando comparado ao grupo do mesmo sexo.....	96
Gráfico 7 – Sujeitos que já fizeram algum tipo de mudança alimentar	98
Gráfico 8 – Prática de dieta ou jejum para mudança da imagem corporal.....	99
Gráfico 9 – Arrependimento após as refeições, vômito induzido ou uso de laxantes.....	100
Gráfico 10 – Fonte das dietas já realizadas.....	100
Gráfico 11 – Jovens que já fizeram algum tipo de dieta.....	101
Gráfico 12 – Atitudes para controlar o peso com redução da ingestão alimentar.....	101
Gráfico 13 – Os jovens de hoje estão preocupados com a imagem corporal ?	104
Gráfico 14 – A escola deve promover conhecimentos sobre a imagem corporal ?	105
Gráfico 15 – Os jovem sabem dos riscos em usar medicamentos para mudar a imagem corporal ?	106
Gráfico 16 – Jovens que possuem plano de saúde – por Instituição	106
Gráfico 17 – Realização de hemograma	107

IANUSKIEWTZ, Darwin (2007) **Em busca da imagem corporal: análise da representação que o jovem universitário tem sobre seu corpo.** Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara/SP.

RESUMO

Este trabalho busca analisar a visão do jovem universitário sobre seu corpo, identificando o grau de satisfação e o possível desejo de mudança diante da mediação dos corpos. O estudo está fundamentado sobre a história da juventude e os conceitos de cultura, indústria cultural e ideologia. Baseados na mídia como forma que exerce influência sobre o modelo de corpo presente na sociedade atual, buscamos identificar o grau de insatisfação com o corpo e o desejo de modificá-lo.

O estudo foi realizado com 213 estudantes universitários – 59 do sexo masculino e 154 do sexo feminino, representando duas instituições de ensino – particular (40,8%) e pública (59,2%), da cidade de Araraquara/SP. Todos os sujeitos estão regularmente matriculados no primeiro ano do ensino superior nos cursos de Administração, Farmácia e Pedagogia.

O instrumento de pesquisa foi composto por um questionário com 50 questões fechadas, as quais buscam identificar o perfil da prática de exercícios; satisfação com a imagem corporal; mudanças alimentares; uso de medicamentos para emagrecer e ganhar massa muscular; influência da mídia na imagem corporal; papel da escola na orientação dos jovens sobre o risco do uso de medicamentos e cuidados com a saúde.

Os resultados mostram que existe uma maior preocupação das jovens com a imagem corporal, quando comparadas ao sexo masculino. Entre os jovens do sexo masculino, encontramos um grau de satisfação maior (54%) – mesmo quando apresentam Índice de Massa Corporal com Grau de obesidade ($> 25 \text{ kg/m}^2$). No sexo feminino, verificamos um grau de satisfação com o corpo de 43%. Existe uma maior preocupação com o peso corporal (56%) entre os jovens, seguido do volume muscular (42%). Estes resultados levam a entender que os jovens estão preocupados com a questão da imagem corporal.

Palavra-chave : corpo, cultura, ideologia, indústria cultural, juventude, mídia.

IANUSKIEWTZ, D. (2007) In Search of the body image: analysis of the perception that the university student has of his body. Thesis (Doctor's degree in School Education) Araraquara –SP. Faculty of Sciences and Letters of São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP,2007.

ABSTRACT

This work searches for the analysis of the university student's perception of his body, identifying the satisfaction degree and the possible wish for a change in the presence of the media exposure of the bodies. The study is based on the youth history and the culture concepts, cultural industry and ideology. Basing on the media as a way of influence on the body model shown in the current society, we search for identifying the dissatisfaction degree with the body and the wish for modifying it.

Keywords: body, culture, ideology, cultural industry, youth, media.

Introdução

Ao iniciarmos este trabalho, enfrentamos a difícil tarefa de eleger, dentre as questões atuais da sociedade e da escola, as mais relevantes.

Nosso envolvimento com o tema tratado neste estudo surgiu após uma vivência de mais de vinte anos dentro da área de Educação Física e Saúde, em observações cotidianas, que nos alertaram sobre a aceleração dada à importância da imagem corporal na sociedade atual. Nas últimas décadas, vários autores e pesquisadores trataram o tema no âmbito da estética, da mudança dos corpos, da imposição de modelos corporais pela mídia.

Na busca de um aprofundamento no tema em questão, recorreremos às obras publicadas em anais de congressos e, principalmente, nas revistas científicas da Educação Física e Saúde. Observamos uma crescente preocupação com o tema corpo em estudos dentro do campo antropológico, filosófico e ético.

Com uma literatura muito ampla sobre o tema, buscamos identificar algumas linhas que pudessem contribuir com nossa pesquisa. Dentre as possibilidades que pretendemos analisar, encontramos as investigações de caráter antropológico, filosófico, fenomenológico, ético, esportivo e da saúde, todas com uma diversificação de visões sobre a questão da imagem corporal na sociedade atual.

Na área da Educação Física, muitos são os pesquisadores que buscam um delineamento entre o papel da escola na sociedade atual e observamos um crescimento do número de alunos no Ensino Médio, fruto de uma política de universalização da escolarização e pelas demanda do mercado de trabalho no que se refere ao conhecimento formalizado. Especificamente sobre

Educação Física no Ensino Médio, alguns autores afirmam que ela deve permitir aos adolescentes diversas experiências através de atividades motoras, apresentando um caráter essencialmente participativo, diversificado, equilibrado, agregado aos conteúdos procedimentais e conceituais, além dos atitudinais, valorizando o domínio cognitivo além do conhecimento e domínio do próprio corpo. (BARNI & SCHNEIDER, 2003;CORREIA, 1996; VERENGUER, 1995).

Os autores advogam a Educação Física por tratar da cultura corporal¹ de movimento e através desta o aluno pode aprimorar seu repertório motor. Para a Educação Física no Ensino Médio, os autores sugerem um planejamento participativo no qual o aluno atue diretamente , pois, dessa forma, o professor conseguirá detectar as necessidades dos alunos além de permitir uma autonomia e liberdade de escolha para as atividades e, assim, essas influenciarem em sua participação social (CORREIA, 1996). Portanto, a Educação Física no Ensino Médio pode aproveitar-se da dimensão conceitual para favorecer a autonomia e a reflexão diante da cultura corporal de movimento. Esse senso crítico e autônomo deve ocorrer em relação às vivências, vinculadas ao lazer e à saúde/bem estar (DARIDO ET AL, 1999; BRASIL, 1999).

DARIDO (2004) afirma que é necessária a abordagem de temas de interesse dos alunos, como: aparência, sexualidade, alimentação, dieta, capacidade física, saúde, beleza, lazer, entre outros. Por meio dessas abordagens que têm significados para os alunos, o professor consegue manter a motivação constantes de seus alunos.

Se a escola apresenta uma certa preocupação com a questão do corpo dos jovens na sociedade atual, percebemos que a escola contribui e continuará contribuindo para novas conquistas de espaços para tratarmos o tema “corpo”. Assim, surge um novo desafio que pretendemos tratar em nosso trabalho: diante da possibilidade de novas conquistas na sociedade atual, quais seriam as efetivas contribuições da escola sobre o corpo-imagem, corpo-manifestação e outras variações que podem contribuir para a vivência social ? Também devemos ter uma preocupação especial com as conquistas dos jovens na sociedade e, paralelamente, atentar para as possibilidades do surgimento de padrões que possam influenciar em demasia o jovem, tornando-o escravo e dependente da própria conquista.

¹ Cultura corporal de movimento – Na abordagem Crítico-superadora, representada pelo coletivo de autores entre eles Castellani, Bracht, Taffarel e Soares (COLETIVO DE AUTORES, 1992), devemos selecionar os conteúdos, considerando: sua relevância social, contemporaneidade e adequação as características sócio-cognitivas do aluno. O conhecimento veiculado na Educação Física é a cultura corporal, que reúne a ginástica, o jogo, a dança, o esporte e as lutas.

Sem pretendermos esgotar este estudo, buscaremos estabelecer um caminho paralelo ao processo de conquistas dos jovens, suas inquietações e desejos, os quais podem estar vulneráveis aos anseios da mídia, aos modismos e comportamentos heterogêneos que podem contribuir para a efetivação dos modelos corporais, apresentando tendências estéticas combinadas com os modelos da moda em cada década.

Os jovens trazem de seu ambiente cultural um conjunto de regras, valores, crenças, modelos de condutas, formas de conhecer o mundo e as pessoas, sentimentos e desejos que estão apoiados em redes complexas de significados, historicamente construídos. Contudo, a maneira marginal, entrecortada, subjugada como o processo de comunicação intercultural que se dá na escola parece não ser suficiente para propor um esclarecimento que contribua para uma melhor preparação na tentativa de enfrentar os problemas ideológicos que se ocultam na questão sobre o corpo, a ideologia corporal, a corporeidade, a estética e nos modismos da mídia.

Se pensarmos na escola brasileira, por exemplo, estaremos diante de um complexo de diversidades próprias de nossa cultura e que teriam que estar necessariamente presentes num espaço freqüentado por diferentes grupos étnico-culturais. Contudo, num jogo de identidades em confronto, de valores em disputa, de padrões que se estratificam e interatuam no sentido de alcançar prestígio e reconhecimento, muitas vezes são silenciadas e se confirma e legitima uma estrutura de poder. Assim, a escola poderá atender melhor aos anseios de liberdade da população jovem, promovendo um conteúdo mais amplo e atualizado aos desafios que a vida em sociedade exigem.

Com padrões e temas que nem sempre representam as necessidades e desejos dos jovens em constante transformação, a escola torna-se indiferente, os jovens permanecem desatentos, desinteressados, irrequietos, pouco cooperativos. Os professores, no entanto, os fazem desligar-se desses impedimentos chamando-os à disciplina, lembrando dos compromissos escolares, dos riscos da reprovação e das conseqüências num futuro profissional.

É necessário romper o isolamento da escola com a comunidade que a cerca e, então, olhar para os distintos significados e sentidos culturais, já que estamos adquirindo apenas ferramentas conceituais necessárias para interpretar a realidade e tomar decisões para a vida. Uma dessas ferramentas será a capacidade de analisar o mundo em que se vive, dialogar com suas diferenças e inserir-se em um processo de emancipação, que possa acolher diferenças percebidas em uma interação constante com o cotidiano dentro e fora da escola.

Ao analisarmos os modelos corporais impostos pela sociedade e a mídia e suas conseqüências e influências sobre os jovens, trataremos do tema imagem corporal e culto ao corpo com ênfase nos aspectos sociais que contribuem para o surgimento de uma cultura jovem influenciada ideologicamente por hábitos de consumo, modismo e de substâncias farmacológicas que possam contribuir para a busca do corpo perfeito ou ideal.

Em estudo realizado por Silva (2003) intitulado “A mediação das práticas corporais: significados da musculação para freqüentadores de um parque público” a autora analisa a construção cultural do corpo numa discussão sobre como se dá o processo de transmissão de formas simbólicas pela mídia. Ao interpretar os dados obtidos, chegou à conclusão que, dos significados que os entrevistados atribuem à musculação, a preocupação com a beleza corporal e a saúde foram unânimes. A escolha pela musculação em tal grupo parece relacionada ao fato desses sujeitos estarem construindo seus papéis sociais e, na concepção dos mesmos, essa prática contribui para mudanças no corpo, o que parece ser fator necessário para afirmação de seus papéis na vida social. Esses dados permitem pensar que as mensagens transmitidas pela mídia sustentam uma ordem de poder simbólico, influenciando os sujeitos a consumirem certos produtos e práticas corporais. Em alguns momentos, os entrevistados mostraram compreender a lógica consumista da mídia, mas isso pareceu não ser suficiente para se distanciarem das influências da mesma.

Assim, partimos em busca de um foco sobre as possíveis influências da mídia e o consumo, os quais podem contribuir de forma significativa para uma tomada de decisões na vida dos jovens.

Pink (2001) realizou um estudo sociológico sobre a relação entre as influências da mídia e as motivações de freqüentadores de academias de ginástica de Bauru/SP. Ao término das investigações, a autora deparou-se com dados contraditórios, levando-a a acreditar que é difícil estabelecer claras relações de causa e efeito sobre tal tema, dada a complexidade do contexto sócio-cultural em que os entrevistados estão inseridos. Nesse estudo, os entrevistados referem-se à mídia de duas maneiras – primeiramente, afirmando que a mídia é influente em relação à motivação para a prática de atividades físicas e concordando com tais influências. Além disso, os entrevistados atribuem outras causas a sua motivação como: a comprovação científica e médica, história de vida. Assim, alguns fatores necessitam ser considerados neste tipo de estudo: o meio em que os sujeitos estão inseridos, o local onde praticam as atividades físicas, o tipo de prática pela qual os sujeitos optaram.

Em vários estudos que citamos neste trabalho, foram feitos aprofundamentos na maneira como as práticas corporais são difundidas pela mídia, e como sujeitos que vivem em um meio cultural específico interagem com as influências da mesma. Os meios de informação são elementos fundamentais na difusão de uma cultura de consumo que envolve a busca por determinados modelos corporais de beleza.

Nesses estudos, os praticantes de musculação apresentaram um entendimento sobre a questão saúde associada à aparência física, além de relacionarem qualidade de vida, saúde e bem-estar. Esses estudos sugerem a existência de forte influência da mídia, considerando uma constante difusão de modelos de beleza e de um conceito de saúde, incentivando os sujeitos ao consumo de produtos e práticas corporais.

Dentro das pesquisas na área de Educação Física e Saúde, encontramos o estudo de Carreira Filho (2005) que aponta para uma preocupante realidade : os jovens estão usando drogas farmacológicas para melhorar a imagem corporal.

Emagrecer a qualquer custo é característica da sociedade moderna que encontra na contradição uma forte marca: nunca se comeu tanto e de maneira tão errada, assim como nunca houve tanta preocupação com a redução de peso corporal, o que, muitas vezes, ocorre por influência da sociedade que tem como padrão a magreza das ‘modelos’ das passarelas.

Nossa contribuição neste estudo está no pensamento de que muitos jovens manifestam esse desejo e correm o risco de desenvolverem patologias como Anorexia (busca da magreza), Bulimia (aversão aos alimentos) e Vigorexia (excesso de músculos), algumas irreversíveis para a grande maioria, e que podem levar à morte.

O objetivo de nosso estudo é identificar, entre os jovens universitários do primeiro ano dos cursos de duas Instituições de Ensino Superior de Araraquara – pública e privada, suas concepções sobre o corpo, seus anseios na sociedade atual, quantos desses jovens usam ou já usaram drogas farmacológicas para melhorar a imagem corporal e qual é o conhecimento deles sobre os riscos de desenvolverem as patologias citadas. Nesse universo, os sujeitos de nossa pesquisa representam estudantes dos cursos das áreas de Exatas (Administração), Humanas (Pedagogia) e Biológicas (Farmácia).

A metodologia utilizada foi qualitativa e quantitativa, realizada com a aplicação de questionário fechado, com testes de múltiplas escolhas, adaptado do estudo de Carreira Filho (2005). Outras contribuições foram adaptadas de ROSENBERG (2004), a qual apresenta um instrumento de avaliação composta por um questionário de avaliação da imagem corporal.

Minayo (2000) afirma que a problemática da pesquisa na área da saúde deve se desdobrar, perpassando um conjunto de questões de natureza social. Considera importante a natureza do social; as relações entre o indivíduo e a sociedade; entre ação, a natureza do social; as relações entre sujeito e objeto; entre fato e valor; entre realidade e ideologia e a possibilidade do conhecimento, visto sob o prisma de algumas correntes sociológicas.

Ainda afirma que a pesquisa qualitativa deve ser entendida como aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas, tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Segundo Stake (1983), as pesquisas quantitativas prevêm a mensuração de variáveis preestabelecidas, procurando verificar e explicar a sua influência sobre outras variáveis, mediante análise da frequência de incidências e de correlações estatísticas. O pesquisador descreve, explica e prediz (antecipa/prevê). Assim, a coleta de dados será analisada com base estatística e com a apresentação de gráficos que possam facilitar o entendimento. A comparação entre as variáveis analisadas estatisticamente proporcionará um entendimento mais claro sobre o cruzamento das respostas. A pesquisa qualitativa fundamenta-se em dados coletados nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que os sujeitos dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta.

A combinação de métodos e tipos de pesquisa proporciona uma infinidade de opções para a elaboração de uma pesquisa científica, tornando difícil estabelecer pontos precisos de separação. Em nosso estudo, o cruzamento de ambas se faz presente.

Optamos pela Amostragem Aleatória Estratificada, na qual a população é dividida em estratos (por curso e sexo) e, em seguida, é selecionada uma amostra aleatória de cada estrato. Essa estratégia geralmente é aplicada quando o evento estudado numa população tem características distintas para diferentes categorias (curso e sexo) que dividem esta população. Durante a análise dos dados, tivemos preocupação com a idade para o conceito de jovem, estabelecida pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e a Organização Mundial da Saúde – OMS – 16 a 24 anos, já que aplicamos o questionário a todos os alunos do primeiro ano de Graduação.

As hipóteses foram analisadas com base no conhecimento dos sujeitos sobre os seguintes aspectos: a prática de exercícios; imagem corporal; mudanças de hábitos alimentares; uso de medicamentos para emagrecer; uso de medicamentos para o ganho de massa muscular; a influência da mídia na imagem corporal da sociedade atual; o papel da escola na orientação dos jovens sobre os riscos do uso de medicamentos; os cuidados com a saúde.

Os resultados apresentados ao final de nossos estudos poderão confirmar ou não a influência de uma ideologia da imagem corporal, as evidências da existência de um culto ao corpo entre os jovens, a identificação de uma representação social da corporeidade², seus conhecimentos sobre o tema em questão e as possibilidades decorrentes do uso ou não de drogas para mudar a imagem corporal acompanhada de prática de atividade física e mudanças alimentares.

Nos capítulos que seguem, apresentaremos nossa estrutura sobre o tema e a relação com as questões sobre a juventude e alguns conceitos sobre o corpo no âmbito antropológico e cultural.

Este será nosso desafio: buscar, entre os jovens universitários, as interpretações sobre o corpo e identificar seus desejos pela transformação, imposta ou não pelo modelo social ou como vítima do sistema de consumo que traça novos modelos corporais, projetando acessórios necessários à caracterização e representações corporais do grupo social em que vivem.

O primeiro capítulo apresenta “Os conceitos de juventude através do tempo”, sua trajetória, a luta por conquistas, que demonstram sua crescente adaptação aos movimentos sociais, culturais e políticos. Este capítulo foi trabalhado com o objetivo de mostrar os caminhos e conquistas da juventude durante toda a história da sociedade. Nesse sentido, durante a leitura, buscamos refletir sobre as conquistas que possibilitaram a construção de novas oportunidades e identidades para a juventude. Desde a antiga Grécia, os jovens lutam por conquistas e espaços ‘de fato e de direito’ dentro da sociedade. Dentro desse contexto, questionamos se agora não teriam criado o próprio

² Segundo Assmann (1996:101) corporeidade e motricidade são linguagens de uma só fala porque “a motricidade é o vetor da identidade corporal”, corpo e movimento humano são muito mais que ato mecânico de deslocamento no espaço, um está para o outro através da história revelada na análise dos movimentos que o homem realiza através do tempo. A corporeidade é expressa no conjunto das manifestações corpóreas (dançar, jogar, lutar, etc). Todas as manifestações corpóreas constituem-se de físico, afetivo, social e cognitivo. Viver a corporeidade é viver todas as dimensões humanas em todas as situações vividas.

‘cárcere’ do modismo social. Se não estariam ‘presos’ dentro dos hábitos, costumes e conceitos da própria criação.

O segundo capítulo apresenta “Subcultura Jovem, o culto ao Corpo e Ideologia”. A questão da juventude e sua imagem corporal esteve sempre atrelada ao momento histórico e às conseqüências advindas de cada idade. O corpo jovem passa a ser visto como instrumento ideológico, e segundo Foucault (1987:25),

“Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder, e então passa-se a dedicar grande atenção a ele [...] O corpo é simultaneamente dócil e frágil, algo possível de manipular e facilmente adestrável, enfim, susceptível de dominação”.

Eis, aqui, algumas das questões que vêm nos acompanhando ao longo da nossa pesquisa, que, esperamos, vão para além da procura de verdades totalizantes, e nos ajudem a compreender e contribuir com a história da juventude e seus movimentos sociais. Para nós, os movimentos culturais ou ideológicos sobre o corpo, apresentados atualmente na sociedade, acabam não encontrando coerência no momento atual e transitam por uma das vias mais contraditórias da sociedade industrial ou capitalista, onde os jovens se tornam vítimas, presas e reféns da própria diversidade de modismos, culturas e ideologias.

Quando iniciamos a pesquisa, não foi possível determinar sua amplitude, mas, ao iniciarmos as leituras sobre os movimentos culturais e as conquistas sobre o corpo, encontramos um leque de possibilidades sobre o tema.

No seu clássico a respeito das técnicas corporais, Mauss (1974) nos ensina que o corpo deve ser pensado a um só tempo enquanto ferramenta, agente e objeto: ele é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. Assim, para ele, toda a expressão corporal é apreendida, tendo em mente a sua preocupação em demonstrar a interdependência entre o que chama de domínio físico, psicossocial e social. A sua principal contribuição talvez seja a demonstração de que o corpo humano nunca pode ser encontrado num suposto “estado natural”, uma vez que aborda os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais.

Como última parte desta pesquisa, apresentamos nossas interpretações sobre os dados coletados e possíveis conclusões sobre o conhecimento dos universitários quanto aos riscos do uso de drogas para modificar a imagem corporal. Sem a pretensão de finalizar o tema proposto, realizamos a imersão no universo da imagem corporal, cultura corporal e culto ao corpo entre os jovens universitários, além do que é apropriado ideologicamente.

Ao final, pretendemos apresentar conclusões e contribuições para uma melhor orientação aos professores do ensino médio, sobre a questão da imagem corporal na sociedade atual, estabelecendo um conhecimento crítico para um possível entendimento sobre os limites seguros e eficazes das técnicas oferecidas pelo mundo industrializado.

Neste campo da Saúde e da Educação Física, deparamos com uma necessidade crescente do campo educacional, projetando tendências e necessidades, as quais apontam para um importante papel esclarecedor sobre o tema, contribuindo para a formação de jovens mais críticos e conscientes dos riscos ao assumir os modelos corporais da sociedade.

Parte I – A História da Juventude através do Tempo: lutas e conquistas

Neste capítulo, buscaremos identificar os movimentos sociais, filosóficos e políticos que de alguma forma puderam influenciar ou determinar o processo de evolução da juventude na sociedade contemporânea.

Segundo Schnapp (1996) na antiga Grécia, a coluna que sustentava a sociedade e as instituições sociais da época era a educação, possibilitando o acesso dos jovens a um saber compartilhado sem o qual as cidades não poderiam existir. As cidades dependiam do equilíbrio das instituições sociais e de práticas que supõem uma arte de viver, uma estilização de comportamentos, encarnados na noção de *Paidéia*, a qual não visava apenas adaptar o cidadão ao modo de vida nas cidades, mas revelar qualidades humanas presentes no futuro cidadão. Isso representava o desenvolvimento de um comportamento global, completado pelas técnicas educativas que transformariam o jovem em cidadão integral.

A *Paidéia* buscava estabelecer solidariedade entre jovens, fortalecer as relações entre classes estarias e, eventualmente, proporcionar-lhes o conhecimento para uma profissão, facilitando as condições de vida na cidade e despertando o desejo de tornarem-se cidadãos completos, de saberem comandar e obedecer.

Os fundadores do regime educativo foram os Cretenses e os Espartanos, os quais buscavam a construção de uma sociedade militar que teria sido a forma primitiva da cidade, evidenciando as qualidades físicas e intelectuais do grupo dirigente.

Quando crianças, os cretenses devem aprender não apenas as letras, mas também os cantos prescritos pelas leis e certos modos musicais. São levados ainda jovens às refeições comuns da

Andria³, mas ali se alimentam em grupos separados, sentados no chão, vestidos com um manto em mau estado que não tiram no inverno nem no verão, e executam o serviço para os adultos e para si mesmos.

[...] Quando eles crescem, são crianças notáveis, capazes de conduzir grupos de corrida e caça. São alimentadas à custa do povo. Em certos dias fixos, elas se enfrentam ao lutarem apenas com as mãos nuas, mas com armas de paus. (SCHNAPP,1996:25)

O adolescente jovem de 16 a 18 anos era denominado de *Efebo*. Na fase de efebria, os jovens recebiam equipamentos militares e cuidavam da guarda das fortalezas, vivendo um período de reclusão coletiva numa concepção moderna de serviço militar juvenil, produto de uma evolução histórica que marcava a época.

Schnapp (1996:30) afirma que, na antiga Grécia, os jovens, entre 16 e 18 anos, deveriam ter uma preocupação com a saúde, beleza, vigor nas corridas e em todos os exercícios corporais.

Segundo o autor, “entre os bens humanos, o principal era a saúde; em segundo vem a beleza; o terceiro é o vigor nas corridas e em todos os outros exercícios corporais: o quarto é a riqueza, não cega, mas clarividente” (SCHNAPP,1996:30).

Se os cretenses enfatizavam as corridas, os espartanos fizeram da caça um dos componentes da vida cívica. O corpo dos jovens está, portanto, no centro das preocupações da cidade. Quer se trate de treinamento, regime alimentar ou de aptidão para a vida coletiva, a cidade cuida do mundo juvenil como se cuidasse de seu próprio coração.

Uma prática educacional da Grécia consistia em fazer jovens de boas famílias serem educados por pessoas de prestígio. O exemplo disso nos fundamentos míticos da educação dos jovens foi Aquiles⁴ – abandonado por sua mãe, que permaneceu aos cuidados de seu pai, Peleu que confiou sua educação ao centauro⁵ Quíron.

Ser jovem nesse período exigia o desenvolvimento das capacidades em atividades produtivas como a caça, cultivo, além do conhecimento das leis e do território. O conhecimento do

³ Local para reunião de homens

⁴ Aquiles, herói lendário da antiga Grécia e personagem das narrativas de Homero (poeta grego que teria vivido entre 1.100 a.C. e 900 a.C.)

⁵ Cavaleiro hábil e infatigável.

território, exercícios físicos e a domesticação de animais eram formas de exibir suas habilidades e capacidades de domínio sobre a natureza.

Viver em sociedade nessa época (V a.C.) era mostrar toda a sua capacidade e formação. Imagens resgatadas da época mostram treinamentos em ritmo musical, arremessando dardo, disco e praticando pugilismo. O exercício diário e a educação do corpo poderiam contribuir para o prestígio e distinção social.

Na prática educacional diária, as imagens da época revelam grande importância às aulas de música e dança como parte da formação intelectual, junto da formação física para a caça, a corrida e as lutas.

Da época arcaica à época clássica, a figuração dos jovens e das jovens na Grécia passou da periferia ao centro, das margens, dos bosques e das colinas às pistas do estádio. A Paidéia não é apenas educação do corpo ou da mente, mas também deve contribuir para a formação do espírito.

No mundo Romano, a adolescência (*adulescentia*) durava dos quinze aos trinta anos e a juventude (*inventia*) dos trinta aos quarenta e cinco anos, podendo chegar até aos 50 anos em determinada época (VII d.C.). Essa divisão foi estabelecida a partir da instituição militar romana, na qual a idade determinaria a condição de assumir um cargo de maior poder diante da reforma “serviana” da época.

Para os homens, o início da juventude coincidia com um ato formal: envergar a toga viril⁶. Esse ato indica com extrema clareza o valor que os romanos atribuíam ao “rito de passagem”, no qual o rapaz abandonava os “emblemas da infância”. A parte privada da cerimônia, realizada em casa, era completada por outra mais propriamente pública, na qual acompanhava-se o jovem até o Fórum⁷ e o Capitólio⁸. Segundo Fraschetti (1996:73), “tratava-se de cortejos compostos por amigos e parentes que, dependendo do nível social, da riqueza e das conexões gentílicas da família, podiam assumir feições muito faustosas”. Esse rito, que dava condições adultas para o exercício nos negócios públicos, constituía para o jovem romano o momento essencial de sua introdução na vida comunitária.

⁶ Na Roma antiga, peça do vestuário civil, espécie de capa ou manto de lã (posteriormente linho), amplo e longo, que se usava trançado sobre o corpo. Beca.

⁷ Local em que está sediado o Judiciário, onde trabalham os magistrados ou funcionam os tribunais.

⁸ Sede administrativa ou política dos aglomerado ou cidades da antiga Grécia.

Fraschetti (1996:77) afirma que “após a envergadura da toga viril pelos jovens romanos, começava o tirocínio (*tirocinium*): uma espécie de aprendizagem para a vida de adultos”. Também surgia o tirocínio⁹ no Fórum, no qual o jovem tinha uma preparação para a retórica e para a política.

A organização dos jovens na antiga Roma surge com o aparecimento das associações, constituídas sobre bases territoriais e ligadas a catorze regiões. Nos séculos II e III d.C., esses organismos associativos são documentados na Itália inteira e, com poucas exceções, em todas as províncias ocidentais do império. Augusto teria sido o idealizador dessas associações, baseando-se nos modelos gregos. As associações organizavam o “espetáculo dos jovens, onde os jovens eram protagonistas, oferecendo um espetáculo de si mesmos em competições de vários tipos” (FRASCHETTI,1996:88).

Assim,

as associações juvenis podem ter sido ativas no âmbito da política municipal, como demonstra uma série de cartazes eleitorais de Pompéia, onde a juventude faz propaganda desse ou aquele “jovem” candidato à magistratura suprema da cidade como forma de pertencimento à mesma geração. Era uma tentativa de introduzir os jovens, sobretudo os da pequena nobreza e das burguesias locais, na política das próprias cidades e exercer o controle sobre um grupo etário que eventualmente pode parecer perigoso, dirigindo seus impulsos para espaços adequados. (FRASCHETTI,1996:89)

Horowitz (1996) pesquisou os diversos mundos da juventude judaica na Europa no período entre 1300 e 1800. Trata-se de um local totalmente diferente, na era pré-industrial e de até dois séculos antes, onde os modos de vida dos vários grupos passam a constituir a juventude da sociedade judaica.

As vidas de meninos adolescentes eram, em grande parte, dedicadas nos anos de infância e adolescência ao estudo de textos religiosos, enquanto que as judias se dedicavam ao âmbito doméstico e eram encaminhadas mais cedo ao *dosset*¹⁰ matrimonial.

A tradição da sociedade judaica estabelece aos treze anos a realização da cerimônia que assinala a maioridade legal: o *barmitzvá*. Apesar dessa passagem, nessa sociedade, nenhum

⁹ Prática e exercício preliminar indispensável ao desempenho de determinada profissão para a aquisição de experiência.

compromisso de casamento estabelecido por menor de dezoito anos sem a permissão do pai ou dos parentes seria considerado válido. Para os judeus, a infância termina aos dez anos, quando a adolescência é iniciada e termina aos trinta anos.

Segundo Horowitz (1996:105),

A partir do século XVI e XVII, os esforços comunitários para impor ao pobre os padrões educacionais dos ricos, como a educação até uma idade relativamente avançada, pareciam estar relacionados a uma preocupação não só com a transmissão de conhecimentos, mas também com o estabelecimento de controles sociais. Uma das principais preocupações da política educacional da comunidade era a disciplina. Cada professor deveria cuidar para que seus alunos não ficassem soltos pelas ruas e ser, ao mesmo tempo, uma espécie de bedel, com a responsabilidade de bater e açoitar aqueles jovens que eram surpreendidos gazeteando.

A perambulação pelas ruas parece ter sido comum entre os jovens judeus, sobretudo no Shabat e nas festas, provocando, ao longo dos séculos, considerável volume de críticas e desconforto por parte dos mais velhos. Além dos passeios, os jogos de bola e o consumo de bebidas fortes também aparecem como formas populares de diversão entre os jovens.

Norbert Schindler (1996) fez uma análise sobre os rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. No ano de 1532, o clero protestante de Schaffhausen, atualmente cidade de Suíça, dirigiu-se ao Conselho da cidade e reclamou dos movimentos que estavam se difundindo entre a população com ataques anônimos de todo tipo contra a pessoa e a propriedade. As formas de protesto lembram de modo tão inequívoco as ações típicas da idade juvenil. No início da era moderna, o conceito de juventude era diverso do atual. Segundo Schindler (1996:267), “hoje, a juventude constitui em si um período da vida, objeto das atenções afetuosas da pedagogia; ao mesmo tempo, nós a consideramos com profunda desconfiança e a vigiamos, controlando-a por meio de uma série de instâncias burocráticas”.

Ainda afirma que

Abordagens interpretativas de tipo histórico-antropológico que pretendam ser mais que um mero projetar no passado os problemas atuais não deveriam

¹⁰ Dossel : armação de madeira ornamentada, forrada ou não de tecidos, usado sobre altares, tronos e leitos, com fins de proteção e/ou ostentação.

portanto entender a cultura juvenil da primeira era moderna apenas enquanto moratória social, e sim como fase de iniciação e transição rumo à vida adulta no sentido etnológico dos ritos de passagem. Os espaços de liberdade indicados para os jovens pelo mundo adulto tinham uma delimitação precisa no decurso da jornada, promoviam a formação de grupos organizados segundo a idade e ofereciam toda uma série de ocasiões de auto-educação e de representação de si no interior do grupo. (SCHINDLER,1996:268).

Os reformadores de 1532 pediam a extinção do bordel de Basileia como forma de reprimir os acontecimentos que caracterizavam a rebeldia dos jovens da época. Segundo SCHINDLER(1996:270), na época os reformadores de Basileia afirmavam que

(...) na infância pode-se até mesmo perdoar algo, ela não peca gravemente, mas a palmatória deve estar sempre à vista e ao alcance da mão. À juventude não se deve perdoar nada: ao contrário, quanto mais ela tende para a volúpia, mais é necessário reprimi-la com a punição, construir-lhe uma barreira contra o vício da luxúria.

Nos primórdios do século XVIII, a fronteira entre infância e juventude continuou a variar, devendo-se isso, em primeiro lugar, ao fato de que, para a maioria da população, a escola ainda se colocava em contraposição à vida de trabalho, como normalmente ocorre nos dias atuais. Só com a obrigatoriedade da frequência à escola, no início do século XIX, passou a adotar-se o *corte dos catorze anos*, que estabelece uma clara demarcação entre infância e juventude no momento da conclusão dos estudos, do início da aprendizagem e ingresso no mundo do trabalho. Nesse período de início da era moderna, o crescimento do grupo de indivíduos de fato adultos, entre vinte e trinta e cinco anos e, conseqüentemente, o aumento do próprio peso social, não ocorreu com nos dias atuais.

O princípio da responsabilidade coletiva e solidária da família, que faz recair sobre todos os seus membros a honra e a desonra de cada solteiro, não permitia o abandono dos filhos. Assim, todos deveriam ser encaminhados a viver bem, contribuindo para o prestígio da família. Nesse ponto, o prestígio passa pela responsabilidade do bom casamento, momento em que se discutem os dotes e privilégios hierárquicos do matrimônio. Aos homens, ficava reservado aos primogênitos o privilégio de herdar o título da família (nome) e parte do patrimônio. Já as filhas mais velhas seguem para os mosteiros, deixando às irmãs caçulas o prazer ou o dever do casamento.

Assim, existia uma escassa liberdade de escolha por parte dos jovens. Os valores familiares exerciam um papel muito mais importante do que as inclinações e desejos pessoais, disciplinados de modo à obediência paterna. Muitos historiadores consideram esse período o mais obscuro da história na relação entre pais e filhos. A autoridade dos pais é reforçada pela influência do Estado e da Igreja, permitindo o exercício imperioso destes sobre os filhos. O investimento do dinheiro e tempo na educação e na escolha de uma boa profissão passa a ser o elo fundamental para o bom casamento e a constituição da nova família e a manutenção das tradições.

Apesar da disciplina e retidão imposta pelas famílias, o fenômeno dos matrimônios clandestinos é uma indicação do fato de que a passagem para a idade adulta nem sempre se efetuava de maneira retilínea e sem tensões. A conclusão feliz de alguns episódios não deve fazer esquecer que rebelar-se contra a autoridade paterna era sempre uma empresa arriscada, que expunha a sanções graves, ainda mais pesadas quando a autoridade em condições de aplicá-las se identificava com a dos pais da família” (AGO,1996:360).

Reverendo a história do corpo na sociedade, buscamos em Foucault (1987:125) as afirmações de que, a partir da segunda metade do século XVIII, o soldado tornou-se algo que se fabrica a partir de coações, corrigindo a postura de cada parte do corpo. “Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder”, então passa-se a dedicar grande atenção a ele. Começamos a escrever um registro anátomo-metafísico (iniciado por Descartes e continuado por médicos e filósofos) e um registro técnico-político constituído de regulamentos militares, escolares, hospitalares, tudo isso para corrigir o corpo: submissão e utilização, funcionamento e explicação: corpo útil, corpo inteligível.

O ‘Homem Máquina’ de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de ‘docilidade’ que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Passa a se trabalhar o corpo detalhadamente, sem folga, uma coerção ininterrupta, ao nível da mecânica, a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é o exercício. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de

docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas. (FOUCAULT,1987:126)

Assim, se tornaram uma fôrma de dominação diferente da escravidão que se apropria dos corpos, diferente da domesticidade que é uma dominação constante, diferente da vassalidade que é uma submissão. As disciplinas nascem no momento histórico em que nasce uma arte do corpo humano que o torna tanto mais obediente quanto útil, e vice-versa.

Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”... “a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT,1987:127)

A disciplina não atuava apenas sobre o corpo jovem, era aplicada aos adultos, mas aparecia muito cedo nos colégios, depois nas escolas primárias, hospitais e organizações militares. As técnicas essenciais disciplinares se generalizaram facilmente como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro, técnicas minuciosas que definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova ‘microfísica do poder’. Essas técnicas vão sutilmente difundindo e modificando a sociedade, minuciosamente.

Na era contemporânea, é possível destacar os estudos de Sabina Loriga (1996) sobre a experiência militar na história dos jovens do século XVII ao século XX, a qual surge como um divisor de águas existencial, que assegura a emancipação econômica, afetiva e sexual do jovem.

O século XVII foi visto como “o século do soldado”, mais de 10 milhões de homens assumiram o ofício das armas. A Áustria guerreou por 92 anos, a Espanha por 82 anos, a França por 73 anos, O Reino Unido, por 62 anos, e a Inglaterra, por apenas 45 anos. Assim, o aumento da força de combate na Europa tornou-se uma constante. A França e a Rússia compunham exércitos com 300 mil homens, a Áustria com 200 mil e outros países, com menor efetivo. Durante as guerras revolucionárias napoleônicas, foram chamados às armas quase 4 milhões de jovens.

O primeiro país a instituir o serviço militar foi a Suécia, em 1544, tendo o direito de convocar até um quinto da população masculina no caso de conflito. Em 1798, o governo

revolucionário Francês estabelecia a lei Jourdan-Delbrel em que todos os cidadãos que tivessem completado vinte anos se inscrevessem nas listas de recrutamento nos cinco anos seguintes.

Depois de 1815, os governos europeus trataram de organizar exércitos de menores dimensões. A Áustria renunciou à conscrição (alistamento) universal obrigatória e a Holanda e a Bélgica a ela recorreram só em casos excepcionais. No início do século XX, o aumento da mão-de-obra bélica era tal que condicionava todo o debate demográfico: a quantidade dos recursos humanos e as taxas de natalidade tornaram-se elementos de avaliação da potência militar.

O exército não foi sempre um interlocutor específico da juventude, tampouco um espaço ocupado exclusivamente por machos jovens. É claro que, também nas sociedades do Antigo Regime, a maior parte dos soldados era composta por homens na flor da idade que decidiram ir embora da terra de origem, após um conflito, de natureza não necessariamente econômica, com a família ou a comunidade (LORIGA, 1996:21).

O grande número de mortes nos conflitos levou os países a determinarem limites mínimos para o alistamento. Na França, em 1681, foi estabelecida a idade de dezesseis anos, de dezessete em 1763, de dezoito anos em 1793, e de vinte anos em 1798, voltando a inverter-se no início do século XX. Todavia, a prática de engajar crianças ainda é corrente em alguns países como a Nicarágua, Iraque e Romênia que possuem em seus exércitos crianças de seis a treze anos (LORIGA, 1996:23).

Em 1805 e 1807, os estudantes eram enquadrados em companhias especiais, recebiam uniformes e começavam a ter quatro horas semanais de exercícios militares, surgindo uma tendência de preparação da “força jovem militar” em outras instituições. Uma das instituições que iniciou a formação pré-militar dos jovens foi a escola. Nela os jovens deveriam adquirir força física e apropriar-se da disciplina do soldado fora do quartel. A ginástica militar foi introduzida no âmbito escolar.

Com a conscrição obrigatória, introduzida pela primeira vez na França, em 1798, o serviço militar se torna um fato peculiar aos homens de 20 a 26 anos. Fosse o tom amargo ou jocoso, as canções começaram a descrever o serviço militar como uma profunda injustiça contra a juventude [...], exprimia tristeza de abandonar a casa e romper bruscamente as mais importantes ligações afetivas (LORIGA, 1996:26).

Para escapar do chamado às armas, os jovens se fingiam de doentes. Os casamentos “precipitados” eram frequentes e para quem não podia casar ou se fingir de doente, e não queria servir, restava a fuga.

Imersos desde a infância no mundo do trabalho junto aos pais, muitos jovens vestiam a farda sem nunca ter passado pela escola. Na segunda metade do século XIX, o exército realizou uma importante obra de alfabetização da população masculina. Segundo Loriga (1996:35), os dados do Ministério da Guerra da França, foram alfabetizados, pelo exército, cerca de um milhão cento e cinquenta mil soldados.

Assim, a imagem do serviço militar passou a representar um rito de passagem para a idade adulta, ganhando terreno, sobretudo no âmbito escolar, como elemento da ideologia nacionalista. Muitos grupos nacionalistas imaginavam o exército como uma barreira social e afetiva entre a adolescência e a vida adulta.

Para um jovem, a primeira prova de potência viril era o exame do serviço militar, como lembrava um dito comum na Itália centro-setentrional, segundo o qual ‘quem não é bom para o rei não o é tampouco para a rainha’.[...] A virilidade era antes de mais nada um traço do caráter.[...] O soldado pressupõe o homem; e o homem não se forma em três ou quatro, nem tampouco em sete anos, o homem se forma desde o início com uma educação viril (LORIGA, 1996:37-38).

No final do Século XIX, a virilidade se exprimia inclusive por intermédio da morte. Os primeiros monumentos aos mortos em combate foram construídos no final do século em homenagem aos jovens soldados que tombaram em combate. Em 1877, na inauguração de um monumento consagrado aos ex-alunos de do Liceu de Lyon, Victor de Laprade fazia votos para que “possam, um dia, [...] vossos nomes serem inscritos lá, com a mão de vossos filhos” (LORIGA, 1996:38).

A associação entre a guerra e a mácula juventude nem sempre foi válida, mas amadureceu lentamente no decurso do Século XIX, para difundir-se e consolidar-se só nas primeiras décadas desse século.

Tornou-se um momento de emancipação individual, raramente contribuindo para a gestão da família e saíam de casa bastante tarde, ele tinha um valor iniciatório

fundamental: entre a família de origem e o matrimônio, entre a independência econômica e a escolha da profissão, estava o uniforme militar (LORIGA, 1996:40).

Assim, entre os ambientes mais instruídos, inclusive a escola, passou-se a atribuir ao chamado às armas um significado existencial do ritual de passagem e prova sexual que sancionava o ingresso do jovem na idade viril.

Perrot (1996) fez um levantamento histórico sobre “a juventude operária da oficina à fábrica”. Em seus estudos identificou que o sexo e os estudos estão ausentes quando se trata de trabalho e/ou particularmente de operários. Esses ‘operários’ não têm acesso aos liceus e às universidades do século XIX.

A crise da aprendizagem designa a desorganização de uma classe de idade que a sociedade tradicional administrava, aparentemente, melhor que a sociedade industrial. Esta só está interessada em indivíduos, ou pelo menos em famílias. A família é, mais que nunca, a instância de gestão e de decisão no que concerne aos jovens. [...] A família e a classe operária tem necessidade de seus jovens, mas lhes pede trabalho, obediência e, em última instância, silêncio. Eles se exprimem pouco, e, quando o fazem, sua voz é reprimida (PERROT, 1996:84).

Percebemos então uma fase da vida onde os jovens são reprimidos pela sociedade na qual estão inseridos. De certa forma, tanto na família como na vida operária, sua atitude deve fortalecer um comportamento eficiente e obediente aos princípios da sociedade da época.

A juventude operária é abafada pelos discursos convencionais e estereotipados aos quais as pesquisas não escapam. [...] Essa juventude é antes representada que descrita, e tais representações trazem a marca da ansiedade social, sexual e política que ela suscita. (PERROT, 1996:85).

Ainda no início do século XIX, é possível identificar “uma concordância entre o trabalho fabril e degradação dos corpos”. É possível constatar o mau estado da saúde global. O corpo e a alma dos jovens operários tornam-se então objetos de investigação privilegiados. São o alvo dos primeiros inquéritos parlamentares ingleses.

Mais do que a vida cotidiana, eles se preocupam em descrever um processo de integração: ao trabalho, à política, ao movimento operário. A juventude é vista

sobretudo como iniciação ao trabalho e tomada de consciência. A sociabilidade juvenil, mais ainda que a sexualidade, é silenciada. O pudor é extremo e o corpo ausente. Enfim, os relatos femininos são muito rasos, e tardios. No conjunto, os relatos masculinos obedecem às convicções da idade adulta em que foram escritos: a juventude deve ser tempo de aprendizagem, e seu êxito consiste em realizar essa aprendizagem . (PERROT, 1996:90)

A ausência de fronteiras bem definidas é uma dificuldade de primeira ordem. Nos limites dos costumes, definições jurídicas mais precisas esboçam um território cada vez mais distinto da infância. Em 1892, fixa-se em treze anos a idade de admissão ao trabalho para unificar prescrições escolares de ordem fabril. A infância acaba aos treze anos.

As leis seguem regendo e limitando as ações e o acesso ao trabalho, proibindo mais de doze horas de atividade aos jovens e o impedimento do trabalho noturno. Após os dezoito anos, o regime é o dos adultos, e instaura-se uma categoria de jovens trabalhadores de doze a dezesseis anos, que corresponde à adolescência. A Grã-Bretanha emancipa mais cedo seus jovens operários.

Aos catorze anos, as famílias cessam de tratá-los como crianças, não lhes são mais infligidos castigos corporais e podem ficar com uma parte de seus salários. Frequentemente, eles mesmos pagam seu alojamento, sua alimentação, seu vestuário. Estabelecem compromissos por sua própria conta, sem intermediários, e tornam-se, em toda a extensão da palavra, agentes livres. (PERROT, 1996:92)

Segundo Perrot (1996:97),

Estrutura elementar, a família regula as uniões, a reprodução, as aprendizagens, os projetos para o futuro, impondo seu propósito global às vontades particulares de seus membros, mulheres e jovens sobretudo. Pois a família operária é patriarcal. Obedece à lei do pai, apoiada pelo Código Civil, que encontra nessa autoridade uma identidade legítima. [...] Se o direito respaldou a família operária, a evolução econômica igualmente a fortaleceu .

A herança das famílias operárias é o ofício, ou pelo menos o emprego, única coisa que podem transmitir. No âmbito das fábricas, os operários procuram pelo menos regular a aprendizagem das profissões, em número e em qualidade, recrutando preferencialmente seus filhos, aos quais transmitem os “segredos do ofício”. Para vencer a resistência operária, romper a velha

aliança da família com e do ofício, o patronato introduz novas máquinas e dissipa os “segredos” de cada profissão.

Assim,

em todos os casos em questão, no confronto entre mundo operário e patronato, a família é um elemento estratégico. No centro do conflito estão os jovens, ao mesmo tempo protegidos e dirigidos, sustentados e comandados por essa realidade ambivalente que é a família. Por meio de uma série de coerções, ela se esforça por otimizar seus recursos e decide sobre muitas coisas: a formação, o emprego, a colocação e a transferência, o uso do salário, a partida e a formação de novos casais. (PERROT, 1996:101)

A relação com o trabalho é, certamente, o que mais distingue infância e juventude no século XIX. A primeira subtrai-se cada vez mais dele e a segunda está destinada a ele. A escola concorre com a fábrica no que concerne à infância, fazendo desaparecer os menores de doze anos das fábricas e reduzindo-se nas atividades familiares, convertendo as famílias ao projeto educativo dos filhos. A oficina, a fábrica, o canteiro de obras tornam-se assim espaços juvenis operários.

Assim, coerção e liberdade atravessam a juventude operária no século XIX. A disciplina do trabalho torna-se mais pesada, acompanhada de normatizações de todo tipo. Mas crises múltiplas, rupturas diversas, migrações e etc. favorecem uma conquista de autonomia masculina. Os jovens tendem a libertar-se, a individualizar-se. De resto, no início do século XX, o aparecimento de uma juventude libertária causa inquietação, como também a agitação contra o serviço militar, os bandos de jovens se tornam mais visíveis, o aumento da delinqüência juvenil, as revoltas das casas de correção. Já se esboçam algumas soluções tímidas que posteriormente se desenvolverão em movimentos e políticas da juventude (PERROT, 1996:128).

A rebeldia jovem na transição do século XIX para o século XX foi bem analisada por Sergio Luzzatto (1996). Segundo o autor,

Que se manifestem nos fatos ou que se satisfaça com gestos ou palavras, os protestos juvenis do século XIX lembram aos contemporâneos e ao historiador a inegável novidade da herança revolucionária: entendida como grupo etário, com

uma precisa função cultural e social, a juventude deixou de existir (LUZZATTO,1996:197).

Em tempos de revolução na França, os jovens presenciaram e viveram uma época de constante conflito, na qual a rebeldia fez a história dos jovens revolucionários, uma história de homens maduros. Ao longo do caminho, os historiadores afirmam que a Revolução Francesa inventa o conceito moderno de geração, constituindo-se em um perigo permanente para a ordem política e social da época.

A questão da juventude e sua imagem corporal esteve sempre atrelada ao momento histórico e às conseqüências advindas da contemporaneidade.

Brandão & Duarte (1990) afirmam que, do ponto de vista social, o jovem é um ser em desenvolvimento e em constante conflito, pois encontra-se numa fase natural de transição entre a infância e o universo adulto. Dessa forma, o jovem só é considerado “maduro” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando se torna um cidadão obediente às normas e aos valores do sistema social em que vive.

Embora bastante próximas no tempo, as quatro décadas do pós-guerra, num certo sentido, já fazem parte de um passado histórico que se torna cada vez mais distante do nosso dia-a-dia. Os tempos mudam e fica difícil reconstruir parte da movimentação cultural desse período, devido à velocidade de fragmentação de informações dos meios de comunicação, que tanto marcaram, de modo radical e definitivo, a experiência da juventude (BRANDÃO & DUARTE, 1990:7).

Nos anos de 1950, o jovem contava ainda com mais um signo de diferenciação. Para além do cinema e do *rock*, havia um outro aliado: a literatura. Jovens universitários de classe média participam da chamada Geração *Beat*, um movimento poético/literário dos anos 50, que surgiu para contestar a ordem estabelecida.

Segundo Gumes (2003), o cenário dos *beatniks* tem como protagonistas a desilusão e o vazio existencial do período pós-guerra norte-americano. Rejeitando valores burgueses, loucos por viagens, *jazz*, drogas, sexo, os *beatniks* reagem ao estabelecido com prosa e poesia, criando uma forma de vida alternativa para substituir um padrão de sociedade que não os satisfazia. Era um movimento juvenil intelectual de reação ao *establishment*. Jack Kerouac, um dos grandes nomes da

Geração *Beat*, em seu livro *On The Road* (Pé na Estrada), deixa clara a insatisfação com o sistema. Publicado em 1957, o livro lança a idéia da viagem para um grupo de jovens aventureiros, de um roteiro sem rumo. Os jovens criavam outros modos de expressão com a corporalidade e sensualidade projetada pelo *rock'n'roll*, a rebeldia da delinquência juvenil, e uma insatisfação com o sistema “adulto”.

Encontramos os anos de 1960, que inauguram um novo estilo de mobilização e contestação social. Segundo Grossman (1998:49),

[...] as constatação do fracasso da civilização criada pelas gerações anteriores e contemplação da massa amorfa de casos, dossiês e números em que é transformado o homem pela sociedade de consumo, explodiram na consciência dos jovens dos anos 60, que passaram a negar todas as manifestações visíveis dessa sociedade, às vezes recorrendo ao poder da flor (glower-power), as vezes usando armas e violências. Este movimento transformaria a juventude em um grupo, em um novo foco de contestação radical. Aos poucos, os meios de comunicação começariam a veicular um novo termo: contracultura. Inicialmente, o fenômeno seria caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música e drogas.

Mas esse modo de manifestações não se limitaria a esses sinais ou marcas superficiais. Os jovens passaram a lutar contra tudo o que estivesse estabelecido e consagrado, como os valores e instituições, idéias e tabus. Tratava-se de um movimento de caráter libertário das camadas médias urbanas que envolveu a Europa e a América, recebendo manifestações diversas, nas quais incluem-se os movimentos contra a Guerra do Vietnã.

Grossman (1998) deixa claro que

[...] esse espírito libertário e questionador ocidental já se anunciava nos Estados Unidos, desde os anos 50, na chamada “juventude transviada” ou “rebeldes sem causa”. De um lado surgia o movimento “hippie” com sua filosofia, compreendendo seus três grandes eixos de movimentação: a retirada da cidade para o campo, da família para a vida em comunidade e do racionalismo cientificista para os mistérios e descobertas do misticismo e do psicodelismo das drogas.

Sem dúvida, alguns movimentos jovens buscavam conquistar espaços e direitos políticos e sociais. Um dos movimentos marcantes foi o de 1968. A ebulição de Maio de 1968, na Paris do General De Gaulle ¹¹, deixou profundas repercussões na juventude do mundo, e a América Latina não foi exceção, pois mal a revolta de Paris tinha acabado do outro lado do Atlântico e os jovens, contagiados pela rebeldia do *Proibido Proibir* ¹², começavam a procurar novos caminhos para a contestação.

A partir de 1968, as universidades se tornaram os centros de contestações. Os estudantes e jovens entre 15 e 24 anos transformaram-se em mitificadores da sociedade.

Em Maio de 1968, na França, a insatisfação dos estudantes franceses com o sistema acadêmico rígido da Universidade de Nanterre, em Paris, deu início a um grande protesto. Em 3 de Maio, a Universidade de Sorbone é fechada pelas autoridades. A UNEF (Union nationale des étudiants de France) organiza passeatas que são dissolvidas com violência cada vez maior pela polícia. Os jovens protestam, invadem a universidade e passam a servir de exemplo para outros estudantes descontentes com a estrutura vigente. Não demora para esta influência alcançar outros setores da sociedade - os trabalhadores e operários.

O movimento, a princípio estudantil, passou a contar com o apoio e adesão de trabalhadores insatisfeitos com a exploração no trabalho. Juntos contestavam toda a forma de rigidez, repressão e injustiças sociais. Protestavam contra o sistema econômico, político e social do governo do General Charles de Gaulle.

Os lemas do movimento eram: seja realista, peça o impossível e é “proibido proibir”. À frente dos protestos dois estudantes, Daniel Cohn-Bendit e Tinnot Grumbach lideravam as barricadas no bairro intelectual de Quartier Latin, reunindo milhares de manifestantes, episódio que ficou conhecido como a noite das barricadas. A situação ficou insustentável a tal ponto que o presidente de Gaulle, no dia 29 de maio, teve de sair de Paris de helicóptero e se refugiar. Embora as greves tomassem conta de quase todos os setores da economia francesa, o movimento foi

¹¹ Presidente Francês de 1959-1969. Chamado para formar um governo em 1958, inspirou uma nova constituição e foi o primeiro presidente da Quinta república, de 1958 a 1969. Sua política ideológica é conhecida como Gaullismo, tendo ainda muita influência na vida política francesa atual.

¹² Em maio de 1968, estudantes das Universidades Francesas de Sorbonne e Naterre deram andamento a uma revolução contestando tudo sem nada propor explicitamente. Munidos com slogans como: “*é proibido proibir*”, “*gozar sem freios*” e “*nem Deus, nem mestre*”; os sorbonianos pregavam o igualitarismo, o liberalismo e a sensualidade, ou seja, aludiam a um “*modus vivendi*”.

desarticulado pela polícia, deixando um saldo de 1500 feridos e centenas de carros incendiados e danificados.

Nos anos 70, surge um exemplo bastante significativo que foi o Movimento *Punk*. A contestação contra a ordem social vigente tomou forma ideológica através do *Punk*. Com o visual fugindo dos padrões que a sociedade impõe através do modismo, mostrando sua revolta pelo corte de cabelo à moicano (ou cabelos espetados) coloridos, roupas velhas surradas (em oposição ao consumismo), jaquetas arrebitadas com frases de indignação às injustiças do Estado repressor e a atitude subversiva. O Punk redimensionam o corpo por meio de atitudes agressivas, penteados esculturais e elementos fetichistas, preparando a chegada da estética do *piercing* e dos implantes. O Punk anuncia a morte, significando as impurezas e restos da sociedade industrial (PIRES, 2001).

Na Inglaterra dos anos de 1970, o país vivia em recessão com um alto índice de desemprego, sem espaço para garotos dos subúrbios operários ingleses, excluídos do sistema. Uma Inglaterra decaída tornou-se o ambiente ideal para trazer à tona um novo modo de expressão juvenil.

Segundo Sousa (1999), o movimento punk surgiu na Inglaterra em 1976, como uma cultura que se contrapunha, com sua exploração visual e sua irreverência, aos valores e aos padrões sociais, até mesmo contra aqueles gerados em 68.

No Brasil, sua repercussão foi tardia e restrita a alguns núcleos suburbanos das grandes cidades, com suas bandas de rock fora do circuito de divulgação da mídia e com uma compreensão distorcida do espírito londrino de 1976, tomando o incidental por essencial e transformando uma fonte explosiva de energia, sem regras e sem limites, numa doutrina dogmática e sectária como qualquer uma” (SOUSA, 1999:111).

Coturnos, jeans cheios de adereços de metal e *bottons*, cabelos coloridos e intencionalmente preparados para sua diferenciação, roupas rasgadas ou com inscrições e pinturas davam-lhes a identidade desejada: a de serem o veículo de uma denúncia, da *podridão* e da perversidade da civilização.

Contando com jovens dos 15 aos 30 anos aproximadamente, apresentavam-se como um grupo político relativamente articulado à rede movimentalista da cidade, procurando, porém, manter distância e autonomia na organização das manifestações públicas. Contavam com o apoio do Centro de Estudos, cultura e

Cidadania para centralizar suas correspondências nacionais e internacionais (SOUSA, 1999:11).

O movimento Punk também apresentou um grupo diferenciado, denominado de Anarco-Punks. Os anarco-punks defendiam o anarquismo ativista, aquele que tem princípios e identidade com a cultura, a ideologia e a ação contra qualquer tipo de autoridade.

Suas principais bandeiras eram a propaganda pacifista contra a produção de armamentos no Brasil; a luta contra a obrigatoriedade do serviço militar; contra as verbas para despesas militares; enfim, eram contra a ideologia das forças armadas (SOUSA, 1999:112).

Os militantes anarco-punks criticavam aqueles que se diziam anarquistas, mas que não tinham atitude revolucionária como no início do século. Referiam-se a eles como “boçais nostálgicos e burgueses infiltrados”. Existia nesse grupo um radicalismo querendo transformar a sociedade.

Os militantes do movimento anarco-punks descreviam o punk como uma cultura que se volta contra a grande carga de individualismo e autoritarismo que se expressa a toda hora. Uma cultura que surgira para destruir essa carga podre que existe no indivíduo, fruto da sociedade, da família, das instituições do meio, do trabalho (SOUSA, 1999:114).

A busca da diferenciação faz com que os anos 80 e 90 presenciem a formação de vários estilos de vida: *new wave*, *new hippie*, *rappers*, *darks*, góticos, *grungers*, *clubbers*, *ravers*. Esses estilos juvenis com diferenças marcadas nas roupas, no vocabulário, na música e no ambiente que circulam formam identidades móveis, constantemente remodeladas.

Segundo Hall (1987:13),

A identidade tornou-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se

multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Gumes (2003) afirma que os movimentos antiglobalização se organizaram a partir de 1996. Em setembro de 2000, a primeira manifestação pós-Seattle aconteceu em Praga, na República Tcheca, no encontro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Internacional de Desenvolvimento (BIRD). Nessa época, os protestos ganharam uma sigla e uma organização não governamental (ONG) para planejá-los: Inpeg (Iniciativas contra a Globalização Econômica).

Segundo Hall (1987:42),

As manifestações em Praga reuniram jovens de 54 países e tiveram um saldo de 150 feridos, 900 presos e danos materiais avaliados em US\$ 250 mil. Em 2001, o Fórum Social em Porto Alegre (RS), com a proposta de pensar que outro mundo é possível, tornou-se o ponto de encontro mundial dos manifestantes. Também em 2001, durante a reunião do G-8 (grupo formado pelos oito países mais industrializados do mundo, que decide as linhas políticas de intervenção global), em Gênova (Itália), acontece mais um forte movimento antiglobalização, com a presença de 150 mil pessoas.

O movimento antiglobalização convive com movimentos juvenis das últimas três décadas como Contracultura, e *Hip Hop*. Várias visões de mundo estão representadas nas manifestações antiglobalização ligadas pelo ideal juvenil de um mundo melhor .

A juventude experimenta inúmeros estilos de vida. Ela trafega por diferenciações sucessivas, mas que buscam sempre quebras de paradigmas a fim de construir mundos melhores. O movimento juvenil que está sendo delineado nesse início do século XXI é direcionado para identidades abertas, contraditórias, fragmentadas, negociadas (HALL, 2001:46).

Embora as definições anteriores possam contribuir para um melhor entendimento do universo jovem, tratando-se da cultura jovem, recorreremos a obras recentes que tratam do tema e que buscam compreender a juventude. Entre vários artigos e obras analisadas, encontramos em Caccia-Bava, Pàmpol & Cangas (2004) a análise do processo e da experiência das maneiras pelas quais os jovens se apresentam na sociedade do século XX. Os autores buscaram raízes, identificaram territórios,

expuseram linguagens, valores, da forma original, como à época vieram a público. Segundo os autores, os

jovens emergiram como tema, como categoria, como movimento, como organização, como tribo contemporânea, num final de século em que as clássicas tribos da América Latina passam a ser reconhecidas como povos, com direitos, idiomas próprios, territórios demarcados, pelas sociedades ocidentais, com novas fronteiras concebidas por meio de práticas de comunicação voltadas à superação de estados de guerras latentes ou confrontos que se objetivam (CACCIA-BAVA, PÀMPOLS & CANGAS, 2004: 07).

A partir de 1960 e 1970, começaram a se ampliar e se firmar as pesquisas dos movimentos sociais da juventude. Nesse mesmo período constituíram-se instituições como o Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais com a formação do Grupo de Estudos de Juventude. Ainda tivemos a criação do Instituto Latinoamericano de Planificación Económico y social – ILPES –, vinculado à Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL.

Assim, a evolução e tomada histórica dos movimentos jovens passaram a representar uma mudança nas relações sociais entre a idade juvenil e adulta, período de transição marcado por momento importantes para sua formação pessoal e social. Como objeto de estudo neste período, os autores citados buscam analisar as gerações de jovens da Argentina, México e do Brasil.

Durante o período de 1960 até o final do Século XX, os jovens do Ocidente despertaram muita atenção e preocupação, em especial quando se tratavam de projetos políticos militaristas. Poucos autores e pesquisadores buscaram analisar os motivos de suas participações nesses movimentos, bem como os motivos que levaram a filiações partidárias e ao desenvolvimento de movimentos com ideais democráticos, depreciando a relevância dos movimentos ocorridos e suas inquietações.

Segundo Caccia-Bava, Pàmpols & Cangas, (2004), antes dos jovens buscarem, espontaneamente, a sua vocação técnica e profissional, ou o seu comprometimento político partidário, eles vão ao encontro de movimentos culturais próximos do seu cotidiano, como foi o rock na Argentina, a Semana de Arte Moderna no Brasil e as recentes formações de tribos urbanas no México.

Ainda afirmam que os integrantes das classes populares encontram-se nas mobilizações juvenis, nas atividades de formação religiosa e artística, ou partidária, desde a década de 1950 e, mais recentemente, nos grupos de jovens que se movimentam e circulam em seus próprios bairros em busca de experiências culturais através da música, dança, teatro e do grafite. Essas experiências moldam os jovens em suas vocações, que reconhecem em si potencialidades e caminham para uma vida adulta sem espelharem-se, mecanicamente, nos homens e mulheres, adultos produtivos.

Uma parte da juventude deixou marcas evidentes de sua cultura social e política dentro do nosso país, demonstrando que a

estrutura oligárquica de poder não permitia aos grupos de origem popular e subalterna emergirem como interlocutores íntegros perante a toda a sociedade, não possibilitou que se revelasse a fora dos movimentos juvenis, na continuidade dos processos dos quais participaram (CACCIA-BAVA, PÀMPOLS & CANGAS, 2004:108).

Da década de 1960 em diante, até a década de 1980, alguns grupos de classe média integram movimentos voltados a restabelecer uma ordem constitucional, que desaparecera do país por 21 anos de ditadura militar. Por essa razão, talvez tenham prevalecido, no ano de 1990, as conclamações das lideranças políticas adultas, em particular dos intelectuais que participaram da história da União Nacional dos Estudantes. Segundo Caccia-Bava, Pàmpols & Cangas (2004), elas chamavam a juventude para atuar, também de maneira reflexiva e autocrítica, tomando por base os movimentos juvenis passados.

Segundo os autores, os jovens foram identificados como protagonistas de movimentos de contestação e de formação de organizações alternativas às constituídas pelas forças políticas dominantes que comandaram o processo republicano. A sua identificação foi possível através das biografias que historiadores produziram, ou registros biográficos e autobiográficos de jovens intelectuais, já no século XX.

Identificamos momentos históricos e conjunturas políticas, em que os jovens conquistaram presença política, através de suas organizações, de dimensão nacional. A mais significativa foi a UNE - União Nacional dos Estudantes, que congregou, desde sua origem, estudantes universitários de todo o País. O estudo das práticas da UNE permitiu o reconhecimento de duas dimensões presentes nos

movimentos juvenis, desde meados da década de quarenta do século XX: a dimensão regional e a nacional. Os jovens integrantes de todos os movimentos culturais e políticos democráticos incorporaram, como princípio fundamental de suas práticas, a definição de democracia cultural, que Astrojildo Pereira expusera, pela primeira vez, em 1944. Ela deve realizar-se através da liquidação do analfabetismo, da implantação da instrução gratuita, até o nível da formação superior universitária em todo o País. (CACCIA-BAVA, PÂMPOLS & CANGAS, 2004:110).

A formulação de uma primeira síntese da história da juventude brasileira permitiu aos autores identificar um traço constante que caracteriza os grupos e movimentos de jovens - a ingenuidade e a honestidade - próprio dos movimentos juvenis, a presença, em seu início, de uma conduta marcadamente ingênua, como expressão de inquietações morais e intelectuais autênticas, ainda não sintetizadas, e a afirmação posterior da honestidade como valor a ser expresso nas consignas dos movimentos juvenis. A exposição das motivações e intenções culturais e políticas apareceu como traço marcante da condição juvenil, que rejeitaria o maquiavelismo como forma de ser dominante.

Na década de 1970 e 1980, afirmaram-se práticas voltadas à luta contra o racismo, que se vão consolidar como forma de ação juvenil dos grupos culturais negros, dos morros, das favelas, dos bairros periféricos das grandes e médias cidades brasileiras. Dentre eles se destaca o movimento juvenil hip-hop.

Na década de 1990 assistimos, finalmente, à emergência de duas novas formas de manifestação juvenil, que vivem processo de estruturação e que devem ocupar espaços significativos na vida cultural e política brasileira. Trata-se do movimento juvenil que se organiza dentro do Movimento dos sem Terra - o MST -, e o movimento juvenil que se estruturou em 2001 no Interior do Fórum Social Mundial, realizado na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. São histórias de um novo século que se anuncia desafiador para toda a humanidade e que, por isso mesmo, nos permite imaginar o quanto mobilizará corações e mentes dos jovens de todos os continentes. (idem, p 111).

Vamos nos aproximando da última década do século XX, para encontrar movimentos juvenis que indicam a permanência de conteúdos políticos e culturais tanto do passado como do

presente. Através da incorporação de aspectos da cultura e da política contemporâneas, eles caracterizam as atuais práticas de contestação ou de campanhas de massa, com a presença da mídia. Esta foi uma das características dos “carapintadas”.

Com relação ao nome dado aos jovens estudantes que lutaram pelo impedimento do exercício da Presidência de Fernando Collor de Mello, eleito em 1989, esse derivou do fato de a sua maioria pintar o rosto com as cores da bandeira brasileira - verde, amarelo, azul e branco. Nos anos de 1990, o ânimo juvenil também tomou conta dos meios de comunicação de massa, que buscaram se apropriar do movimento e do encanto trazido às ruas pelas novas gerações de estudantes, secundaristas e universitários. (idem, p 105)

A importância dos *carapintadas* na história da juventude brasileira ocorre do fato de que Collor foi o primeiro Presidente da República deposto, através de um amplo movimento de massa, preservando-se a ordem constitucional e democrática. Antes dele, outros haviam sido destituídos de forma traumática, como João Goulart, pelo golpe militar, em 31 de março de 1964; Getúlio Vargas, levado ao suicídio, em 24 de agosto de 1954; Washington Luis, pela conhecida Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas.

Os *carapintadas* passam a ser conhecidos como uma categoria que é utilizada até hoje para designar uma geração específica dos jovens da década de 1990 e seu estilo - uma atitude de indignação com as políticas instituídas e um sentimento de potencialidade e capacidade de lutas.

Como os demais movimentos juvenis brasileiros os *carapintadas* também foram antecidos por uma mobilização de forças políticas institucionalizadas, que lutavam pela defesa da ordem republicana. No dia 11 de agosto de 1992, oficialmente Dia do Estudante, as entidades nacionais estudantis realizaram passeata na capital do Estado de São Paulo, reivindicando o *impeachment* do então Presidente. A União Nacional dos Estudantes e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, respectivamente UNE e UBES, associaram-se para liderar essa mobilização pelo *impeachment*. E, em 30 de setembro do mesmo ano, o Congresso Nacional aprovou o relatório da CPI. Naquele dia, os *carapintadas* tornaram-se centro de uma grande festa popular.

Ocorreu nesse movimento uma conjugação de duas experiências de mobilização juvenil. Os principais parlamentares que atuaram pela instalação da CPI contra o presidente Fernando Collor de Mello eram os antigos líderes do movimento

estudantil de 1968, entre eles José Dirceu e José Genoíno, então deputados federais. Enquanto eles agiam no Parlamento, os jovens atuavam nas ruas. Os carapintadas podem ser considerados, assim, os integrantes do último movimento ético-político-juvenil de massa, brasileiro, do século XX (idem p. 106)

Eles trouxeram a possibilidade de afirmação cultural da juventude estudantil através de expressões lúdicas, folclóricas, populares e carnavalescas. Outros movimentos, é bem verdade, ensaiaram se constituir, mas mantiveram caráter embrionário até o ano de 2001. Foram eles: o da juventude do MST - Movimento dos Sem-Terra -, que promoveu três encontros anuais de formação política, no interior de uma universidade no Estado de São Paulo, e o iniciado pelos integrantes do I Fórum Mundial da Juventude, realizado em Porto Alegre, por ocasião do II Fórum Social Mundial.

Talvez, como os movimentos que surgiram nas primeiras duas décadas do século XX, esses também tomarão algum tempo para se constituírem como referência de políticas de juventude.

Segundo Sousa (1999:80), “a participação em um movimento será o novo modo que a população brasileira encontrará e desenvolverá para fazer frente a um Estado modernizante e repressivo”. Em sua interpretação, a autora afirma que esses movimentos contestam o Estado pelas dificuldades de acesso ao sistema de decisões, ao mesmo tempo em que esperam dele uma função provedora.

(...) as pessoas se articulam na troca de experiências, que funciona como um dispositivo informal pelo qual se reforçam os laços interpessoais nos militantes. Essa troca funciona também como um diluidor de tensões acumuladas e como fator de homogeneização da linguagem por meio da reafirmação de códigos ético-políticos já reconhecidos” (SOUSA,1999:86)

A autora afirma que, nesses movimentos, defende-se também o direito de participar de decisões que afetam o destino de seus membros e o respeito por suas formas culturais. A caracterização de um novo modelo cultural nesses movimentos passa ainda pela tentativa de democratização das práticas cotidianas internas ao grupo e pela conseqüente ampliação da presença de mulheres e jovens nos movimentos, tendo-se tornado majoritária em alguns casos, como em certos grupos de bairro, grupos locais, etc.

O que está em jogo nesse momento é a própria visão de transformação social, que conduz a juventude disposta à militância para a escolha de uma prática com fins estratégicos, voltada para uma transformação revolucionária ou para a solução de problemas cotidianos (SOUSA 1999:88).

Assim, diante das manifestações que formam a história dos jovens, encontramos uma nova onda: do consumo pela beleza, estética e pela imagem corporal. Outras formas de manifestação se fazem presente com a organização de grupos e tribos urbanas. Para efeito de nosso estudo, investigamos a presença das manifestações corporais entre os grupos de jovens preocupados com a estética corporal, os quais podem ser produto de uma cultura ou da manipulação ideológica. Para isso, nos capítulos que seguem, iremos tratar dos dois temas: Cultura e Ideologia, aos quais dedicamos parte de nossos estudos para compreendermos o movimento jovem em busca do culto ao corpo, na busca de padrões e modelos ideológicos propostos pela sociedade.

Parte II - Subcultura Jovem, Culto ao Corpo e Ideologia.

Ao iniciarmos este capítulo, torna-se fundamental definir o termo antropológico Cultura, que pode ser entendida como um conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social.

Segundo Abbagnano (2003:228),

essa palavra hoje é especialmente usada por sociólogos e antropólogos para indicar um conjunto de modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra, entre membros de determinada sociedade. Assim, cultura não é a formação do indivíduo em sua humanidade, mas a formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem.

Nesta tese, vamos trabalhar com o conceito de subcultura jovem, a qual pode ser definida como um grupo (minoria) ou segmento do grupo social (jovens), caracterizado por uma combinação de situações sociais diversas (como nas academias e clubes), e cujo padrão de comportamento é suficientemente uniforme para distingui-los, como uma subdivisão, dentro de uma cultura mais geral, influenciados pela ideologia dominante. Esta subcultura jovem está recoberta por uma ideologia.

Segundo Whitaker (2003:16),

O conceito de ideologia era exatamente o contrário do conceito de cultura. O conceito de cultura era para compreender outros povos, outras sociedades e o conceito de ideologia era para desmistificar, desmascarar, denunciar, desvelar a própria sociedade ocidental. O conceito de ideologia era aplicável à sociedade

capitalista e não havia nele nenhuma boa vontade para com aqueles que tinham que ser desmascarados, assim, a classe dominante impunha sua visão de mundo sobre os dominados que incorporavam-na. Então, o conceito de ideologia tinha, naquele momento, uma intenção política.

Assim, afirma que a ideologia “cria uma ilusão de que as causas dos fenômenos são outras e não aquelas que se deveriam descobrir como tais”. Segundo a autora,

existe o conceito de ideologia como falsa consciência que finca suas raízes no pensamento de Marx e Engels, e existe o conceito de ideologia como visão de mundo, elaborado no século XX. [...] Esse conceito de ideologia, como visão de mundo, acaba sendo muito útil, dependendo do tipo de análise que se está fazendo. Já o conceito de ideologia como falsa consciência, tem maior utilidade quando há a intenção de desmascarar os processos de opressão e dominação. (WHITAKER, 2003:16-29)

Para a autora, a ideologia não faz parte da cultura, pois este é um aspecto da sociedade que implica em integração enquanto a ideologia é um aspecto da sociedade que implica em dominação e desintegração.

A obra “A Ideologia Alemã” (Die Deutsche Ideologie) teve seu primeiro capítulo escrito em 1845 e 1846 por Karl Marx e Friedrich Engel, sendo considerado como um dos mais importantes livros escritos por estes dois autores, marcando uma fase intelectual mais avançada de Marx, além do rompimento do mesmo com o chamado hegelianismo¹³ de esquerda. O objetivo fundamental da obra é fazer uma crítica aos "jovens hegelianos", principalmente os filósofos Ludwig Feuerbach¹⁴, Bruno Bauer¹⁵ e Max Stirner¹⁶ (que dão títulos aos três capítulos do livro), como produtores de uma ideologia alemã conservadora, apesar de se auto denominarem teóricos revolucionários.

Em sua obra, afirma que a consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos

¹³ Doutrina de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo alemão, e de seus seguidores, idealismo absoluto que identifica a realidade com a razão ("todo real é racional"), compreendida esta por meio do desenvolvimento histórico da consciência, do que resultou a criação do método dialético.

¹⁴ Filósofo alemão, Feuerbach é reconhecido por sua teologia humanista e pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx.

¹⁵ Filósofo, Teólogo e Historiador Alemão, Bauer estudou sob a orientação direta de Hegel até a morte deste. Hegel certa vez o concedeu um prêmio acadêmico por um ensaio filosófico criticando Immanuel Kant.

surtem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico.

Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens, da sua atividade real. É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, a sublimações necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais.

Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar este assunto, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, e na segunda, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência unicamente como sua consciência.

A relação entre o domínio das representações e o da realidade (não discursiva) é indicada por Marx nos termos de ‘emanação direta do comportamento material’, o que permitiu pensar que a leitura da problemática da ideologia nos reflexos obedeceria a um efeito de inversão (como resultado do processo de vida histórica) similar ao ocorrido na câmara escura da fotografia (onde está presente um sistema de lentes convergentes), ou ainda na retina (como resultado do processo de vida diretamente físico).

Eco (1990:19) em artigo sobre a ideologia, diz :

Atenho-me a uma definição compreensível, abrangente e genérica, e defino a ideologia como uma visão de mundo, uma perspectiva sobre as coisas, que quando

¹⁶ Johann Kaspar Schmidt, conhecido pelo pseudônimo Max Stirner, foi um escritor e filósofo alemão, com trabalhos centrados no existencialismo, nihilismo (descrença absoluta) e no Anarquismo individualista.

está consciente de sua parcialidade, e a declara, pode se converter num útil instrumento de ação política (ou de análise da realidade); se em contrapartida não se reconhece como tal ou não admite ser parcial como todas as ideologias, converte-se precisamente em falsa consciência.

Também encontramos em Chauí (1984) algumas definições importantes sobre Ideologia. Segundo a autora, um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tornar as idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas.

Assim, é possível interpretar na leitura de Chauí (1984) que os homens produzem idéias ou representações da própria vida individual, social e de suas relações com a natureza. Essas idéias ou representações sociais podem ser resultado de exploração econômica e de dominação política. A possibilidade de ocultamento da realidade social pode ser chamada de ideologia e, por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e dominação, fazendo com que apareçam verdadeiras e justas.

Segundo Chauí (1984:25),

o termo possui dois significados: por um lado, ideologia continua sendo aquela atividade filosófica-científica que estuda a formação das idéias a partir da observação de relações entre o corpo humano e o meio ambiente, tomando como ponto de partida as sensações; por outro lado, ideologia passa a significar também o conjunto de idéias de uma época, tanto como opinião geral quanto no sentido de elaboração dos pensadores dessa época.

Assim, em termos de materialismo histórico e dialético, é impossível compreender a origem e a função da ideologia sem compreender a luta de classes, pois a ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classes, tornando-se um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados, cristalizando em verdades a visão invertida do real.

É possível aceitar que a ideologia é algo “controlado pelo grupo dominante”, enquanto a cultura é algo natural, apropriado pela vivência cotidiana, sendo incorporado e absorvido através das ações humanas, auxiliando na compreensão do outro.

Chauí (1984) afirma que a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras de conduta que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, e o que devam pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Para a autora, a ideologia é um corpo representativo de normas regras e preconceitos. A ideologia tem como função dar à sociedade a explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais sem jamais atribuí-las a diferenças de classes.

Então, a autora afirma que a ideologia é uma máscara da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela, tomamos o falso por verdadeiro, o injusto por justo.

As características da ideologia são definidas como função de assegurar determinada relação dos homens entre si e com suas condições de existência, adaptando os indivíduos às tarefas prefixadas pela sociedade. Também constitui um corpo sistemático de representações que nos ensinam a pensar e a agir. Aceitação e coesão dos homens sem críticas das tarefas mais penosas e pouco recompensadoras em nome de algo comum, como a Pátria, por exemplo. Ou, simplesmente, como ordem natural das coisas. As diferenças de classes e os conflitos sociais são camuflados, com a descrição das sociedades de forma harmônica. O que também caracteriza a ideologia é a neutralização, na medida em que são consideradas naturais as situações que, na verdade, são produtos da ação humana.

A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade. Consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também o faça no plano espiritual (idéias).

Antes de referenciar a questão da subcultura jovem, seria prudente buscarmos algumas definições necessárias, as quais devem contribuir para o melhor entendimento das discussões que seguem.

Geertz (1989) sustenta-se nos parâmetros originários da antropologia simbólico-interpretativa, embasados na hermenêutica, com uma construção intelectual fundamentada em uma atmosfera de diversidade, pluralismo e conflito, o que é intelectualmente vital para uma disciplina.

A palavra hermenêutica sugere o processo de trazer uma situação ou uma coisa, da inteligibilidade à compreensão, ou seja, tornar compreensível. Ou ainda, o estudo dos princípios metodológicos de interpretação e explicação. A interpretação é moldada pela questão a partir da qual o intérprete aborda o seu tema, ou, tematizações de respostas às questões que os diferentes intérpretes levantaram. Ela fornece interpretações válidas moldadas pelo curso das interrogações. Orienta-se não só em como obter interpretações válidas, mas também, na natureza ou dinâmica da própria compreensão.

A interrogação do ser humano sobre si mesmo, a sociedade e o seu saber é tão antiga quanto a humanidade. Existe, de forma geral, um leque de abordagens interpretativas nas Ciências Sociais, que culmina em sentidos e especificidades determinadas, caso a caso. No cenário antropológico, Geertz é considerado proponente e defensor do movimento em prol da cultura, entendida como um sistema simbólico.

Segundo Prochnow et al (2005:283),

Nessa linha de pensamento, o conhecimento antropológico surge das práticas simbólicas e dos discursos embasados nas diferenças e suas fronteiras. Assim, a busca do conhecimento pela antropologia interpretativa ocorre pelo esforço de entender o outro - o diferente. Para utilizar a ciência social interpretativa, em geral, é importante estar ciente de que as incertezas e as ambigüidades fazem parte do processo de forma intensa, pois trocam as relações causais, cíclicas, por uma gama de tentativas de explicação, em um contexto particular, no qual surgirão inúmeras dificuldades desconhecidas. A proposta de Geertz visa a interpretação das experiências, para depois utilizar os relatos daquelas interpretações a fim de chegar a algumas conclusões sobre expressão, poder, identidade, ou justiça, sentimo-nos, a cada passo, bem distantes de estilos-padrão de demonstração. Utilizamos desvios, encontramos por ruas paralelas.

Geertz (1989) analisa os entendimentos diferentes dos já estabelecidos culturalmente. Sua teoria se refere a interpretações que transformam em conhecimento científico aquilo que ele considera

as implicações mais gerais dessas interpretações; e um ciclo recorrente de termos - símbolos, significado, concepção, forma, texto [...] cultura - cujo objetivo é sugerir que existe um sistema de persistência, que todas essas perguntas, com objetivos tão diversos, são inspiradas por uma visão estabelecida de como devemos proceder para construir um relato da estrutura imaginativa de uma sociedade (p.52)

Compreende-se, assim, que as formas do saber relacionam o que se vê no lugar onde foi visto, incluindo seus revestimentos e instrumentos ao seu aprendizado, o que constrói um sistema de significado simbólico, ou seja, as estruturas conceituais dos fenômenos sociais.

Segundo Prochnow et al. (2005:287), em face disso, cultura é definida como

as teias de significados que o homem teceu e nas quais ele enxerga seu mundo, sempre procurando seu significado. Os praticantes da antropologia, como ciência interpretativa, constroem uma análise do significado que é constituído e estabelecido socialmente, sendo "essencialmente semiótico", por conseguinte, surge de um contexto com sistemas entrelaçados de símbolos públicos interpretáveis. Como a análise da cultura transpõe o próprio corpo do objeto, ela conduz o pesquisador a iniciá-la com interpretações sobre o que se imagina que pretendem os informantes para, após, sistematizá-las como um fato natural.

Assim, as configurações do saber "são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros". Tal afirmativa leva ao aguçado sentido de que a antropologia sempre considera a história, o contexto da inter-relação existente, portanto, torna-se relevante sua contribuição na forma de se pensar a sociedade, o homem, seu saber na atualidade, denotando suas contribuições como ciência que proporciona uma "arena de debate especulativo".

Geertz (1989) pressupõe que as interpretações ganham significado quando os acontecimentos são inspecionados por determinadas pessoas em determinados contextos, tais como um cristal que, diante do reflexo solar, gera muitas cores de diversas tonalidades, ou seja, a revelação somente acontece a partir da aplicação do sol; pois, até aquele momento, o cerne do fenômeno ainda estava oculto, demonstrando apenas seu aspecto explícito. Vale dizer que cada

pessoa de um grupo social verá diferentes tonalidades e diferentes formas de um mesmo fenômeno. Utilizando-se a metáfora do cristal, é possível compreender como se dá a interpretação antropológica embasada em Geertz.

Segundo Prochnow et al. (2005), nessa via de reflexão, entende-se que a antropologia interpretativa pode contribuir substancialmente para a retomada do ensino de modo a acreditar que determinadas pessoas possuem a mesma natureza de outras; portanto, que seja possível se verem entre outras, como apenas mais uma diante da forma que a vida humana adotou em determinado lugar, em um mundo entre mundos. Dessa maneira, compreende-se que tudo e todos estão interligados, estão em busca da interpretação do seu papel particular, num determinado contexto social.

Ainda sobre Cultura, a área educacional, destacamos a obra de Chauí (1980) que retoma a experiência histórica do populismo, onde as expressões "cultura popular" e "cultura do povo" provocam certa desconfiança e vago sentimento de mal-estar. No entanto, convém admitir que tais reações nascem da lembrança do contexto político em que aquelas expressões foram abundantemente empregadas, portanto com fim ideológico.

Sobre a cultura popular, a autora afirma que :

Quando se fala na cultura popular, não enquanto manifestação dos explorados, mas enquanto cultura dominada, tende-se a mostrá-la como invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, envolvida pelos valores dos dominantes, pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e exploradora, em suma, como impotente face à dominação e arrastada pela potência destrutiva da alienação (CHAUÍ, 1980:63).

Sobre a sociedade e as classes sociais, a autora afirma que a sociedade encontra-se "impossibilitada de relacionar-se consigo mesma, a não ser recusando aquilo que ela própria não cessa de repor, isto é, a articularização extrema de suas divisões internas. Este movimento denomina-se alienação (CHAUÍ, 1980:64).

Chauí (1980:40) defende a diversidade entre a cultura do povo e a das elites a partir de uma questão precisa: a cultura do povo é ou não uma recusa explícita ou implícita da cultura das elites?

No caso afirmativo estaremos diante de culturas realmente diferentes que exprimiriam a existência de diferenças sociais, podendo admitir que sociedade não é um todo unitário, sendo internamente dividida. Essa divisão se daria dentro do autoritarismo das elites, vindo abater-se contra a cultura do povo para anulá-la, absorvendo-a numa universalidade necessária à dominação em uma sociedade fundada na luta de classes.

Ainda afirma que “cultura do povo” como uma forma diferenciada de representar e interpretar a relação com a natureza e com os homens. “Considerar a cultura como sendo do povo permitiria assinalar mais claramente que ela não está simplesmente no povo, mas que é produzida por ele” (CHAUI, 1980:43).

Para Giddens (1991:32), é possível observar o “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço”. Nesse sentido, as relações sociais são moldadas em termos de influências sociais determinando outra forma de percepção do indivíduo em relação ao mundo, potencializando sua capacidade reflexiva, aumentando sua capacidade de articular a multiplicidade de informações a que tem acesso.

A partir dessas reflexões, Giddens (1991) consegue sistematizar as principais tendências que caracterizam as transformações culturais e notadamente as relativas ao fenômeno da cultura de massa, ocorridas no último século, associando evolução tecnológica e material às transformações de ordem cultural e/ou subjetiva dos indivíduos. Ele oferece um corpo de conceitos que nos possibilita analisar outras formas de interação e sociabilidade. O impacto das revoluções culturais sobre as sociedades globais e a vida cotidiana local, no final do século XX, parece tão significativo e abrangente que justifica a afirmação de que há uma substantiva expansão da cultura.

Aqui, é possível realizarmos uma breve reflexão sobre o desenvolvimento ou expansão da cultura. O que me parece estar surgindo é a indústria cultural. Percebemos a expansão da produção de várias formas de culturas agregadas a uma cadeia tecnológica formada pelo processamento de informações (livros, cds, dvds) em grande escala, que de certa forma facilitaria o acesso à informação na sua forma antropológica de cultura ou criando novas formas ideológicas.

Nesse sentido torna-se necessário evidenciar o papel da Indústria Cultural que, ao ressaltar a importância do indivíduo e de um produto criado especialmente para este, fortalece cada vez mais a ideologia, enfraquecendo e ocultando cada vez mais a cultura e a realidade.

Cada produto apresenta-se como individual; a individualidade contribui para fortalecimento da ideologia, na medida em que desperta a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio de imediatismo e de vida. A indústria cultural mantém-se como na origem ‘a serviço’ das terceiras pessoas, e mantém sua afinidade com o superado processo de circulação do capital, que é o comércio, no qual tem origem. (ADORNO, 1971:289)

Bertoni (2007) afirma que , por meio da dependência e da ilusão da resolução de todos os problemas, é que o homem se deixa seduzir pelos apelos da Indústria Cultural. “É o comércio e não a valorização do desenvolvimento do sujeito, o objetivo último da Indústria Cultural. É desse instrumento que se vale a mídia televisiva para alcançar seus consumidores”. (BERTONI, 2007:45)

É por meio da ideologia da indústria cultural que o conformismo substitui a consciência que, de maneira enganadora, se apresenta como resolução dos conflitos da vida real com a determinação de resolvê-los aparentemente.

A satisfação compensatória que a indústria cultural oferece às pessoas ao despertar nelas a sensação confortável de que o mundo está em ordem, frustra-as na própria felicidade que ela ilusoriamente lhes propicia. [...] Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. [...] Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para a qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam (ADORNO, 1971:295)

Assim, a ideologia vincula-se à indústria cultural na tentativa de, enganosamente, ocultar o real, fazendo-nos acreditar que o consumo será o grande realizador de nossos desejos e a solução dos conflitos da vida cotidiana. Segundo Bertoni (2007:46),

Um dos mais poderosos instrumentos da Indústria Cultural é, sem dúvida alguma, a televisão. Este se tornou um dos veículos de comunicação de fácil acesso que adentra os lares das diversas camadas sociais da população brasileira. Sobre a televisão, WHITAKER (2005:211) a considera como ‘veículo de comunicação que ao mesmo tempo apreende, revela e oculta o real’. Neste jogo de mostrar e esconder confunde-nos com os traços supostamente culturais, enganando-nos com a falsa consciência de que somos o que consumimos.

Segundo Adorno (1985:131),

[...] a indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo, o busto do suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo”.

O autor nos dá precisas indicações para a compreensão da indústria cultural, na forma como se estrutura por meio do esporte, da racionalidade instrumental, da “tecnologização” do corpo e da produção da crueldade, brutalidade e sadismo, praticados por algumas modalidades esportivas como as lutas, nas quais os espectadores costumam gritar e vibrar diante do massacre do adversário.

Extrapolando o sentido antropológico do termo, ou seja, um sistema de valores e normas de comportamento que orientam a prática humana, o conceito de cultura passa a assumir outro significado no século XX. Segundo Hall (1997), na série de transformações socioculturais da contemporaneidade, é possível observar o crescimento da importância da ideologia como fenômeno de mercado, que passa a exercer um papel central na nossa existência cotidiana. Em suas palavras, a expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. Para nós, esta cultura é uma visão ideológica do fenômeno de mercado.

Entretanto, podemos entender que a cultura é formada pelo conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Trata-se de um conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, manifestada em todos os aspectos da vida, desde a sobrevivência, normas de comportamentos, crenças, valores espirituais e regras que regulam a vivência em grupo.

A busca da compreensão do desenvolvimento dos jovens permitiu-nos identificar suas manifestações que se tornam base objetiva de vários movimentos presentes no País. Esses movimentos sociais ou culturais devem constituir-se a base para novas estruturas juvenis, as quais surgem em meio à ideologia, alavancando a organização de novas formas de manifestações juvenis.

No mundo atual, o jovem convive constantemente com a tecnologia, interagindo com os meios de comunicação de massa, os quais geram e representam práticas culturais amplas e variadas. A necessidade de consumo para manter-se no mercado levou a uma diversificação de gostos e de busca por informação, criando um mercado segmentado por classe social, gênero, idade e etnias.

Morin (1987:39) afirma que

a temática da juventude é um dos elementos fundamentais da nova cultura. Não são apenas os jovens e os adultos jovens os grandes consumidores de jornais, revistas, discos, programas de rádio, mas os temas da cultura de massa são também temas jovens.

É importante perceber que a visibilidade da “juventude” dá-se em um período em que os meios de comunicação tornam-se massivos e se desenha um triângulo difícil de ser visto separadamente que é formado por diversas formas de mediação, grande variedade nas formas de consumo e grupos diversificados de subcultura jovem. Na mídia, a música torna-se fundamental para entender a cultura juvenil.

Morin (1987:138) explica que a música e o cinema juntos solidificam o surgimento da cultura jovem. “Vem a onda do rock, em torno da qual cristalizam-se não apenas um gosto juvenil por uma música e uma dança particularmente intensas, mas quase uma cultura.”

Esse novo público demarca seu modo de vida através de roupas, vocabulário e a ocupação de espaços nas cidades. As “turmas” ou “tribos” vão se formando.

Desde os anos 50, já começavam a aparecer, marcadamente nas ruas de Londres, os chamados teenage styles, ou seja, os grupos de adolescente e jovens com seu estilo unificado pelo gosto musical. Surgiram então os mods, rockers, rockabillys” (PALOMINO, 2002: 59).

Assim, os jovens criam suas próprias regras e forma de viver, construindo uma nova identidade cultural, libertando-se dos padrões estabelecidos e impostos pelos adultos. Esse impacto levou a sociedade a perceber que os jovens viviam em um mundo diferente dos adultos. Muitas vezes essa diferença se torna hostil, sendo marcada por ações e atitudes de rebeldia e a necessidade permanente de afirmação de uma identidade própria e contrária aos padrões impostos pela sociedade adulta.

O jovem está presente como um elemento perturbador. Ao mesmo tempo em que alimenta a “indústria cultural” também se reinventa através dela. Os meios de comunicação são o palco para a propagação de imagens juvenis de rebeldia, heroísmo, moda, gostos e identidades. A juventude é uma fonte de modos de expressão que apropria e é apropriada pelo consumo. É uma negociação permanente com espaço para as diferenças (GUMES, 2004).

A juventude começa a construir um novo estilo de vida. Segundo Gumes (2004), Featherstone define estilo de vida afirmando que

no âmbito da cultura de consumo contemporânea conota individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor (FEATHERSTONE, 1995:119 apud GUMES, 2004).

Para Gumes (2004), na sociedade contemporânea, a noção de estilo de vida torna-se eficaz por indicar uma sociedade em que as classes sociais são mais fluidas, fragilizando teorias ancoradas fortemente em divisões sociais, que se tornam insuficientes para entender práticas culturais atuais. A noção de estilo de vida torna-se mais apropriada que a de subcultura, fragilizando as divisões sociais ou a ordem estabelecida para implementar um novo conceito ideologicamente próprio que é o estilo de vida.

Gumes (2004) diz que

subculturas autênticas são em sua essência construções da mídia, membros destas subculturas adquirem um senso deles mesmos e de suas relações com o resto da sociedade pela forma como são representados nos meios de comunicação. Assim, argumenta Thornton, subculturas não germinam de uma semente e crescem por força de sua própria energia em um misterioso movimento interno somente para ser, surpreendentemente, digerido pelos meios de comunicação. Certamente os meios de comunicação são efetivamente de onde vem o 'start'. (ibid, p117).

Torna-se difícil pensar subculturas juvenis separando-as da ideologia das mídias e do subjacente consumo, espaços legítimos de práticas culturais que são partes de uma rede poderosa para a construção de significados e identidades.

Gumes(2004) afirma que

a conexão entre a literatura beat, o rock'n'roll e o cinema da cultura juvenil dos anos 50 não foram em vão. Ela foi o combustível para o surgimento da contracultura. Theodore Roszak conceitua o termo Contracultura como o interesse de jovens pelo misticismo oriental, drogas psicodélicas e experiências

comunitárias e uma constelação cultural que divergia dos valores que constituíam a sociedade ocidental desde a revolução científica do século XVII.

Nascida nos anos 60, a Contracultura é um dos movimentos mundiais juvenis mais importantes do século XX. Com ela vem à tona uma nova configuração cultural, independente do padrão vigente, que adota outras formas de viver : ecologia, drogas, esoterismo, amor livre. Os jovens vão às ruas. O espírito de inquietude os leva a apoiar o pacifismo, manifestações contra a guerra do Vietnã, a luta em favor das minorias (negros, mulheres, homossexuais). É o início de uma época com a valorização do jovem como protagonista da história.

Conhecidos como hippies, os participantes da Contracultura podem ser como uma tribo urbana, cujo imaginário e estética cruzam as fronteiras dos Estados Unidos e percorrem o mundo. A idéia de “jovem” se expande. A Contracultura transforma garotas e garotos em modelos a serem seguidos por parte da sociedade.

Mesmo percebendo que o adulto é o grande comandante das civilizações, Morin (1987) considera que é o jovem quem dá o ‘start’ nas mudanças que serão operadas e cristalizadas pela vida adulta:

o tipo de homem que se impõe nas sociedades históricas é o homem adulto. Mas esse homem, no mundo contemporâneo, sofre a concorrência, nos momentos de crise, do homem jovem, até mesmo do rapaz. Saint-Just, Robespierre são heróis quase adolescentes da primeira grande revolução dos tempos modernos: depois, foram, sempre as jovens gerações que estiveram à frente dos movimentos revolucionários”. (MORIN, 1987:147).

Em “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, Hall explica o fenômeno da identidade que nunca se completa, estando sempre sendo construída:

A identidade não é tão transparente ou sem problemas como nós pensamos. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação (HALL, 1996:68).

Assim, é possível afirmar que ao mesmo tempo em que a juventude consome o que é oferecido como cultura jovem (embora ideológico), também recria identidades para demarcar diferenças em relação às representações que os meios de comunicação veiculam.

Nesse cenário de identidades juvenis multifacetadas, o hip hop, nos anos 80, esboça uma identidade juvenil das periferias dos centros urbanos. Nela, jovens negros urbanos transformam sua forma de viver em música (rap), artes plásticas (grafite) e dança (break) que ocupa um lugar de destaque na ambiência ocidental. No Brasil, o hip hop chega no final dos anos 80. O grupo paulistano Racionais MCs, o mais famoso do Brasil, fez sua primeira gravação em 1988 na coletânea “Consciência Black”. O sucesso do grupo veio com o CD independente “Sobrevivendo no Inferno”, de 1998, que vendeu 500 mil cópias.

Segundo Gumes (2004),

"O hip hop – relacionado à juventude negra, cria um novo contexto, uma nova estrutura gerando mais uma identidade juvenil. O estilo, mesmo passando pelo mercado e chegando aos brancos (como música, atitude, moda), mantém, através dos seus elementos estéticos (rap, grafite, break), ligações profundas com a desigualdade social – uma realidade da juventude negra urbana dos centros cosmopolitas. O hip hop é a identidade de uma juventude em sociedades que lhe reservam apenas o lugar das estatísticas em desemprego e violência. Na periferia dos grandes centros urbanos, o hip hop tornou-se uma necessidade de afirmação política, social e econômica para milhares de jovens negros e pobres transformando o rap na trilha sonora dos excluídos dos grandes centros urbanos"
(GUMES,2004:119)

Nesse ambiente, diverso dos anos 50, 60, 70, é preciso usar outros conceitos para entender a realidade juvenil contemporânea. Stuart Hall dá pistas sobre a juventude contemporânea. As estruturas mudam e o sujeito muda. Sua identidade é fragmentada.

Segundo Hall (2001:13),

A identidade tornou-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao

invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar –ao menos temporariamente.

Gumes (2004) afirma que o jovem historicamente dispõe de um vasto leque de estigmas¹⁷: delinqüente juvenil, *beatnik*, *hippie*, *punk*, comunistas, *hip hop*, *clubber*, antiglobalizante, em um processo permanente de aproximação, distanciamento ou reconstrução.

O comportamento do consumidor diante da possibilidade de aquisição de um produto como parte do desejo que antecede uma realização de compra, e a forte influência dos meios de comunicação, apropriando-se da imagem como principal código de comunicação, acabam seduzindo-o no ato da venda. Essa situação faz com que ocorra um grande investimento no poder da mídia, forjando mecanismos que mantenham os homens presos à dinâmica do consumo compulsivo, definindo modelos de comportamento, para depois cercá-los com inúmeros produtos cuja aquisição torna-se a condição para o pertencimento ao grupo específico .

Dentro da sociedade contemporânea estamos cercados de imagens por todos os lados, estamos acostumados com sua presença e com sua constante substituição. Novos jornais aparecem nas bancas, novos cartazes nos muros, e, na televisão, sua velocidade é tal que mal conseguimos fixar as imagens que duram décimos de segundos. O código da imagem invadiu todos os setores de nossas vidas, de forma que nem percebemos, e, de tão forte, podemos dizer que interfere na construção da nossa subjetividade. Somos consumidores, experienciamos a fantasia, o movimento de desejo que antecede o consumo, olhando vitrines, folheando páginas dos catálogos dos produtos de uma loja, ou ainda visitando sites de venda pela internet. Consumimos com os olhos, descartamos produtos que nem sequer experimentamos, compramos produtos que nem sequer precisamos, e quase não percebemos a influência que têm sobre nós.

Essa fantasia é a fascinação, a vulnerabilidade, o desejo; a projeção da possibilidade de aquisição do produto é o movimento de desejo que antecede o consumo. Este é o modelo de atitude perceptiva que satura a vida moderna, em particular a sociedade de consumo de massa e é fonte de suas ilusões. Assistir televisão, ouvir rádio, ler jornal, etc. são as atividades que preenchem a vida

¹⁷ Nesta relação aparece o estigma que é “um atributo profundamente depreciativo” e que, aos olhos da sociedade, serve para desacreditar a pessoa que o possui. Segundo GOFFMAN (1988:07) o indivíduo estigmatizado é visto como uma pessoa que possui “uma diferença indesejável”. O estigma é atribuído pela sociedade com base no que constitui “diferença” ou “desvio”, e que é aplicado pela sociedade por meio de regras e sanções que resultam no que ele descreve como um tipo de “identidade deteriorada” para a pessoa em questão.

das pessoas nesta sociedade, mais particularmente seus momentos de lazer, quando tentam escapar da opressão do trabalho. O que torna este comportamento generalizado é o fato de ocorrer quando se tem diante de si a possibilidade de substituição ou descarte do objeto, isso é o que possibilita o prazer antecipado que o consumidor tem, pois sabe que pode adquirir o produto, sabe que é acessível e que não vai acabar.

A gratificação imaginária acontece porque o consumo é possível, o produto é acessível para quem tem moeda, o consumidor fica gratificado de ver o produto na vitrine, já vai desfrutando do produto bem antes de tê-lo. (MARTINS, 1998:55).

Esse processo intensifica a superficialidade da relação do homem com o mundo e com os outros homens. A ideologia divulgada, segundo a qual todos deveriam adotar um estilo próprio e individual pela escolha livre e pessoal de modos de vida, não pode ocultar o fato de que não somente a gama de opções viáveis de modos de vida como também a própria consciência e a própria escolha do indivíduo são fortemente coagidas e programadas por forças sociais que estão normalmente muito além de seu poder – enquanto indivíduo – de resistir, para não falar em controlá-las (SHUSTERMAN, 2002:222).

Para Foucault (2002:161), *“o indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama disciplina”*.

Podemos considerar que esta ideologia da disciplina corporal sempre existiu e foi imposta à sociedade, determinando padrões de beleza estética. De certa forma, a maior contribuição para fixarmos este pensamento está na natureza dominante de uma ideologia sobre a questão da imagem corporal dentro do mercado consumidor. É possível relacionarmos uma centena ou mais de empresas que abastecem o mercado do corpo, do culto ao corpo e da cultura corporal.

Hoje encontramos uma juventude que ainda luta por liberdade em alguns movimentos, que podem ser culturais ou ideológicos. Nossa inquietação está no sentido de que, nesse processo, a juventude estaria se tornado refém das próprias conquistas, as quais não se caracterizam pela cultura, mas sim por uma ideologia. Dentro dos conceitos que vários autores apresentam, podemos citar Morin (1975) como referencial para nossas conclusões.

Uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses (MORIN,1975:11).

Talvez a principal colaboração do autor seja o fato de levar a sério o componente imaginário e simbólico representado nos produtos da cultura de massa. Dessa forma, Morin (1975:11) entende que a cultura fornece pontos de apoio entre a vida real e o imaginário, através de processos de identificação e de projeções que os indivíduos e grupos sociais constroem a partir dos símbolos culturais. Ainda afirma que a procura de um público variado implica na procura de variedade na informação ou no imaginário; e a procura de um grande público implica na procura de um denominador comum. (idem, p.28).

Sendo assim, a cultura de massa tende a atender as demandas do que Morin chamou de “homem médio universal”, uma espécie de anthropos universal, cujo paradigma repousa na noção de juventude. O homem médio é jovem.

A manifestação principal da cultura de massa, segundo Morin, é o espetáculo, que decorre de uma ênfase da cultura de massa no lazer, que por sua vez se relaciona com um tipo de organização do trabalho que entende o lazer como uma atividade reparadora.

A cultura de massa se apresenta como uma forma de lazer principalmente sob a forma do espetáculo. O espetáculo, para Morin, é uma manifestação de conteúdos estéticos que determinam uma forma de relação.

Existe, na relação estética, uma participação ao mesmo tempo intensa e desligada, uma dupla consciência. O leitor de um romance ou o espectador de um filme entra num universo imaginário que, de fato, passa a ter vida para ele, mas ao mesmo tempo, por maior que seja a participação, ele sabe que lê um romance, que vê um filme (ibid, p.65).

A cultura de massa opera uma valorização dos valores femininos, concentrados na estratégia da sedução, cujo paradigma é a mulher moderna, emancipada, sedutora. Ela propaga, através de sua maquiagem e vestuário, as idéias reunidas de “seduzir, amar, viver confortavelmente” (ibid, p.129).

A sedução da mulher moderna é, ao mesmo tempo, uma apologia à juventude. Dessa forma, ela atua sobre a adolescência tomando-a como fermento de suas temáticas viris e amorosas e fornecendo modelos de identificação fundados em uma homogeneização das idades em torno da variante juvenil.

Apesar de desenvolver uma análise detalhada e minuciosa das características da cultura de massa, Morin não é exatamente otimista em relação a essa cultura, entendendo que ela representa um bloqueio tanto do real quanto do imaginário “numa espécie de sonambulismo permanente ou de psicose obsessiva” (ibid, p.152).

O autor enxerga um componente de dominação, pois a cultura de massa se adapta aos já adaptados e adapta os adaptáveis, isto é, integra a vida social onde os desenvolvimentos econômicos e sociais lhe fornecem húmus; à revolta adolescente não consegue resistir muito tempo e deve sofrer a integração na nova e grande camada consumidora que adere ao modo de vida (p.153).

Estudos realizados por Castro (2003) analisando duas revistas significativas – *Corpo a Corpo* e *Boa Forma* – captou o que chama de “mídia, sociedade e corporeidade”, detectando a atração de formas bem delineadas imperantes hoje nas academias, sobre clientes ávidos por um corpo torneado. Além disso, a mídia tem produzido uma infinidade de quadros de transformação corporal, objeto de desejo dos indivíduos de qualquer poder aquisitivo, os quais nem sempre apresentam condições de manutenção da transformação provocadora que se impõe como modelo social consumista.

Atualmente, a condição de transformação corporal através de cirurgia plástica e ou o uso de produtos específicos para promover tal transformação levou o Brasil a tornar-se o país com o maior número de cirurgias estéticas da América. Além disso, o consumo de medicamentos inibidores do apetite, anfetaminas, atingiu um ponto alarmante, no qual o Brasil figura como maior consumidor mundial de drogas com esse componente ativo (BRASIL, 2007).

Assim, a transformação do corpo tornou-se alvo de um império comercial, através da qual as pessoas buscam a qualquer custo manter a obsessão pela beleza física prolongada, atendendo aos jovens, adultos e idosos. Qualquer receita que possa contribuir para este objetivo está fadada ao sucesso.

Soares (2003:14) afirma que “a tirania da aparência impõe uma obsessiva cruzada para que cada indivíduo se livre das marcas que caracterizam as passagens das idades, marcas que revelam as múltiplas histórias individuais e sociais”.

Carreira Filho (2005:05) afirma que,

O corpo humano deve ser simétrico e simetria pode ser considerada um dos inúmeros critérios de beleza corporal. No entanto, o caleidoscópio das formas corporais é tão amplo quanto às culturas existentes sobre a face da Terra e a beleza assume contornos próprios de cada comunidade. Os olhares do ser humano sobre o outro tendem a estabelecer padrões que são válidos no interior de uma determinada cultura. [...] A beleza é também avaliada em algumas modalidades esportivas em que o corpo deve ser apresentado com perfeito equilíbrio proporcional de suas partes aparentes - a simetria e definição muscular para o fisiculturista. A posse de um corpo belo ou simétrico será conquistada após a adequação a padrões e finalidades que são referenciadas por um determinado momento histórico e cultural.

Segundo Ribeiro (2006), os corpos são produções híbridas, biológicas, históricas e culturais, produções que estão constantemente sendo modificadas e (re)significadas em função das diversas formas com que eles têm sido pensados, narrados, interpretados e vividos, ao longo do tempo, pelas diferentes culturas. Citando Goellner (2003), afirma que um corpo não é apenas um corpo,

É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. (GOELLNER,2003:29).

A representação de modelos corporais vem interpelando especialmente os/as adolescentes, “que agregam a seus corpos marcas que funcionam como códigos identitários e que permitem reconhecer seu pertencimento a um determinado grupo cultural” (LOURO, 2000:71).

A forma como se vestem, falam e agem, os produtos que consomem e os lugares que freqüentam fazem uma demarcação simbólica, material e social de suas diferenças e de seus pertencimentos. Além disso, “membros de uma mesma tribo devem, como qualquer outro grupo cultural, compartilhar os mesmos códigos, falar a mesma linguagem e, nesse caso, buscar a mesma aparência” (LOURO, 2000:72).

Assim, membros de um mesmo grupo de adolescentes partilham significados e representações, buscando através de inúmeros marcadores tornar reconhecível as suas identidades individuais e grupais.

Dentro da Educação Física, convém salientar o trabalho desenvolvido por Medina (1987), o qual afirma que ter consciência do corpo não passa apenas pela percepção de aspectos anatômicos, biomecânicos, fisiológicos ou biológicos. O que a define, essencialmente, é a sua compreensão a respeito dos signos tatuados em nosso corpo pelos aspectos socioculturais de momentos históricos determinados. Segundo Medina (1987:28),

as marcas sociais já se fazem sentir desde o processo da gestação [...] durante e após o parto e durante o desenvolvimento inicial do corpo, o cultural começa a conspirar contra o biológico [...] o corpo é apropriado pela cultura. Vai sendo cada vez mais um suporte de signos sociais. É modelado como projeção do social.

Ainda, lembra que o corpo da criança vai sendo violado por um conjunto de regras socioeconômicas que sufoca, domestica, oprime, reprime, “educa”. É assim que cultural ou ideologicamente se faz nosso corpo. É assim que a sociedade o modela. “O que o corpo fala é o que o social está falando através do corpo”. Portanto, seríamos mais fiéis à verdade histórica se falássemos dos corpos dos brasileiros no lugar de nos referirmos a eles no singular, passando a impressão falsa de que todos eles receberam e recebem as mesmas marcas, independentemente da classe social a que pertençam. Deve-se ainda acentuar que é a correlação de forças presentes num momento histórico determinado que definirá os sinais a serem gravados nos corpos, ficando essa tarefa destinada àquele segmento da sociedade que conseguir estabelecer-se enquanto classe dominante.

Cabe à Educação Física compreender e explicar o corpo, buscando despertar nos educandos uma consciência corporal que lhes permita perceberem-se no mundo em que vivem e, de posse dessa consciência, interferirem criticamente no processo de construção da sociedade brasileira.

Nesse sentido, Vaz (1999) afirma que os *shoppings-centers* são os templos do consumo, as academias de ginástica e musculação são, por excelência, os templos contemporâneos de celebração do domínio e do sacrifício do corpo na busca de um modelo corporal exigido.

Tomemos ainda, como exemplo, as cartilhas evangelizadoras do fitness, verdadeiros manuais iniciáticos e prescritivos dessa religiosidade oscilante, que a cada dia erige novos pastores, rituais e liturgias - as revistas ilustradas para o corpo. Elas repetem, até a exaustão, a mesma fórmula, o “sempre igual” com rosto de novidade, premissa fundamental da indústria cultural, na forma de promessas que nunca podem ser cumpridas, configurando o que Adorno chamou “pseudoprazer”. Fotos de mulheres destinadas a outras mulheres, sem tanto interesse sensual, mas corpos à mostra o suficiente para serem admirados, invejados, copiados; uma receita de dieta; outra de exercícios; fármacos para o cabelo e a pele; alguma recomendação “para o espírito” – geralmente trazendo junto a imagem de alguém com o corpo muito esculpido, num claro exemplo de falsa reconciliação entre natureza e cultura, entre corpo e uma dimensão não corporal –; e cada vez mais cirurgias “reparadoras”, que prometem fazer do envelhecimento e daquilo que o establishment não considera belo, paradoxalmente, “coisa do passado”. (VAZ, 1999: 75)

O ponto máximo dessa cultura ou do culto ao corpo ficou evidenciado no trabalho de Braz (2006) intitulado “Além da Pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo”, onde o autor realiza

um estudo etnográfico junto aos/às profissionais, adeptos/as e entusiastas da parte “pouco usual” das modificações corporais, práticas que, dentro desse próprio campo, são denominadas como “extremas” ou “radicais”. Nelas, a relação com a dor extrema está presente, o que as torna especialmente rentáveis para um estudo antropológico preocupado em interpretar o significado atribuído ao corpo, à estética e à dor, levando em conta as possíveis interconexões entre o corpo modificado e a experiência do prazer, do erótico. (p.23)

E em seu trabalho, ilustrado com cenas de crueldade com o próprio corpo durante a colocação de peças metálicas (agulhas e ganchos) sob a pele, é possível identificar os significados atribuídos pelos/as adeptos/as à experiência da dor, buscando discutir também a potencialidade subversiva dessas práticas corporais. Em suas conclusões, o autor afirma que:

Talvez algumas das práticas da body modification possam ser descritas como exemplares de possíveis e perigosas descontinuidades e instabilidades, uma vez que romperiam com as fronteiras e com os contornos da pele, indo além dela. Dentro de uma matriz de inteligibilidade hegemônica, atos como a costura de bocas e outros orifícios, objetos implantados na pele, partes do corpo sendo perfuradas por ganchos de metal...de certa forma, fariam dos corpos em ato, “corpos abjetos”. A reiteração dessas práticas corporais pouco convencionais e de corpos abjetos transforma-se assim, de uma perspectiva performativa, em atos subversivos.(p.56)

Nesse caso, talvez não se trate de mais uma conquista, e sim da questão de integração e pertencimento a um grupo específico da mesma geração.

Os modelos de beleza que se apresentam cercam ambos os sexos, mas o modelo feminino é seduzido em escala muito maior, tornado-se objeto de um grande esforço pessoal, físico, financeiro e psíquico.

O culto à magreza e a obsessão pela atividade física orientada, assim como pela saúde perfeita, talvez possam ser uma representação do corpo. [...] a gordura e a obesidade são consideradas ruins e até vulgares. [...] opera uma espécie de intimação aos santuários do corpo, locais que sempre apresentam alguma novidade. [...] que resulta em célebre afirmação de Foucault : Fique nu, mas seja magro, bonito, bronzeado!” (SOARES, 2003:17)

Fraga (2003:61) instala a discussão num espaço recortado pelo cinema – *Blade Runner*¹⁸, *Gattaca*¹⁹ – e pelo sofisticado pensamento contemporâneo da incorporação social da robótica na

¹⁸ *Blade Runner* – o filme realiza a incorporação social da robótica na vida humana em sua forma mais sublime, a criatura feita à imagem e semelhança do criador, a máquina que se faz carne. O filme celebra a era ciborgue, do pós-humano, da construção científico-tecnológica de um corpo que transgride as fronteiras entre o natural e o artificial, o orgânico e o não orgânico, tornando confuso os limites em que estão alicerçados esses dualismos clássicos.

¹⁹ *Gattaca* – o filme mostra que os destinos são decididos antecipadamente por meio da leitura precisa do código genético dos progenitores, instaurando o “geneoismo”, uma espécie de racismo genético. A projeção social de uma nova ordem

vida humana e a constatação de que o corpo, hoje redimensionado numa velocidade espantosa, torna-se ao mesmo tempo alvo do artificial, da tecnologia e objeto de perfeição. Segundo o autor,

(...) inovações tecnológicas e avanços científicos penetraram nos corpos e nos modos de vida dos sujeitos em diferentes épocas. O surgimento da microbiologia, da robótica e da genética tornaram mais plausíveis as promessas de um corpo fisiologicamente perfeito feitas pela higiene e pela eugenia no início do século XX. Ironicamente, quanto mais a ciência avança, mais ela se apresenta como uma entidade “divina”, infalível na pretensão de gravar não só nos corpos mas principalmente nas almas seus pressupostos científicos.(FRAGA, 2003:62)

Assim, baseado nos dois filmes citados e projetando a possibilidade da tecnologia proporcionar condições para que as previsões se confirmem, o autor destaca o resultado da interferência provocado pela engenharia genética, cirurgia a laser, transplantes, silicones, alimentos transgênicos e esteróides anabolizantes, que compõem um instrumental contemporâneo diversificado, que vai redimensionar o corpo numa velocidade espantosa, ao mesmo tempo em que o torna radicalmente contingente. Uma tecnologia política que desestabiliza fronteiras entre o familiar e o estranho nas práticas corporais contemporâneas.

Fraga (2003) analisa as condições pelas quais o corpo tem se apresentado na sociedade durante o século XX e o início do novo milênio. Trata do rendimento esportivo e do herói olímpico (atleta) como o detentor de marcas insuperáveis. Esses atletas, muitas vezes fazem uso de drogas para melhorar o rendimento, mesmo sabendo dos riscos e que podem pagar com a própria vida. Trata-se do corpo visto como uma máquina de produzir resultados insuperáveis, acompanhando um modelo de produção econômica.

Cada quebra de recorde esportivo parece trazer potencialmente inscrita nessa nova marca a possibilidade de superação dos limites físicos impostos pela morte. O poder de penetração dessa assertiva na vida social está diretamente vinculado à capacidade de fazer com que se acredite na viabilidade de tal meta e, ao mesmo tempo, de tornar imperceptível o processo de mortificação impresso nos treinamentos, nas competições, no uso de drogas que aliviam a dor ou que ampliam o rendimento” (FRAGA,2003:67).

social já vem inscrita hereditariamente e vai exigir confirmações através do que é expedido pelo corpo (urina, sangue, saliva) para banir aqueles que têm os genes errados ou degenerados e purgar corpos e almas.

Sobre a hipertrofia muscular exagerada, antes de ser vista apenas no meio esportivo, hoje incorpora o ambiente dos clubes. Sua presença é marcante nos protótipos de brinquedo como os bonecos *Bob e Barbie*, nos cinemas, comerciais de televisão, jogos de videogame e nas revistas de moda masculina.

Segundo o autor, uma das formas de se entender as subculturas é pelos monstros que elas engendram.

Eles nascem nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural, de uma época e de um sentimento de lugar. [...] o músculo ‘bombado’ não é exclusividade de uma determinada classe social; o acesso à medicação, apesar do seu alto custo, se dá entre diferentes níveis sociais. [...] É no conjunto dessas relações que os temores sociais frente a um espécie de bug muscular se tornam mais evidentes, uma catástrofe fisiológica que vai sendo desenhada em cada metamorfose quimicamente produzida e culturalmente recriminada” (FRAGA, 2003:69-72).

Nesse ponto, podemos relembrar casos de “corporificação” de campeões olímpicos como o Canadense Ben Johnson, em 1988, quando cercado de uma intensa admiração pela imprensa e a mídia publicitária, reservou a quebra do recorde mundial dos 100 metros rasos para a final olímpica, derrotando seu maior adversário Carl Lewis dos Estados Unidos. O volume financeiro que foi gerado pelo encontro – intencionalmente adiado por vários meses, foi proporcional ao escândalo criado com a divulgação do uso de substâncias proibidas para melhorar o rendimento. Após a confirmação do *doping* positivo, Ben Johnson foi imediatamente recriminado pela imprensa e pelas entidades do meio esportivo, tendo sua carreira interrompida, sendo banido do meio esportivo e do cenário mundial. O herói tornou-se vilão (COI, 1988).

Carreira Filho (2005) realizou pesquisa mostrando que, mesmo sabendo dos riscos para a saúde, adolescentes se deixam influenciar pela pressão social e fazem de tudo para moldar o corpo, até recorrer ao uso de anabolizantes e anfetaminas. A primeira conclusão do pesquisador é de que eles não têm paciência para esperar resultados obtidos com exercícios físicos, preferindo apelar para fórmulas rápidas e inseguras. Outros exemplos dentro da sociedade são as cirurgias para redução de

estômago, implante de silicone ou uso de técnicas menos invasivas como o uso de Botox²⁰ ou de fio de ouro para mudanças rápidas.

O autor investigou os hábitos dos jovens fora das academias para verificar o que eles fazem para manter a boa forma, independentemente da prática de esportes. A pesquisa ouviu 2.219 estudantes de escolas públicas e particulares de São Caetano do Sul (SP), que responderam a um questionário sobre suas insatisfações com o corpo e os métodos usados para chegar ao que consideram a estética ideal.

O primeiro dado que chamou a atenção: 60% dos entrevistados estão preocupados com o peso corporal e fazem uso de algum tipo de técnica para resolver o problema. Desses, 76% são mulheres. As adolescentes adotam regimes e ingestão de anfetamina - substância que age no sistema nervoso central e reduz o apetite. Quase 12% dos entrevistados consomem remédio para emagrecer, sendo que, entre as meninas (15,17%), a prática prevalece.

O que surpreendeu o pesquisador foi o fato de 12% dos entrevistados com peso normal demonstrarem vontade de emagrecer. Seis por cento está abaixo do peso ideal, o que pode indicar Anorexia e Bulimia, transtornos alimentares caracterizados pela distorção que a pessoa tem da imagem do próprio corpo. O desespero para assumir formas de *top model* é tanto que somente 30% dos que usam remédio consultaram um especialista antes de apelar para as fórmulas.

O autor também identificou que 4,7% dos entrevistados disseram recorrer a esteróides anabólicos para ganhar massa muscular. Desses, 3,7% estão entre os homens e 1%, entre as mulheres. Indicados para recuperar a massa de pacientes debilitados por doenças graves, os anabolizantes são comercializados livremente.

Assim, podemos pensar no grande contra-senso atual, no qual o mesmo sistema industrial e econômico que oferece para ingestão alimentos industrializados, altamente calóricos e ricos em gordura, pressiona para o consumo de roupas de grife que exigem corpos delineados. Quando esses corpos não existem, a própria indústria oferece os recursos para tal beldade. Aqui, podemos fazer uma leitura sobre os jovens como mercadoria, favorecendo o acúmulo de capital, ou a influência da ideologia do corpo perfeito.

²⁰ Botox® - Marca registrada da Toxina Botulínica Tipo A, usada esteticamente durante aplicação local para inibir a ação dos músculos da face, paralisando-os com o objetivo de buscar uma melhor expressão facial.

Também não podemos deixar de lembrar das várias possibilidades oferecidas pela indústria da saúde, onde a venda de suplementos esportivos seduz os jovens com propostas voltadas ao consumo de vitaminas, minerais, carboidratos, proteínas e seus extratos que podem acelerar o processo de ganho de volume muscular ou emagrecimento com o uso de queimadores de gordura (L-carnitina). A indústria farmacêutica apresenta várias possibilidades de conquista do corpo delineado sem sacrifícios, num processo simples e prático com a ingestão de drogas farmacológicas: anfetaminas, moderadores de apetite e outros.

Em seu estudo, Bertolli Filho (2004) busca focar as experiências centradas no corpo vivenciadas por grupos de estudantes matriculados em três diferentes cursos de Educação Física, em um estudo longitudinal de seis anos. O autor encontrou uma multiplicidade de discursos sobre o corpo, suas experiências e as representações sociais e imagens alimentadas pela corporalidade. Tratar do tema parece não ser uma tarefa fácil, tendo em vista a necessidade de uma avaliação que contém dados íntimos e que nem sempre podem ser compartilhados.

Outra obra à qual faremos referência é “Lindos de Morrer”, de Rosemberg (2004), com uma temática forte sobre as questões da aparência física. Nela, o autor retrata um mundo cada vez mais preocupado com a aparência física, onde homens e mulheres são capazes de tudo em busca de beleza, rejuvenescimento e mudanças corporais.

Dentro dessa mesma temática, Curi (2005), em sua obra intitulada “Ditadura da Beleza”, retrata o desenvolvimento das conseqüências cruéis de uma jovem para com o corpo em uma carreira promissora no mundo da moda internacional, tornando-se anorética e bulímica, sofrendo com graves problemas de saúde. Atualmente, nossa sociedade tem presenciado um clima de intranqüilidade nesta área profissional, motivo preocupante que trouxe novas medidas de controle às profissionais da passarela, sempre vulneráveis a estas patologias.

Vaz (2003) traz uma reflexão sobre corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea, apontando um controle que não é isento de tributos, que são pagos, em grande parte, com a própria felicidade. Trata-se de uma renúncia, um exercício diário que tem como destino uma relação perversa, cruel, patogênica com o corpo – o próprio e o do outro – chegando ao preconceito.

O mesmo autor retrata a questão da indústria do esporte como forma de dominar e administrar o corpo, que potencializa e internaliza a crueldade ao glorificar o sofrimento. Adorno (1997:79) lembra que “ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também a suportá-la e tolerá-la”. Configurando o que Adorno chamou de “pseudoprazer”, Vaz (2003) refere-se aos clubes e academias, como

(...) templos contemporâneos do corpo”, locais de celebração do domínio e do sacrifício do corpo. São como templos religiosos, onde o vocabulário, a hierarquia, roupa, gestos, sons, gostos, olhares e odores são muito próprios, e como as orações, sempre repetidos. (p.76)

Neste momento, passamos a buscar um entendimento do mundo do corpo obediente e disciplinado, o qual apresenta exigentes formas e desenhos que se confundem com traços sócio-culturais e ideológicos. Trata-se de um culto à imagem, onde os confessionários são as balanças e os espelhos que refletem fetiches de uma sociedade marcada pela imagem e pelo consumo.

Sibilia (2002), em seu livro ‘O Homem Pós-Orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais’, após analisar a presente construção científico-tecnológica e discursiva do corpo “pós-orgânico”, “pós-biológico” e “pós-humano”, faz uma pergunta desafiadora: quais são as implicações políticas e econômicas desses processos, numa sociedade voltada para a produção de consumidores dos mercados globalizados ?

Assim, a autora descreve que a informática, as telecomunicações e as biotecnologias representam três áreas fundamentais da tecnociência contemporânea, contribuindo para a produção dos corpos e das subjetividades deste início de século, apresentando todo um leque de promessas, temores e sonhos. Dentre eles, surge uma possibilidade inusitada: o corpo humano, na sua antiga configuração biológica, estaria tornando-se “obsoleto”. Intimidados pelas pressões do tecnocosmos, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*. De acordo com um estudo publicado recentemente na revista *Scientific American*, a “evolução tecnológica” seria dez milhões de vezes mais veloz do que a “evolução biológica”.

Sibilia (2002) analisa os atuais processos de hibridização homem-tecnologia e como um “pacto” entre o homem contemporâneo e a tecnociência poderá ultrapassar as limitações da organicidade, apontando para a construção de um ser híbrido “pós-biológico”, misto de corpo

humano e artifício técnico. O corpo deve tornar-se imortal para se adaptar. Sonhos utópicos tornam-se imposições pós-evolutivas.

Nesse ritmo, como pretender que o velho corpo humano – tão primitivo em sua organicidade – não se torne “obsoleto”? A atualização científico-tecnológica da velha estrutura orgânica já não obedece, então, às velhas ordens da evolução biológica. Com ela, pelo contrário, estaríamos inaugurando uma nova era: a da “evolução pós-humana” ou “pós-evolução”, que supera amplamente, em velocidade e eficiência, os lentos ritmos da evolução natural. (SIBILIA, 2002:53)

Essa situação tem se intensificado, alimentando uma “patologia social” pela imagem do corpo perfeito e suas variações.

A escravização a que as pessoas das sociedades civilizadas se submetem para atingir os padrões de beleza ideológicos tem contribuído para a maior incidência dos transtornos dismórficos²¹, sejam corporais (associados à anorexia e Bulimia) ou musculares (Vigorexia). O hábito do ser humano moderno é estar moderadamente preocupado com seu corpo, sem que essa preocupação se converta numa obsessão.

A busca de um corpo perfeito e musculoso a qualquer preço começa, então, a ser tratada como uma patologia. A Vigorexia (transtorno dismórfico muscular), ou síndrome de Adônis, é um transtorno emocional assim denominado pelo psiquiatra americano Harrison G. Pope da Faculdade de Medicina de Harvard, Massachusetts.

Os portadores de Vigorexia são, em sua maioria, homens entre 18 e 35 anos, os quais começam a dedicar demasiado tempo (entre 3 e 4 horas diárias) à atividade de modelação física, resultando em algum tipo de prejuízo sócio-ocupacional. A idade de início mais comum do Transtorno Dismórfico Corporal também é no final da adolescência ou início da idade adulta. A média de idade está em torno dos 20 anos, não sendo raro que o diagnóstico seja feito mais tardiamente. Por causa dessas coincidências é que a Vigorexia (ou Transtorno Dismórfico Muscular) pode ser incluída dentro do Transtorno Dismórfico Corporal.

²¹ O termo Dismorfia Corporal foi proposto em 1886 pelo italiano Morselli. Freud descreveu o caso do "Homem Lobo", uma pessoa que, apesar de ter um excesso de pelos no corpo, centrava sua excessiva preocupação na forma e tamanho de seu nariz.

Apesar de ser clinicamente característica, a Vigorexia não está ainda incluída nas classificações tradicionais de transtornos mentais (CID.10²² e DSM.IV), embora possa ser considerada uma espécie de Dismorfia Corporal, já que também é conhecida com o nome de Dismorfia Muscular.

Sobre a Vigorexia, convém relatar que o uso freqüente de drogas como os EAA – esteróides anabolizantes androgênicos, que destaca-se como uma droga importante para o aumento de volume muscular, além de perigoso, apresenta efeitos colaterais e risco à saúde. Os EAA são um grupo de compostos naturais e sintéticos formados pela testosterona e seus derivados. Ao longo de mais de duas décadas, temos presenciado uma contínua escalada das drogas ergogênicas no meio esportivo e nas academias.

Na busca pelos padrões impostos pela sociedade moderna, esses jovens passam a contar com um poderoso agente farmacológico: os esteróides anabólico-androgênicos.

Os EAA²³ são um grupo de compostos naturais e sintéticos formados pela testosterona e seus derivados. Ao longo de mais de duas décadas, temos presenciado uma contínua escalada das drogas ergogênicas no meio esportivo. O uso de anabolizantes, em particular, tem crescido muito nos últimos anos, a ponto de encontrarmos, mesmo no Brasil, atletas que defendem quase publicamente seu uso, técnicos que os incentivam, médicos que os acompanham, e dirigentes que se encarregam de seu fornecimento.

Conceição et al. (1999) realizaram estudo sobre o uso de EAA por praticantes de musculação das academias de Porto Alegre, demonstrando que 24,3% dos indivíduos usavam EAA; em 34% dos casos, as drogas eram utilizadas por vontade própria, em 34%, por indicação de outros atletas, em 19%, por indicação dos amigos, em 9%, por indicação de professores e, em 4% dos casos, sob prescrição médica²⁴. Os anabolizantes mais utilizados foram a nandrolona (37%), o estanozolol (21%) e a testosterona cristalizada (18%). Demonstrou-se, também, que 80% dos

²² CID – Classificação Internacional de Doenças.

²³ A testosterona é sintetizada desde 1935 e, durante a segunda grande guerra, foi utilizada pelas tropas alemãs para aumentar a agressividade dos soldados. A primeira referência ao uso de hormônios sexuais ocorreu em 1954, em um levantamento de peso em Viena, e seu uso tornou-se difundido com este fim a partir de 1964. No Brasil, os esteróides anabólico-androgênicos são considerados "doping", segundo os critérios da Portaria 531, de 10 de julho de 1985 do MEC, seguindo a legislação internacional.

²⁴ A prescrição por um médico deve estar associada à exames freqüentes para o controle das taxas hormonais, sendo indicado em casos específicos.

usuários de EAA utilizavam mais de um anabolizante e 35% experimentaram dependência física e psicológica; as principais motivações ao consumo dessas substâncias foram a aquisição de força (42,2%), aquisição de beleza (27,3%) e a melhora no desempenho (18,2%).

Da Silva (2002) descreve os efeitos psicológicos em três grupos, arbitrariamente, representando os efeitos continuados provocados por essas drogas: 1) Nos efeitos imediatos, são vistas a mudança de humor e a euforia: existe melhora da confiança, energia e auto-estima, com aumento da motivação e do entusiasmo. Há diminuição da fadiga, insônia e habilidade para treinar com dor, irritação, raiva, agitação. 2) Os EAA, depois de administrados em altas doses por longo período, promovem a perda da inibição, com alterações de humor. 3) Os efeitos graves manifestam-se quando esses sentimentos de agressividade evoluem para comportamentos violentos, hostis e anti-sociais. Os ataques de fúria vão desde o abuso infantil até os suicídios e assassinatos.

Além dos problemas provocados pelo uso abusivo dos EAA, encontramos entre os jovens os transtornos alimentares como a Anorexia Nervosa e a Bulimia Nervosa.

Segundo Abreu (2004), dos transtornos alimentares, a anorexia nervosa e a Bulimia nervosa são os que mais têm levado pacientes adolescentes, geralmente do sexo feminino e cada vez mais jovens, a buscarem ajuda. Essa ajuda se dá através de um tratamento multidisciplinar envolvendo médicos psiquiatras, psicólogos e nutricionistas. A psicoterapia tem se mostrado um componente eficaz para a melhora dessas pacientes.

A Anorexia Nervosa é um transtorno alimentar caracterizado por limitação da ingestão de alimentos, devido à obsessão de magreza e o medo mórbido de ganhar peso. Normalmente a pessoa anorética mantém um peso corporal abaixo de um nível normal mínimo para sua idade e altura. Quando a Anorexia Nervosa se desenvolve em numa pessoa durante a infância ou início da adolescência, pode haver fracasso em obter os ganhos de peso esperados, embora possa haver ganho na altura.

A pessoa que pesa menos que 85% do peso considerado normal para a idade e altura costuma ser um dado valioso para se pensar em anorexia. A CID-10 aponta que a pessoa que apresenta um Índice de Massa Corporal (IMC²⁵) igual ou inferior a 17,5 kg/m², é sugestiva de

²⁵ O IMC é calculado dividindo-se o peso corporal em quilogramas pela altura em metros ao quadrado. Essas medidas ou índices são apenas diretrizes sugeridas para o clínico, pois não é razoável especificar um padrão único para um peso normal mínimo aplicável a todos os pacientes de determinada idade e altura. Ao determinar um peso normal mínimo, o

anorexia. A anorexia é caracterizada pela manutenção do peso em pelo menos 15% abaixo do Índice de Massa Corporal normal para idade e altura.

A Anorexia Nervosa parece ter uma prevalência bem maior em sociedades industrializadas, nas quais existe abundância de alimentos e onde, especialmente no tocante às mulheres, ser atraente está ligado à magreza. O transtorno é provavelmente mais comum nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão e África do Sul, mas poucos trabalhos examinaram a prevalência em outras culturas (BALLONE, 2007a).

Segundo o autor, a idade média para o início da Anorexia Nervosa é de 17 anos, com alguns dados sugerindo picos aos 14 e aos 18 anos. O início do transtorno raramente ocorre em mulheres com mais de 40 anos. O aparecimento da doença frequentemente está associado com um acontecimento vital estressante, como sair de casa para cursar a universidade, casamento, rompimento conjugal, etc.

A taxa de prevalência de pacientes com anorexia é de 1% e, destes, cerca de 90% dos casos são observados em mulheres. A doença acomete mais frequentemente classes sociais mais elevadas. A anorexia surge em 45% dos casos após dieta de emagrecimento; em 40%, por ocasião de uma situação competitiva. Algumas profissões ligam esbelteza com realizações e populações especiais (notavelmente bailarinas e modelos) demonstraram ter um risco incomumente alto para o desenvolvimento de transtornos alimentares (BALLONE, 2007a).

Cobelo (2004) afirma que, nos últimos anos, tem sido possível observar um número cada vez maior de pesquisas envolvidas com o tratamento dos transtornos alimentares, em que a família assume um papel de destaque na inclusão das pessoas com Anorexia e Bulimia Nervosa nos programas de atendimento e tratamento médico.

Vilardi (2001) caracteriza a anorexia nervosa por uma extrema restrição energética auto-imposta, tendo como objetivo a perda excessiva de peso. Os sintomas mais comuns deste distúrbio incluem: manutenção do peso corporal inferior a 85% do que é considerado adequado para estatura e idade, intenso medo de engordar, percepção alterada da imagem corporal, distúrbios menstruais, desmineralização óssea, perda de massa muscular e gordura corporal, irregularidades digestivas,

médico deve considerar não apenas essas diretrizes, mas sobretudo a constituição corporal e a história ponderal do paciente.

arritmias cardíacas, desidratação, intolerância ao frio (mãos e pés), cabelos finos e fracos, entre outras.

HAY (2002), afirma que, em uma revisão sistemática de 12 estudos de incidência cumulativa, encontrou uma incidência média anual na população em geral de 18,5 por 100.000 habitantes. Na tabela abaixo encontramos os valores encontrados para cada patologia.

Tabela 1 – Incidência de Anorexia e Bulimia por Ray (2002)

Sexo	Anorexia	Bulimia
Feminino	18,5	28,8
Masculino	2,25	0,8

O paciente com anorexia nervosa utiliza-se de métodos inadequados para perder peso como dietas restritivas, como evitar determinados alimentos caracterizados por serem hipercalóricos, longos períodos de jejum, exercícios físicos excessivos, vômitos induzidos, medicamentos moderadores de apetite. É cerca de nove vezes mais comum em mulheres que em homens e seu pico de incidência ocorre durante a adolescência. Contudo estão sendo identificados casos em indivíduos cada vez mais jovens.

A perda de peso excessiva traz conseqüências negativas para a saúde do indivíduo, promovendo alterações no funcionamento do organismo evidenciado, por exemplo, interrupção dos ciclos menstruais (nas mulheres), alterações das capacidades de atenção e concentração, alterações freqüentes do humor, alterações ósseas (osteoporose), entre várias outras. Além disso, a anorexia nervosa pode também levar à morte quando não adequadamente evidenciada e tratada.

A **Bulimia Nervosa** é um distúrbio do comportamento alimentar caracterizado por importante insatisfação com a imagem do corpo e um pavor em engordar. A característica central é a presença de episódios recorrentes de compulsão alimentar, na qual o paciente ingere enorme quantidade de alimentos em um curto período de tempo. Para evitar o ganho de peso com esses episódios de compulsão alimentar, os pacientes costumam utilizar-se de métodos inadequados de compensação, acreditando que dessa forma possam auxiliar a perda de peso, como a auto-indução

de vômitos, abuso de diuréticos e laxantes, uso de moderadores do apetite, atividade física excessiva, entre outros.

Os pacientes com Bulimia Nervosa tipicamente se envergonham de seus problemas alimentares e procuram ocultar seus sintomas. As compulsões periódicas geralmente ocorrem em segredo, ou dissimuladas, tanto quanto possível. Um episódio pode, ou não, ser planejado de antemão e em geral (mas nem sempre) é caracterizado por um consumo rápido de alimentos.

Outra característica essencial da Bulimia Nervosa é o uso recorrente de comportamentos compensatórios inadequados para prevenir o aumento de peso. Muitos pacientes com Bulimia Nervosa empregam diversos métodos em suas tentativas de compensarem a compulsão periódica. A técnica compensatória mais comum é a indução de vômito após um episódio de compulsão periódica. Este método purgativo é empregado por 80 a 90% dos pacientes com Bulimia Nervosa que se apresentam para tratamento em clínicas de transtornos alimentares. Os efeitos imediatos do vômito incluem alívio do desconforto físico e redução do medo de ganhar peso. Ballone (2007b) afirma que os bulímicos podem jejuar por um dia ou mais ou exercitar-se excessivamente na tentativa de compensar o comer compulsivo.

Ballone (2007b) afirma que a influência cultural tem sido apontada, atualmente, como um forte desencadeante dos transtornos alimentares, o corpo magro é encarado como símbolo de beleza, poder, autocontrole e modernidade. Dessa forma a propaganda dos regimes convence o público de que o corpo pode ser moldado aos padrões sociais estabelecidos em cada época.

Segundo o autor, a taxa de prevalência da Bulimia nervosa é de 2 a 4% entre mulheres adolescentes e adultas jovens. A grande maioria dos pacientes com Bulimia nervosa é do sexo feminino, na proporção de 9:1. O início dos sintomas vai dos últimos anos da adolescência até os 40 anos com idade média de início por volta dos 20 anos. Algumas profissões em particular parecem apresentar maior risco, como é o caso dos jôqueis, atletas, manequins e pessoas ligadas à moda em geral, onde o rigor com o controle do peso é maior do que na população geral.

A utilização desses métodos inadequados traz prejuízos físicos ao indivíduo com Bulimia nervosa. Alterações do sistema gastrointestinal (esofagite, gastrite, sangramentos intestinais), alterações dentárias, alterações hormonais e principalmente psíquicas, como depressão e ansiedade,

são freqüentemente encontrados nestes pacientes. É encontrada cerca de 9 vezes mais freqüentemente em mulheres e o início dos sintomas costuma ocorrer na adolescência.

A taxa de prevalência da Bulimia nervosa é de 2 a 4% entre mulheres adolescentes e adultas jovens. A grande maioria dos pacientes com Bulimia nervosa é do sexo feminino, na proporção de 9:1. A idade média para o início da Anorexia Nervosa é de 17 anos, com alguns dados sugerindo picos aos 14 e aos 18 anos.

Segunda Hay (2002), estes transtornos alimentares, provocados pelo desequilíbrio e a harmonia no cotidiano das pessoas, sofre forte influência dos aspectos culturais, ideológicos e principalmente dos fatores psíquicos, muitas vezes desencadeados pela pressão social do dia-a-dia.

O documento do Simpósio do Instituto Danone (2000) sobre a *Obesidade e anemia carencial da adolescência*, ressalta que

a preocupação com o atual modelo estético do corpo, que cultua a magreza como expressão máxima de beleza, tem levado a desordens nutricionais graves como Bulimia e anorexia, particularmente na adolescência. Uma grande preocupação dos adolescentes com manter-se magro tem sido observada em alguns estudos.

Analisando o comportamento de adolescentes de nível sócio-econômico baixo (NSEB)²⁶ e médio (NSEM)²⁷, Veiga (1997), observou que, mesmo entre as eutróficas²⁸ (normais), 19,0% das de NSEM e 13,4% das de NSEB, consideravam-se com excesso de peso e 23,6% e 16,7% já haviam feito tentativas para emagrecer, apesar de condições nutricionais normais.

No estudo de Fonseca et al. (1998), 24,3% das meninas com peso normal, faziam dieta para emagrecer. Brugman et al.(1997) verificaram que entre 1359 estudantes de 13 a 15 anos, faltar à aula e tomar medicamentos, era mais freqüente entre meninos e meninas que faziam dieta para emagrecer, respectivamente, indicando que fazer dieta está longe de ser um comportamento saudável entre os adolescentes.

Segundo o documento do referido Simpósio, de acordo com a maioria dos estudos, a taxa de prevalência para a anorexia nervosa fica entre 0,5% a 1,0% e para a Bulimia nervosa, entre 1,0% e

²⁶ Nível Sócio Econômico Baixo.

²⁷ Nível Sócio Econômico Médio.

²⁸ Estado em que o indivíduo apresenta condição nutritiva normal. Opõe-se à distrofia.

1,5% em mulheres; já para os homens a taxa é muito menor. A anorexia nervosa é uma enfermidade predominantemente adolescente, coincidindo entre os estudos mais bem documentados com a faixa etária de 12 a 25 anos. Antes e depois dessas idades a incidência do transtorno é irrelevante do ponto de vista estatístico. Foi observado também que, dentro desta faixa, os momentos de maior risco ficam entre os 14 e 18 anos. Já a Bulimia nervosa tem o seu começo mais tarde, em torno de 16 a 19 anos, embora não seja incomum que ocorra na terceira ou quarta década da vida.

O TCC – transtorno do comer compulsivo – apresenta uma taxa de prevalência de 15 a 50% em amostras extraídas de programas para o controle do peso, enquanto em amostras comunitárias esta taxa cai para 0,7 a 4% da população. As mulheres apresentam uma tendência 1,5 vezes maior para o TCC²⁹ do que os homens, e seu início se situa no final da adolescência ou início da casa dos vinte anos.

Fairburn (1995) e Norringer(1993) afirmam que esses transtornos alimentares acontecem com muito mais frequência em jovens adolescentes e com um alto índice de mortalidade (em torno de 10%) e também que o diagnóstico e o tratamento precoce podem melhorar seu prognóstico.

Outro problema ou distúrbio ligado às questões da imagem corporal é a Vigorexia, também conhecida como Complexo de Adônis.

Psiquiatricamente, o quadro mais diretamente associado à Vigorexia é a chamada Dismorfia Muscular ou Transtorno Dismórfico Muscular (TDM), uma patologia psíquica das pessoas excessivamente preocupadas com a própria aparência, constantemente insatisfeitas com seus músculos e continuamente em obsessiva busca da perfeição.

O sintoma central parece ser uma distorção na percepção do próprio corpo e desse sintoma decorrem os demais, como por exemplo, a obsessão pelos exercícios e dietas especiais. Esse tipo de sintoma básico (percepção distorcida do próprio corpo) também é o sintoma principal dos transtornos alimentares.

Mangweth et al (2003) compararam 27 homens com diagnóstico de transtorno alimentar (sendo 17 com anorexia nervosa e 10 com Bulimia nervosa), com 21 atletas masculinos e 21 homens normais não-atletas, usando um teste computadorizado da imagem do corpo, o "*matrix somatomorphic*". Quando era pedido para todos eles escolherem o corpo ideal que gostariam de

ter, os homens com transtornos alimentares selecionaram uma imagem com a gordura de corpo muito próxima àquela escolhida pelos homens atletas e do grupo de controle.

Entretanto, havia grande diferença entre esses grupos quanto à percepção da imagem corporal, principalmente no tanto de gordura que a pessoa acreditava ter. Os homens com transtornos alimentares se percebiam ser quase duas vezes mais gordos do que realmente eram, e as pessoas do grupo controle não mostraram nenhuma distorção. Esses resultados foram muito semelhantes aos estudos realizados com mulheres portadoras de anorexia e Bulimia, as quais também mostram uma percepção anormal da gordura corporal.

Pensando em um padrão corporal masculino, naturalmente se tem a imagem de um homem com boa definição muscular, que aparentemente possa ser mais aceito pela sociedade, particularmente pelo sexo feminino. Embora não se tenha pesquisas que demonstrem um desejo feminino pelo padrão masculino de um corpo musculoso e bem delineado, atualmente a Vigorexia tem aumentado entre os jovens do sexo masculino. Esse desejo patológico pelo volume muscular, acompanhado de um desvio da imagem corporal, trouxe preocupação aos pesquisadores como Mangweth et al. (2003) que afirmam:

Há, nos vigoréxicos, uma inclinação patológica para o que se considera o protótipo do homem moderno, supostamente desejável pelas mulheres. Há uma busca obsessiva em se tornar o modelo de homem, com um corpo fibroso, definido, musculoso, e devidamente glorificado pela televisão, pelo cinema, pelas revistas e passarelas de moda. A Vigorexia representa bem a sociedade onde "uma imagem vale mais que mil palavras", tornando os homens obcecados por seus corpos perfeitos (p.1319-20).

A mesma preocupação e distorção com o esquema corporal constatado na Anorexia observa-se na Vigorexia. Na Anorexia, as pacientes - geralmente mulheres - acham-se ainda gordas, apesar de notavelmente magras e, na Vigorexia, acham-se fracas, apesar de notavelmente musculosas.

Segundo Mangweth et al. (2003), o problema é mais comum no início na adolescência, período quando, naturalmente, as pessoas tendem a estar insatisfeitas com o próprio corpo e se submetem exageradamente aos ditames da ideologia. Segundo os autores,

²⁹ TCC – Transtorno do comer compulsivo.

Na adolescência existe uma pressão para as meninas se manterem magras e uma cobrança para que os meninos fiquem fortes e musculosos. A importância da identificação da Vigorexia precocemente, é no sentido de evitar que os adolescentes façam uso de drogas para obter os resultados desejados (p.1322).

A Dismorfia Muscular é uma espécie de subdivisão de um quadro mais abrangente chamado de Transtorno Dismórfico Corporal, definido como uma preocupação com algum defeito imaginário na aparência física numa pessoa com aparência normal. A Dismorfia Muscular seria uma alteração na percepção do esquema corporal, específica da estética muscular do corpo e não um defeito na percepção corporal imaginário qualquer. Os quadros mais comuns no Transtorno Dismórfico envolvem, principalmente, preocupações com defeitos faciais ou outras partes do corpo, cheiro corporal e aspectos da aparência. Quando diz respeito à visão distorcida e irreal da estética muscular, falamos em Dismorfia Muscular.

A característica essencial do Transtorno Dismórfico Corporal (historicamente conhecido como Dismorfobia) é uma preocupação com um defeito na aparência, sendo este defeito imaginado ou, se uma ligeira anomalia física está realmente presente, a preocupação do indivíduo é acentuadamente excessiva e desproporcional.

Dentro desse quadro sobre os movimentos sociais, culturais, ideológicos que relacionam a imagem corporal na sociedade é que seguiremos nossos estudos, conscientes de que a cultura, ideologias, percepções e vivências corporais transitam pelo cotidiano, traçando caminhos diversos sob a interpretação que cada indivíduo possui sobre o seu corpo.

No capítulo seguinte, o leitor encontrará a análise e discussão dos dados da pesquisa.

Parte III – Análise dos dados da pesquisa

Talvez a melhor maneira de entender o que significa pesquisa qualitativa é determinar o que ela não é. Segundo Glazier (1992), ela não é um conjunto de procedimentos que depende fortemente de análise estatística para suas inferências ou de métodos quantitativos para a coleta de dados.

As principais características dos métodos qualitativos são: a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa (KAPLAN & DUCHON, 1988). Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade (BRADLEY, 1993). Dados qualitativos são caracterizados por: descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos; citações diretas de pessoas sobre suas experiências; trechos de documentos, registros, correspondências; gravações ou transcrições de entrevistas e discursos; dados com maior riqueza de detalhes e profundidade; interações entre indivíduos, grupos e organizações.

Os métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação. Normalmente, são usados quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a pesquisa. Nos métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas e entre pessoas e sistemas.

A pesquisa ou método científico normalmente é definido como quantitativo ou qualitativo em função do tipo de dados coletados (quantitativos ou qualitativos). A pesquisa qualitativa é indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, idéias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados ou coletando dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos pré-concebidos.

De uma forma geral, os métodos qualitativos são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos (DIAS, 1999).

Os métodos qualitativos geralmente empregam procedimentos interpretativos, pressupostos relativistas e representação verbal dos dados, em contraposição à representação numérica (SUTTON, 1993). A pesquisa qualitativa é geralmente associada à pesquisa exploratória interpretativa, enquanto a pesquisa quantitativa é associada a estudos positivistas confirmatórios (WILDEMUTH, 1993).

Minayo (2000:23) afirma que a pesquisa qualitativa deve ser entendida como aquela capaz de incorporar as questões do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas, tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Diante da problemática da quantidade e da qualidade, a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais são suas propriedades inerentes, e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes, ensejando-se assim a dissolução das dicotomias quantitativo/qualitativo, macro/micro, interioridade e exterioridade com que se debatem as diversas correntes sociológicas.

Assim, as metodologias qualitativas induzem-nos a pensá-las não como alternativa ideológica às abordagens quantitativas, mas a aprofundar o caráter social e as dificuldades de construção do conhecimento que o apreendem de forma parcial e inacabada.

Como qualquer tema abrangente do cultural, a saúde só pode ser entendida dentro de uma sociologia de classe que:

- a) possua instrumentos para perceber o caráter de abrangência das visões dominantes - pois as classes se encontram entre si, no seio de uma sociedade em relação e com problemas de aculturação recíproca;
- b) perceba também a especificidade dos sistemas culturais e subculturais dominadas em suas relações contraditórias com a dominação;
- c) defina a origem e a historicidade das classes na estrutura do modo de produção;
- d) conceba sua realização tanto nos espaços formais de economia e da política como nas matrizes essenciais da cultura como a família, a vizinhança, os grupos etários, os grupos de lazer etc., considerando como espaços inclusivos de conflitos, contradições, subordinação e

resistência tanto as unidades de trabalho como o bairro, o sindicato como a casa, a consciência como sexo, a política como religião.

Minayo (2000) afirma que a saúde e a doença exprimem agora e sempre uma relação que perpassa o corpo individual e social, confrontando com as turbulências do ser humano enquanto ser total. No campo da saúde, considerado como um fenômeno social, o positivismo, a fenomenologia e a dialética marxista são as principais tendências de interpretação. Elas representam não apenas diferentes possibilidades de análise, mas uma luta ideológica que, por sua vez, tem a ver com a luta política mais ampla na sociedade.

Segundo a autora, há em todo o mundo uma preocupação diante dos questionamentos que a sociedade moderna coloca a seus membros, promovendo o surgimento da tomada de consciência da importância de compreender a complexidade das relações sociais que criam, alimentam, reproduzem e transformam as estruturas, a partir dos pontos de vista dos atores sociais envolvidos nessas relações. Isso é uma tarefa de abordagem qualitativa.

AMOSTRA

A coleta de dados foi realizada em duas Instituições de Ensino Superior de Araraquara, sendo uma pública e outra particular. Os cursos representam três áreas distintas (Administração, Farmácia e Pedagogia) e perfazem uma amostra de 213 jovens universitários (27,7% masculino e 72,3% feminino) do primeiro ano das instituições de Araraquara/SP, com faixa de idade de 16 a 24 anos, todos do período de aulas noturno.

INSTRUMENTO DA PESQUISA

O instrumento de nossa pesquisa é composto por um questionário contendo 48 questões fechadas e 2 questões abertas para a coleta dos dados de idade e composição corporal. Durante a coleta dos dados não encontramos dificuldade para sua aplicação. Os docentes que ministravam aulas durante o período de coleta dos dados foram informados antecipadamente sobre a intenção de pesquisa e notificados pela direção das universidades e departamentos. Os sujeitos participantes foram informados sobre a pesquisa e assinaram o termo de consentimento pré-informado, conforme orientação do Comitê de Ética e Pesquisa. As questões foram organizadas em nove partes, conforme o quadro a seguir :

Quadro I – Divisão das questões no instrumento de pesquisa		
Parte	Conteúdo	Questões
I	Identificação	4
II	Da prática de Exercícios	7
III	Sobre a Imagem Corporal	8
IV	Mudanças Alimentares	8
V	Uso de medicamentos para Emagrecer	6
VI	Uso de medicamentos para ganho de Massa Muscular	6
VII	Sobre a influência da mídia na imagem corporal	4
VIII	Sobre o papel da Escola na orientação dos jovens sobre o risco do uso de medicamentos	3
IX	Dos cuidados com a Saúde	4
Total		50

O modelo completo do referido instrumento de pesquisa encontra-se no Anexo IV.

Devido ao perfil profissional dos cursos, não foi possível manter a proporcionalidade do total de estudantes para cada curso e sexo. A nossa análise foi realizada no âmbito da média geral de ambos os sexos, com a comparação e análise dos resultados entre cada sexo.

Optamos pela realização da pesquisa buscando interpretar as diferenças entre os sexos e que possam contribuir para a caracterização de um modo de comportamento dos jovens para esta população analisada.

A faixa de idade dos estudantes das instituições de ensino investigadas apresentou idades bem amplas, entre 16 e 51 anos. Para efeito de representação de nossa pesquisa, usamos apenas os dados coletados com estudantes até 24 anos. Segundo Aguiar (1999), para estudos populacionais junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o segmento jovem é composto pela população entre 15 e 24 anos.

Na **Parte I** do questionário, encontramos os dados de identificação. Os dados apontam para um universo de 213 sujeitos, conforme caracterização abaixo :

Sexo	N ³⁰	fr ³¹	Idade Média
Masculino	59	27,7%	20,0
Feminino	154	72,3%	20,2
Total	213	100%	20,1

³⁰ Número total de sujeitos da pesquisa.

³¹ fr = Frequência relativa que é representada pela divisão do N de sujeitos do grupo pelo total de sujeitos da pesquisa.

A menor representatividade do sexo masculino nos cursos analisados não permite a realização de um estudo com perfil populacional por curso, o qual receberia influência da maioria representativa do sexo feminino. Este fato fortaleceu nossa decisão em realizar a análise da pesquisa com a comparação de perfil para cada sexo.

A representatividade das instituições foi distribuída da seguinte forma :

Instituição	N	fr
Particular	87	40,8%
Pública	126	59,2%
Total	213	100%

Os dados sobre Peso e Estatura foram fornecidos pelos sujeitos durante a aplicação do questionário. Os valores usados para estabelecer a classificação da obesidade e o índice de mortalidade são definidos com o cálculo do IMC – Índice de Massa Corporal, através da fórmula :

$$IMC = \frac{\text{Peso em Kg}}{\text{Estatura em metros}^2}$$

O resultado do IMC encontrado deverá ser comparado com o quadro que indica o índice de mortalidade (GUEDES E GUEDES, 1998), e que classifica o grau de obesidade (JÁEQUIER, 1987).

Quadro II – Índice de Massa Corporal e Mortalidade.

Valores em Kg/m ²	Índice de mortalidade	Classificação da obesidade
< 20,0	Muito Baixo	Abaixo do limite
20,0 - 24,9	Baixo	Limite desejável
25,0 - 29,9	Moderado	Grau 1 de obesidade
30,0 - 40,0	Alto	Grau 2 de obesidade
> 40	Muito Alto	Grau 3 de Obesidade

A pessoa que pesa menos que 85% do peso considerado normal para a idade e altura costuma ser um dado valioso para se pensar em anorexia. A CID-10 recomenda que a pessoa tenha um Índice de Massa Corporal (IMC) igual ou inferior a 17, 5 kg/m² sugestivo de anorexia. Nessa condição, encontramos 10 ocorrências de IMC abaixo de 17,4 kg/m² para o sexo Feminino (6,5%) e 2 ocorrências para o sexo Masculino (3,4%). Dentro dessa condição, esses casos apresentam risco de desenvolver transtornos alimentares.

Analisando as respostas dos sujeitos, foi possível observar no sexo feminino que:

1. 50% fazem parte da amostra de Instituição particular ou pública;
2. 90% não praticam atividade física de forma regular;
3. 80% estão *esteticamente satisfeitos* com o corpo;
4. 70% consideram o corpo *quase perfeito*;
5. 20% consideram o corpo *perfeito*;
6. 60% modificariam o corpo, sendo que 50% *aumentariam a massa muscular*;
7. Apenas 1 caso (10%) relatou que *já provocou vômito, ou fez uso de laxantes após as refeições*.

Essas observações permitem afirmar que o estado atual de classificação abaixo das recomendações é uma opção pessoal, quando afirmam a satisfação estética com um corpo *quase perfeito ou perfeito*. O desejo de 50% em aumentar a massa muscular é um indicativo estético, já que nenhum dos sujeitos realiza atividade física com fins de competição (pergunta 8).

A classificação de ocorrências pelo IMC permite identificar o grau de risco e nível de obesidade através do número de ocorrências encontradas em cada população de nosso estudo.

Tabela 4 - Ocorrência e Classificação do IMC para o sexo Feminino

Valores em Kg/m ²	Classificação da obesidade	N	fr
< 20,0	Abaixo do limite	52	33,8%
20,0 - 24,9	Limite desejável	85	55,2%
25,0 - 29,9	Grau 1 de obesidade	13	8,4%
30,0 - 40,0	Grau 2 de obesidade	4	2,6%
> 40	Grau 3 de Obesidade	0	0,0%
Total		154	100%

Observando a Tabela 4 – Sexo Feminino, é possível identificar que a maioria das ocorrências encontra-se na faixa *abaixo do limite desejável* (33,8%) e no *limite desejável* (55,2%), formando um grupo de 89,0% de ocorrências fora do *Grau 1 de Obesidade*, podendo ser um indicativo de que as mulheres estão preocupadas com a imagem corporal.

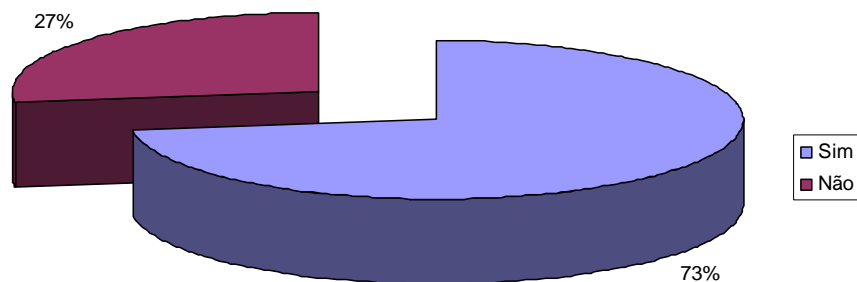
A Tabela 5 – Sexo Masculino- mostra uma concentração maior na faixa de IMC do Grau 1 de Obesidade (45,8%) , seguida pela concentração de 44,1% dentro do limite desejável que poderá ser um indicativo de que os homens não apresentam um grau de preocupação com a imagem corporal. Com as perguntas que seguem, teremos condição de afirmar ou não se essa é uma hipótese verdadeira.

Tabela 5 - Ocorrência e Classificação do IMC para o sexo Masculino

Valores em Kg/m ²	Classificação da obesidade	N	fr
< 20,0	Abaixo do limite	5	8,5%
20,0 - 24,9	Limite desejável	26	44,1%
25,0 - 29,9	Grau 1 de obesidade	27	45,8%
30,0 - 40,0	Grau 2 de obesidade	1	1,7%
> 40	Grau 3 de Obesidade	0	0,0%
		59	100%

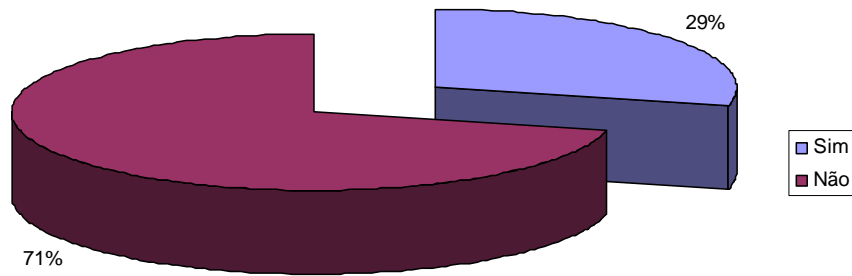
Na **Parte II** do questionário, buscamos as informações sobre a Prática de Exercícios, onde encontramos uma diferença significativa entre os sexos masculino e feminino. O sexo masculino apresentou 73% de respostas positivas, enquanto 27% afirmaram que não praticavam atividades física ou esportiva regularmente.

Gráfico 1 – Prática de Atividade Física – Sexo Masculino



Foi possível identificar que a prática de atividade física ou esportiva entre o sexo feminino não ocorre regularmente para 71% dos sujeitos contra 29% dos não praticantes.

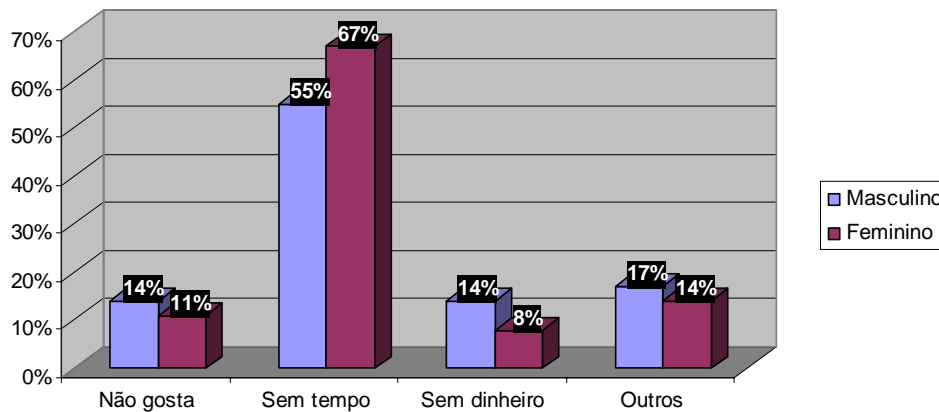
Gráfico 2 - Prática de Atividade Física ou Esportiva - Sexo Feminino



Entre os não praticantes, 61% da média de ambos os sexos afirmaram que a falta de tempo é o principal motivo impeditivo. Analisando separadamente por sexo, encontramos uma diferença de 55% do sexo masculino para 67% para o sexo feminino. É possível afirmar que a administração do tempo dos jovens não prioriza a prática de atividade física ou esportiva regularmente, seja por condições estéticas ou na busca de melhor qualidade de vida.

Entre os praticantes, 43% do sexo masculino realizam atividade física uma vez por semana, sendo que no sexo feminino 35% (uma vez semana).

Gráfico 3 - Razão de não praticar atividade física ou esportiva



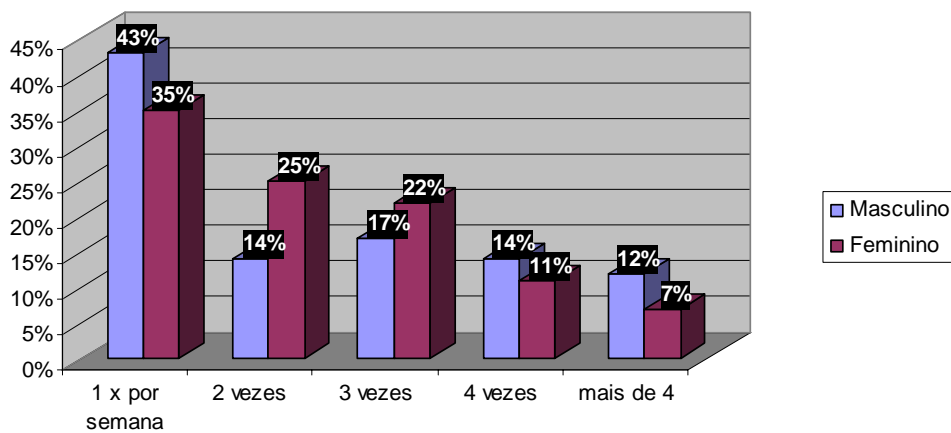
Na tabela abaixo, é possível identificar o tempo dedicado às atividades :

Tabela 6 - Tempo de atividade praticada por dia.

	Masculino	Feminino
Até 30 minutos	10%	34%
Até 1 hora	24%	36%
Até 1h 30 min	37%	19%
Até 2 horas	27%	9%
Mais de 2 horas	2%	2%
Total	100%	100%

Além de identificarmos quantas vezes por semana os entrevistados praticavam atividade física, buscamos identificar o tempo dedicado para a prática em cada sessão. Observando os dados apresentados anteriormente na Tabela 5, com os dados do Gráfico 4 e 5, é possível afirmar que as atividades do sexo Masculino, na maioria dos praticantes, ocorrem com a frequência de uma vez por semana, com duração entre 1 e 2 horas e é praticada com os amigos e que, possivelmente, seja a prática do futebol nos finais de semana.

Gráfico 4 – Quantas vezes por semana praticam atividade física ou esportiva.



Na pergunta 9 de nosso instrumento de pesquisa, buscamos identificar o local da prática de atividade física ou esportiva.

Tabela 7 - Onde você pratica essa atividade ?.

	Masculino	Feminino
Local público	23%	51%
Academia	33%	38%
Associação Bairro	0%	2%
Entre amigos	44%	9%
	100%	100%

No sexo feminino, é possível afirmar que a prática de atividade física não ocorre de forma coletiva. Assim, a maioria de 51% realiza atividade em local público (praças ou rua) com a duração de 30 minutos até 1 hora. Esse tipo de atividade, possivelmente seja a caminhada, uma atividade de baixa intensidade de esforço e que não deve promover grandes modificações estéticas.

As repostas à pergunta 10 do questionário (Tabela 8) parece fortalecer as hipóteses anteriores, sobre a busca de orientação profissional para a prática.

Tabela 8 - Prática da atividade com orientação profissional.

	Masculino	Feminino
Sim, sempre	25%	37%
Não	59%	53%
Às vezes	16%	10%
Total	100%	100%

Dos praticantes, 82% do sexo masculino e 97% do sexo feminino afirmaram que não realizam a prática com fins de competição, contra 18% do sexo masculino e 3% do sexo feminino que buscam a atividade física regular como forma de melhorar a condição atlética.

Quanto ao local da prática de atividade física, 33% do sexo masculino e 28% do sexo feminino, afirmam que fazem atividade em Academia, local adequado para a prática de atividade física com orientação profissional. Conforme os dados da Tabela 8, apenas 25% do sexo masculino e 37% do sexo feminino afirmaram que recebem orientação profissional. Ainda, 16% (Masculino) e 10% (Feminino) afirmaram que “às vezes” recebem orientação profissional. Esse perfil é importante, tendo em vista que o volume e a intensidade do trabalho refletem diretamente sobre o êxito da atividade (mudança estética), além de garantir a prática da atividade com segurança, diminuindo os riscos contra futuros problemas – musculares, articulares, posturais e outros, para a saúde do praticante.

Na **Parte III** do questionário, encontramos informações sobre a Imagem Corporal. Quando perguntados sobre a satisfação estética do corpo, o grau de satisfação foi maior no sexo masculino.

Na tabela abaixo é possível visualizar todos os resultados.

Tabela 9 – Grau de satisfação estética com o corpo.

	Masculino	Feminino
Satisfeito	54%	43%
Insatisfeito	38%	46%
Sem opinião	8%	11%
	100%	100%

No sexo masculino, 54% responderam que estão satisfeitos, contra 43% de satisfeitos do sexo feminino. Aqui é possível fazer algumas afirmações :

1. O grau de satisfação é menor no sexo feminino, o qual também apresenta baixa prática de atividade física (29%), na qual prevalece o tempo máximo de atividade de 30 minutos (34%) e 1 hora (36%);
2. O maior grau de satisfação no sexo masculino pode ocorrer devido à prática de atividade física ou esportiva pela maioria (73%).

Em relação ao grau de satisfação com o corpo, na pergunta 13 é possível identificar a seguinte realidade :

Tabela 10 – Satisfação em relação ao peso corporal :

	Masculino	Feminino
Satisfeito	63%	39%
Insatisfeito	37%	56%
Sem opinião	0%	5%
	100%	100%

No que se refere ao peso corporal, o sexo masculino continua afirmando que está satisfeito (63%) – mesmo que a distribuição do IMC – Tabela 4, tenha a maior concentração dentro do Grau 1 de obesidade. No sexo feminino, o grau de insatisfação com o Peso é maior (56%) e, ao observarmos a distribuição do IMC na Tabela 4, verificamos que a maioria absoluta de 89% encontra-se dentro do limite desejável (55,2%) ou abaixo dele (33,2%), demonstrando IMC saudável.

Assim, como o grau de satisfação do Peso corporal deveria estar diretamente relacionado com o grau de obesidade estabelecido pelo IMC, podemos levantar algumas hipóteses:

1. O sexo masculino não tem uma boa percepção da imagem corporal e do perfil estético para uma condição saudável de IMC. Embora apresentem um grau de obesidade, os homens não são perceptíveis a essa situação.
2. O sexo feminino também não tem uma boa percepção da imagem corporal e do perfil estético para uma condição saudável de IMC. Talvez o sexo feminino tenha um grau de exigência maior do que as recomendações científicas para uma condição saudável no índice de massa corporal.

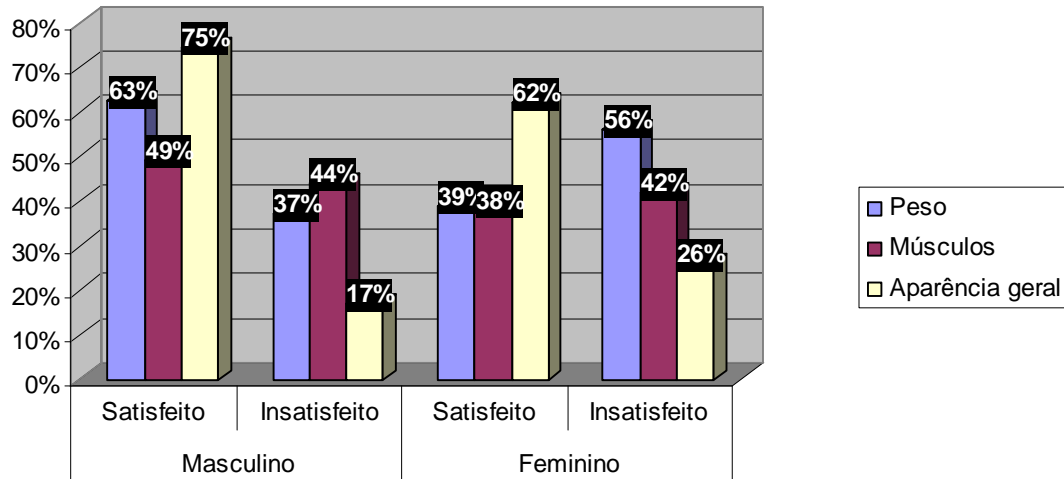
Em relação ao desenvolvimento muscular, 49% do sexo masculino mostraram-se “satisfeitos” contra 44% de “insatisfeitos”. No sexo feminino, permanece o grau de insatisfação de 42% contra a satisfação de 38%. A Tabela 11 apresenta todos os dados.

Tabela 11 - Em relação aos seus músculos:

	Masculino	Feminino
Satisfeito	49%	38%
Insatisfeito	44%	42%
Sem opinião	7%	20%
	100%	100%

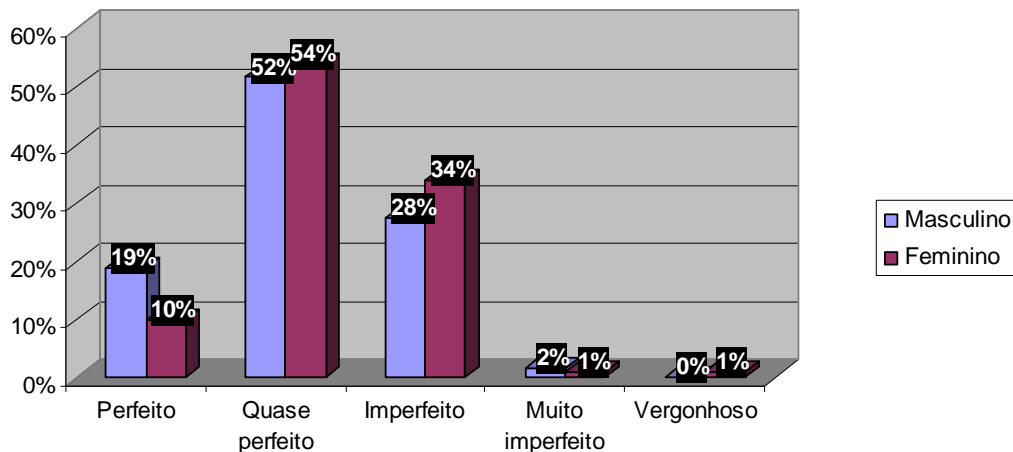
Sobre a aparência geral (pergunta 15), 75% do sexo masculino apresentam grau de satisfação, completado por 62% do sexo feminino. Na média geral dos jovens, o grau de satisfação com a aparência geral é de 68%.

Gráfico 5 – Grau de Satisfação ou Insatisfação com a Imagem Corporal.



Quando na pergunta 16 fazemos a comparação do corpo dos sujeitos com o grupo do mesmo sexo, identificamos que ambos consideram o corpo “quase perfeito”, apesar do grau de imperfeição chegar próximo de 30%. O gráfico abaixo mostra todos os dados.

Gráfico 6 – Classificação do corpo quando comparado ao grupo do mesmo sexo.



O índice de insatisfação do sexo feminino com o corpo é confirmado mais uma vez, quando, na pergunta 17, os jovens são questionados se modificariam o corpo. As afirmações estão na Tabela 12.

Tabela 12 - Se fosse possível, você modificaria seu corpo ?

	Masculino	Feminino
Sim	54%	75%
Não	46%	25%
Total	100%	100%

Observando a tabela acima, é possível perceber que a diferença entre opiniões do sexo masculino não é tão significativa. Dentre os sujeitos do sexo feminino, é possível perceber que a diferença de opiniões é bem significativa, onde o “sim” representa a grande maioria.

A última pergunta da parte III sobre Imagem Corporal é composta pelas partes do corpo que os jovens modificariam. Os dados da Tabela 13 permitem afirmar que as diferenças entre os sexos se confirmam mais uma vez, mostrando que a grande preocupação do sexo masculino é com a aparência, enquanto que no, sexo feminino, a preocupação está na redução do peso e na aparência.

Tabela 13 – Principal modificação no corpo.

	Masculino	Feminino
Reduzir o peso	7%	29%
Aumentar peso	10%	12%
Aumentar músculos	0%	18%
Melhorar a aparência geral	56%	25%
Reduzir o abdômen	24%	9%
Outros	3%	7%
Total	100%	100%

Dos 54% que modificariam o corpo, no sexo masculino, a maioria de 56% gostaria de melhorar a aparência geral, com preocupação mais relacionada à região Abdominal. Talvez esse desejo seja específico do grupo de jovens com IMC na escala em que se apresenta nesta pesquisa. A falta de músculo parece não ser a prioridade para um grupo caracterizado com um índice de 45,8% dentro do Grau 1 de Obesidade – não quer ganhar massa muscular.

O desejo de aumentar músculos é maior nas mulheres do que nos homens para o grupo estudado. Parte da explicação pode ser o perfil de baixo IMC com a instalação do estado de magreza nesse grupo do sexo feminino. Outra interpretação possível para essa informação é que, atualmente, a “flacidez” muscular tem sido colocada como a grande responsável pelas mudanças estéticas do sexo feminino. Em um próximo estudo, pretendemos incluir nesta questão o item “combater a flacidez”, que permitirá determinar com maior exatidão os objetivos relacionados às mudanças no aspecto muscular.

A **Parte IV** de nosso questionário de pesquisa busca informações e faz questionamentos quanto aos hábitos alimentares. Nosso objetivo é identificar o grau de influência da mudança de hábitos alimentares nos jovens com o objetivo de modificar a imagem corporal. Será que eles usam estratégias de jejum ou praticam algum tipo de dieta para mudar o corpo? Não faltam possibilidades, já que inúmeras revistas direcionadas ao público feminino apresentam propostas tentadoras para perder peso rapidamente.

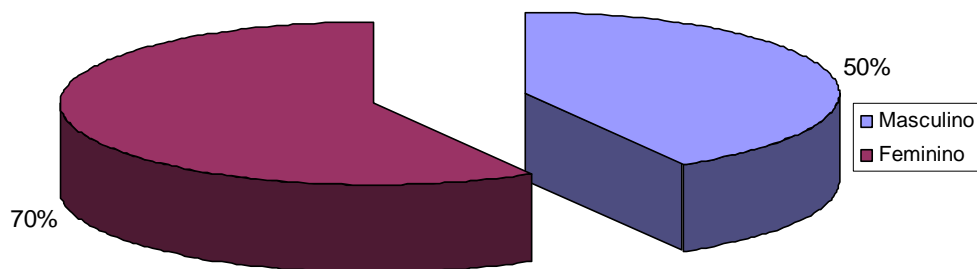
Quando perguntamos se em algum momento da vida os jovens já haviam realizado algum tipo de mudança do hábito alimentar, as respostas confirmaram que o sexo feminino está mais sujeito a esse tipo de mudança, apesar da maioria afirmar que "Sim, para a saúde". A Tabela 14 confirma isso.

Tabela 14 - Você já fez alguma mudança nos hábitos alimentares ?.

	Masculino	Feminino
Sim, p/ visual	24%	32%
Sim, p/ saúde	26%	38%
Não	50%	30%
Total	100%	100%

Associando as respostas "Sim, para o visual" e "Sim, para a saúde" percebemos que o índice afirmativo é bem maior no sexo feminino.

Gráfico 7 – Sujeitos que já fizeram algum tipo de mudança alimentar.



Na pergunta seguinte, questionamos se já haviam realizado mudança de hábitos alimentares – como dieta, para modificar a imagem corporal. Nessa situação, deixamos opções para apontar se a mudança ocorreu com orientação profissional – nutricionista ou médico.

As respostas confirmaram mais uma vez a preocupação maior do sexo feminino com a mudança da imagem corporal. Veja os resultados na Tabela 15.

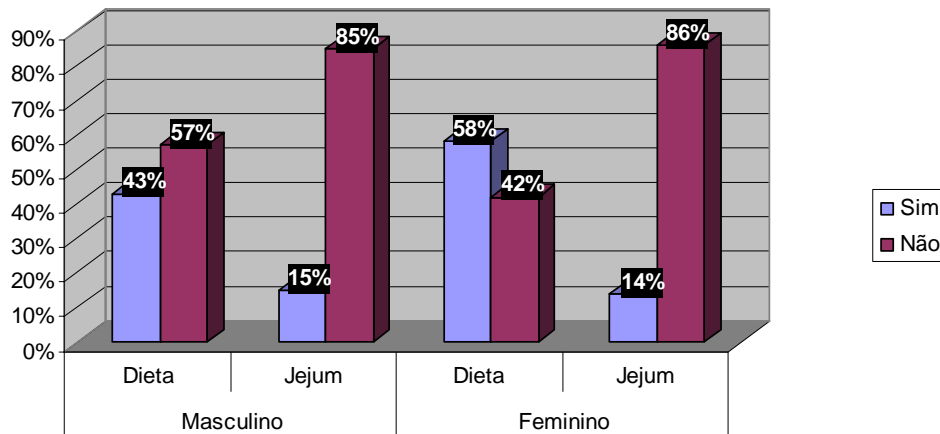
Tabela 15 - Você já fez algum tipo de dieta para melhorar a sua imagem corporal ?.

	Masculino	Feminino
Sim, sem orientação profissional	31%	28%
Sim, c/ orientação profissional	12%	30%
Não	57%	42%
Total	100%	100%

Os dados afirmativos (sim) da tabela acima, quando somados, permitem uma análise mais profunda, apontando que apenas 12% dos homens buscam orientação profissional para dietas, contra 42% das mulheres. Essa situação poderá estar relacionada com duas possibilidades :

1. As mulheres são mais exigentes na elaboração das dietas, buscando resultados mais significativos;
2. Os homens realizam dietas menos elaboradas, apenas com a restrição de alguns alimentos ou bebidas, não entendendo a necessidade de uma intervenção profissional, pois sabem identificar o exagero.

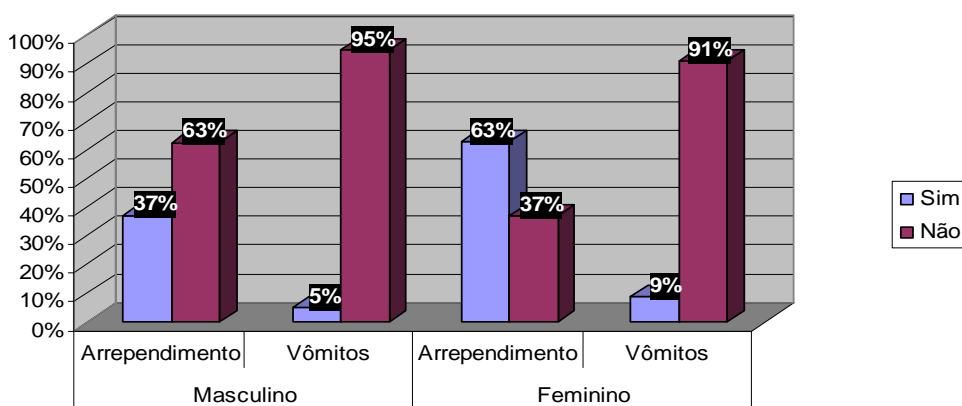
Gráfico 8 – Prática de Dieta ou Jejum para mudança da imagem corporal



Nas questões 22 e 23, respectivamente, questionamos se já sentiram arrependimento após exagerar nas refeições e, se após as refeições, já haviam provocado vômitos. O gráfico abaixo permite algumas conclusões :

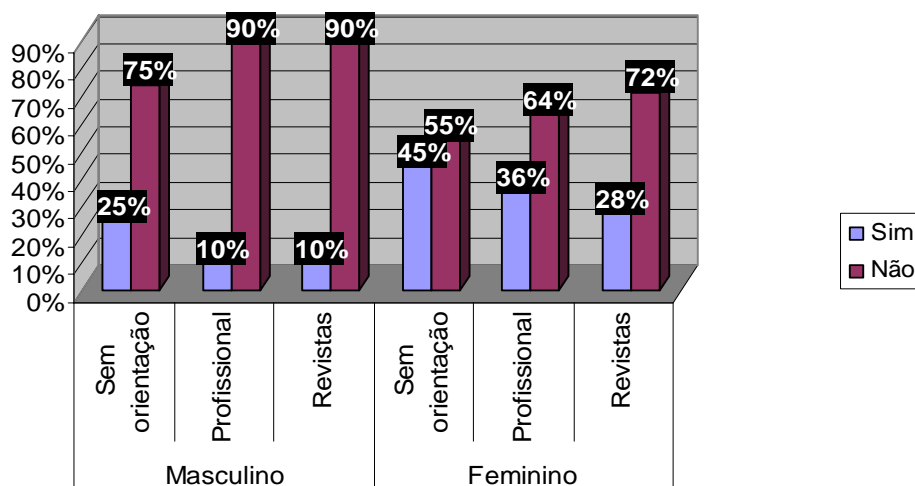
1. O sexo feminino apresenta um grau de arrependimento de 63%, bem maior que o sexo masculino com grau de arrependimento de 37%;
2. As respostas sobre “provocar vômitos” ou uso de laxantes após a refeição permitem entender que o grau de risco de Bulimia no sexo feminino chega a 9% (alto para estudos recentes).

Gráfico 9 – Arrependimento após as refeições e vômito induzido ou uso de laxantes.



Sobre a realização de dietas, encontramos valores mais equilibrados, já que os resultados do Gráfico 10 apontam para uma possível conscientização sobre os riscos das dietas publicadas em revistas ou da moda. Nas perguntas sobre a realização de dietas, questionamos o procedimento da orientação : sem orientação, médico ou nutricionista, ou de revistas, jornais, televisão ou proposta por amigos.

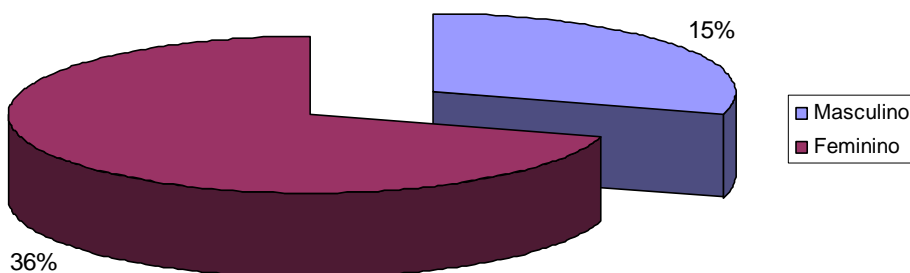
Gráfico 10 – Fonte das dietas já realizadas.



No cruzamento das informações, constatamos que as respostas negativas – não fizeram dietas - constitui um universo de 85% para o sexo masculino e 64% para o sexo feminino. O gráfico abaixo mostra o universo de jovens que já fizeram algum tipo de dieta e permite afirmar que o

dobro de estudantes do sexo feminino já fez dietas, quando comparadas aos estudantes do sexo masculino.

Gráfico 11 – Jovens que já fizeram algum tipo de dieta.



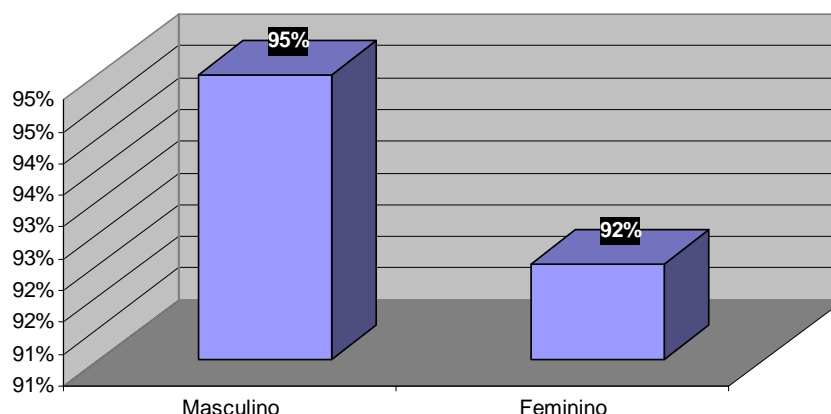
Ainda sobre as dietas, é importante destacar que a maioria fez dieta sem orientação profissional, um risco para 25% dos jovens do sexo masculino e de 45% para o sexo feminino.

Na última questão sobre os hábitos alimentares, perguntamos quais seriam os recursos usados para controlar o peso. A tabela 16 mostra os resultados.

Tabela 16 – Atitudes para controlar o peso :

	Masculino	Feminino
Diminuir as refeições	47%	36%
Diminuir o consumo de doces	24%	40%
Diminuir o consumo de refrigerantes	10%	11%
Diminuir o consumo de carnes e frituras	14%	5%
Uso de medicamentos	5%	8%
Total	100%	100%

Gráfico 12 – Atitudes para controlar o peso com redução da ingestão alimentar.



Observando o gráfico acima, é possível afirmar que a maioria dos jovens tem consciência de que a redução da ingestão alimentar é um fator importante para o controle do peso corporal. Apenas 8% dos estudantes do sexo feminino afirmaram que usam medicamentos, contra 5% dos jovens estudantes do sexo masculino.

A **Parte V** de nosso questionário, apresenta questões sobre o “uso de medicamentos para modificar a imagem corporal”. Os dados são apresentados na Tabela 17 e permitem afirmar que 18% dos jovens do sexo masculino e que 26% do sexo feminino já usaram medicamentos.

Tabela 17 - Na tentativa de modificar a sua imagem corporal, você já usou medicamentos ?

	Masculino	Feminino
Sim, 1 vez	10%	16%
Sim, 2 vezes	15%	3%
Sim, 3 vezes	3%	1%
Sim, mais de 3 x	0%	6%
Não	71%	74%
Total	99%	100%

Em seguida, duas questões permitem analisar se os jovens usaram drogas farmacológicas para emagrecer. Na pergunta 29 tivemos a afirmação de que 12% dos jovens do sexo masculino já usaram este tipo de medicamento e que 27% das mulheres já usaram medicamentos para emagrecer - mais que o dobro do índice dos meninos.

Entre os sexos, 33% afirmaram ter usado drogas manipuladas, um indicativo de que a comercialização de medicamentos precisa ser mais rigorosa no controle das vendas. Não é possível afirmar que 67% tenham usado outras drogas, já que não questionamos quanto ao uso de chá e outras combinações para tal fim.

Na pergunta 33, buscamos identificar o uso de anfetaminas para moderar o apetite. Como sabemos, o uso deste recurso farmacológico é muito grande, tornando-se uma prática comum entre

pessoas que desejam perder peso. A tabela abaixo mostra que o índice de uso desse medicamento é bem maior no sexo feminino.

Tabela 18 – Uso de anfetaminas para moderar o apetite ?

	Masculino	Feminino
Não usou	97%	88%
Usou	3%	12%
	100%	100%

Na **Parte VI** buscamos identificar o “uso de medicamentos para ganho de massa muscular”. A prática desse recurso entre jovens tem provocado o surgimento de casos de Vigorexia ou Complexo de Adônis, um desvio da imagem corporal na qual o indivíduo não consegue perceber o aumento de volume muscular. Essa falta de limite necessita de tratamento com acompanhamento multidisciplinar e é considerado um transtorno grave, presente entre os jovens do sexo masculino.

Entre os jovens do sexo masculino pesquisados, 72% afirmaram que não usaram, enquanto 28% afirmaram que sim. Entre os que afirmaram “sim”, foi possível constatar que o IMC está dentro da faixa de normalidade, o que não caracteriza um uso abusivo. No sexo feminino, encontramos um universo menor: 2% já usaram.

Em outras questões foi possível observar que os jovens do sexo masculino responderam negativamente (100%) sobre o uso de recursos para melhorar o corpo, como cirurgia plástica, botóx, enzimas e lipoaspiração. No sexo feminino, apenas 3% responderam que já usaram esses recursos, sendo que a técnica cirúrgica de lipoaspiração não foi usada.

Quanto à oferta de produtos que poderiam melhorar o resultado nas mudanças corporais desejadas, buscamos identificar se esse fato ocorre nos locais de prática de atividade. No sexo masculino encontramos 53% de afirmações negativas e 47% para os que já receberam essa proposta. Observando a tabela abaixo, é possível identificar que esse tipo de oferta ocorre entre o público masculino.

Tabela 19 – Já recebeu oferta de remédios na Academia ?

	Masculino	Feminino
Sim	47%	8%
Não	53%	92%
Total	100%	100%

Também buscamos identificar se os jovens possuem conhecimento sobre os riscos e os efeitos colaterais provocados pelo uso de medicamentos para ganho de massa muscular.

Foi possível identificar que 65% dos jovens do sexo masculino acreditam que sim, sendo 62% para o sexo feminino. Na média, 37% afirmam que os jovens não conhecem os riscos do uso de medicamentos para aumentar a massa muscular.

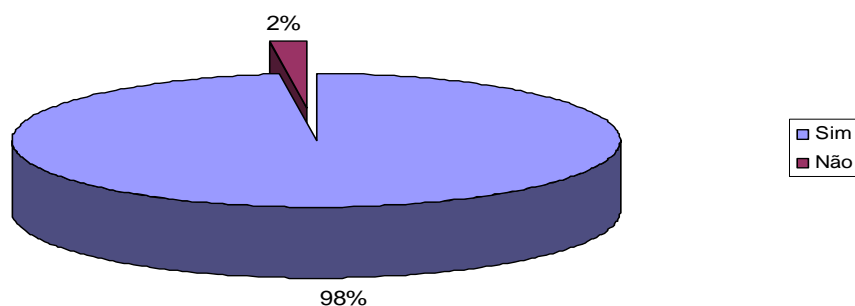
Tabela 20 - Os jovens sabem dos riscos do uso de medicamentos ?.

	Masculino	Feminino
Sim, todos	14%	7%
Sim, alguns	51%	55%
Não	35%	38%
Total	100%	100%

Na **parte VII** de nosso questionário, buscamos identificar se existe alguma influência da mídia sobre os modelos corporais na sociedade atual. Ao perguntarmos se a exposição constante de modelos corporais pelas revistas, televisão e cinema contribuem para a divulgação de um modelo corporal, a média entre os jovens foi de 93% que afirmaram “sim”. Somente 7% afirmaram que não.

Quando perguntamos se os jovens estão mais preocupados com a imagem corporal, as respostas apontaram que 98% das afirmações indicam “sim”.

Gráfico 13 – Os jovens de hoje estão preocupados com a imagem corporal ?



Também buscamos identificar se as mulheres e os homens (jovens) estão mais preocupados com a imagem corporal. Tivemos um resultado de 60% de respostas afirmativas. Os resultados apontaram que 66% afirmam que as mulheres estão mais preocupadas e 54% afirmaram que os homens também apresentam essa preocupação.

Tabela 21 – Os homens estão mais preocupados com a imagem corporal do que as mulheres ?.

	Masculino	Feminino
Sim	20%	13%
Não	59%	64%
Não sei	20%	23%

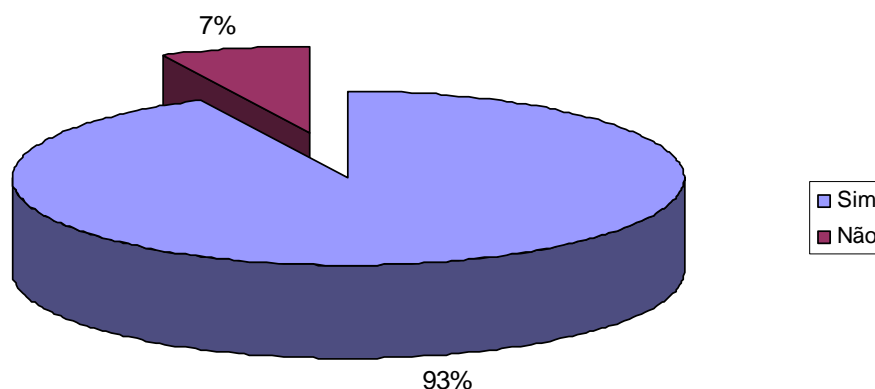
Total 100% 100%

O resultado apresentado na tabela 21 representa a opinião dos jovens sobre a preocupação com a imagem corporal. A média aproximada de 60% afirma que não, confirmando uma preocupação maior das mulheres com a imagem corporal.

Na **Parte VIII**, foi possível delinear a importância do papel da escola na orientação dos jovens sobre os riscos do uso de medicamentos para melhorar a imagem corporal.

A pergunta 44 submete à aprovação dos jovens a seguinte questão: Você considera importante que, na escola, as disciplinas de Educação Física e Ciências promovam conhecimentos sobre as questões da imagem corporal na sociedade atual? As respostas são visualizadas no gráfico abaixo :

Gráfico 14 – A Escola deve promover conhecimentos sobre a Imagem Corporal ?



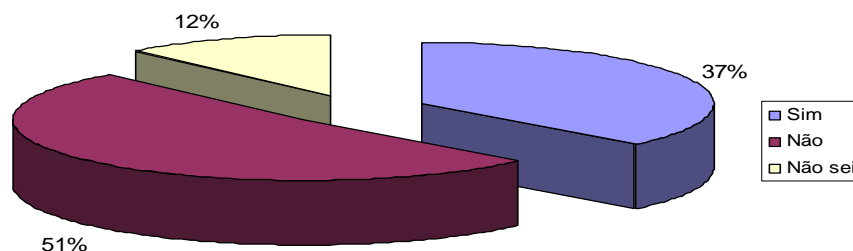
Tivemos 93% de respostas que consideram importante que, na escola, as disciplinas de Educação Física e Ciências promovam conhecimentos sobre as questões da imagem corporal na sociedade atual.

Ainda, 89% entendem como necessários e urgentes que a escola proporcione condições ideais para discussão e orientação sobre os efeitos e riscos do uso de medicamentos em busca da melhor imagem corporal.

A justificativa para as afirmações anteriores são fortalecidas quando 51% dos jovens afirmam que não conhecem os riscos e efeitos do uso de medicamentos para melhorar a imagem corporal.

Uma parte das respostas, 37% acredita que sim, os jovens conhecem os riscos. Outra parte dos jovens que responderam a esse questionamento afirmam que não sabem : 12%.

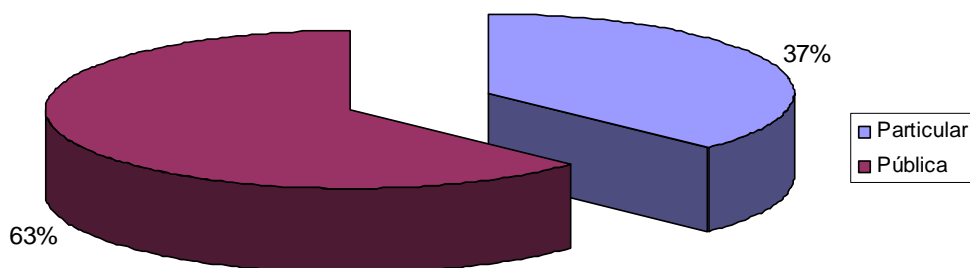
Gráfico 15 – Os jovens sabem dos riscos em usar medicamentos para mudar a imagem corporal ?



A **Parte IX** do questionário avalia os cuidados dos jovens com a saúde. Entre as questões apresentadas, foi possível identificar que 80% dos jovens procuram um médico quando apresentam qualquer problema de saúde, 9% buscam orientação com farmacêuticos e outros 11% fazem uso de medicamentos já conhecidos e usados anteriormente.

Identificamos que 72% dos pesquisados possuem plano de saúde e 28% não possuem. Destes, 63% são da instituição pública e 37% da instituição particular.

Gráfico 16 – Instituição dos jovens que possuem plano de saúde.



Também foi possível identificar que, nos últimos seis meses, 63% dos jovens do sexo feminino realizaram consulta médica e 24% ainda no último mês, perfazendo um total de 96% nos últimos 12 meses.

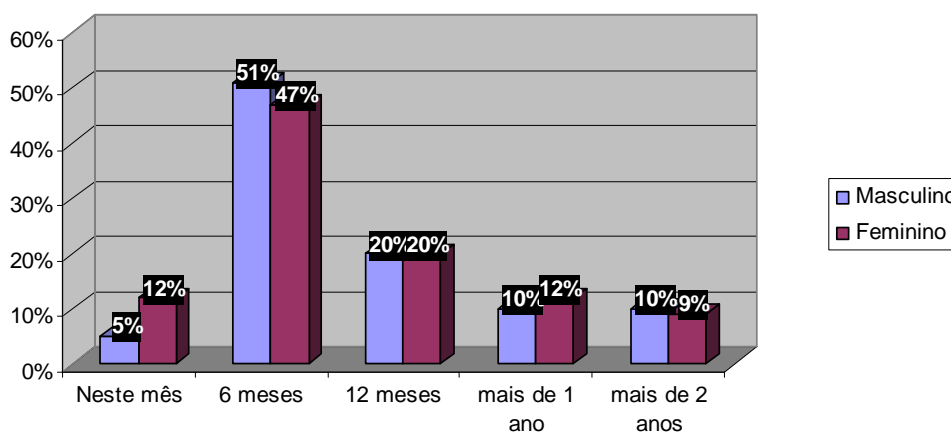
Tabela 22 - Você realizou consulta médica . . .

	Masculino	Feminino
Neste mês	7%	24%
6 meses	60%	63%
12 meses	13%	9%
Mais de 1 ano	16%	3%
Mais de 2 anos	4%	1%
Total	100%	100%

Percebemos que os jovens estão preocupados com a saúde, buscando realizar consultas de forma periódica. No sexo masculino, embora com menor índice, o fato se confirma, com o índice de 80% de consultas nos últimos 12 meses.

Ainda foi possível observar que, na média, 57% dos jovens realizaram exame de sangue nos últimos 6 meses e que 8% realizaram ainda nesse mês, apresentando uma média de 65% para a realização de hemograma nos últimos seis meses.

Gráfico 17 – Realização de Hemograma



Esses dados mostram um perfil de jovens preocupados com a manutenção da saúde e que, periodicamente, realizam consultas e exames clínicos e laboratoriais para o controle da saúde.

IV – CONCLUSÕES PRELIMINARES

Analisando todas as informações contidas na pesquisa, é possível apresentarmos algumas considerações sobre o grupo pesquisado, buscando conduzir um diálogo com alguns autores que já citamos nos primeiros capítulos.

Inicialmente, devemos buscar um posicionamento sobre as conquistas dos jovens durante a história da humanidade que relatamos no Capítulo I. Nosso relato sobre as histórias da juventude busca penetrar em uma parte da história, onde esta camada populacional (jovem) conquista espaço político-social diante do Estado constituído. Durante esta leitura, foi possível identificar algumas conquistas, a busca de direitos, a liberdade para o trabalho e a constituição de poder diante do Estado para a formação da família.

Voltando aos resultados de nossa pesquisa, podemos relacionar todo esse movimento cultural sobre o corpo como uma cultura de massa, a qual se funde nos modelos sociais atuais, promovendo uma “alienação” pacífica, “numa espécie de sonambulismo permanente ou de psicose obsessiva” sobre os modelos corporais midiáticos. Assim, podemos entender que os alienados³² ou alienantes, desejosos das mudanças corporais, se alimentam dos fragmentos da cultura de massa, formando uma subcultura (minoritária). Essa subcultura acaba sendo formada por símbolos, comportamento, e valores ou significados de subgrupos, menores, quando comparados aos grupos de uma cultura que se efetivou socialmente.

Assim, verificamos que a grande maioria apresenta IMC saudável: 89% para o sexo feminino e 53% para o sexo masculino, caracterizando uma condição de vida saudável do ponto de vista de risco coronariano e grau de obesidade. No sexo masculino, temos um grau de obesidade de 46% nível 1 (obesos), podendo resultar em imagem corporal disforme. Esta condição é bem menor no sexo feminino, apresentando apenas 8%, com um indicativo de risco coronariano bem menor

entre as mulheres e que, possivelmente, possa contribuir para uma condição de atenção com saúde bem maior.

Com a onda da *malhação* e dos corpos delineados, surgiu a febre das academias. Apesar da imagem de futilidade, que, às vezes, é passada por preconceitos, a academia, se for levada de forma séria, pode ser um lugar ótimo para se cuidar do corpo.

O hábito da prática de atividade física regular foi confirmado em nossa pesquisa e está presente no grupo do sexo masculino, onde o sexo masculino apresenta adesão de 73% contra 29% do sexo feminino. Entre os que não a praticam, a falta de tempo é o fator impeditivo que recebeu destaque com média de 61%. Temos que 67% fazem atividade, freqüentam Academia (41%) ou em local público (26%). A maioria recebe orientação profissional (60%). Neste aspecto, com orientação adequada e uma prática regular, entendemos que o grupo pesquisado não comete abusos em relação à atividade física, tendo consciência dos limites do corpo.

Segundo Poltronieri (2001:), *“estamos diante do fenômeno chamado de ‘corpolatria’, existente em todo o mundo, e que faz com que as pessoas procurem ter um corpo ideal, cuja busca incessante alimentaria uma pujante indústria da beleza”*.

Quanto ao aspecto corporal, os jovens do sexo masculino estão satisfeitos com o corpo (54%), enquanto 43% do sexo feminino mostraram-se satisfeitas. O descontentamento ocorre com o sexo feminino em 46% dos entrevistados, que demonstraram preocupação em relação ao peso corporal no sexo feminino (56%) e o volume muscular (42%). Assim, percebemos que a falta de prática de atividades físicas pode ser um indicativo importante para o descontentamento do sexo feminino, já que uma prática de atividade física regular contribui para melhora estética do corpo. Quando perguntamos sobre a classificação do corpo em relação ao mesmo sexo, a maioria considera o corpo quase perfeito (53%).

Essa mudança no significado, forma ou representação do corpo ganha novos espaços, tendo os ícones de beleza como motores propulsores deste ganho, pautado na cultura da malhação, muitas vezes sendo as próprias atletas representantes destes ícones, uma vez que seus corpos são construídos de maneira firme, sem gordura, longe de demonstrarem preguiça ou desleixo com seu cuidado (GOLDENBER e RAMOS, 2002; LIPOVETSKY, 2000)

³² Quem vive sem conhecer ou compreender os fatores sociais, políticos e culturais que o condicionam e os impulsos íntimos que o levam a agir da maneira que age. Aquele que, voluntariamente ou não, se mantém distanciado das realidades que o cercam; alheado

O grau de satisfação dos entrevistados com a aparência geral é significativo para os dois sexos, mas, se fosse possível modificarem o corpo, eles o fariam para aumentar a massa muscular e buscar melhor definição abdominal.

Sobre os hábitos alimentares, ambos afirmaram que já realizaram algum tipo de mudança alimentar, buscando orientação profissional em 42% do sexo feminino. Quando sem orientação profissional, realizam a diminuição de ingestão calórica, adequando o volume alimentar das refeições e excluindo doces e refrigerantes (93%). Jovens do sexo feminino afirmaram existir um arrependimento quando exageram nas refeições (63%). Poucos afirmaram usar medicamentos para controle de peso e controle do apetite.

A maioria (93%) nunca fez uso de medicamentos para emagrecer, o que pode ser um indicativo de que a atividade física e o controle da alimentação (adequada) têm forte contribuição para a busca do peso ideal e melhor qualidade de vida.

Machado (2003) afirma que as mutações do corpo feminino são cada vez mais valorizadas, as propagandas de locais especializados na transformação do corpo marcam terreno acirradamente e, com isso, mexem com o imaginário feminino, pela busca da perfeição estética. Oferecem tratamento de pele, cirurgia plástica, acompanhamento nutricional, cosméticos, programas específicos de atividades físicas, poderíamos classificar de "shopping corporal".

Em nossa pesquisa, verificamos que os jovens não usam medicamentos para modificar a imagem corporal (73%). Sobre o uso de anfetaminas, identificamos que 12% das mulheres já usaram. A mesma situação ocorre com os jovens do sexo masculino em relação aos produtos para ganho de massa muscular, tendo 18% afirmado que já usaram.

É possível estabelecer uma relação direta, na qual o sexo feminino está preocupado em perder peso e o sexo masculino em perder barriga e ganhar massa muscular. As propostas para uso desses recursos já ocorreram na maioria (53%) dos jovens do sexo masculino.

Assim, devemos ficar atentos para a possibilidade sedutora da oferta e o convencimento para construir e/ou modificar os corpos a qualquer custo com o uso de recursos farmacológicos. Embora a maioria tenha conhecimento dos riscos (65% Masculino e 62% Feminino), uma parte dos jovens desconhece os riscos (37%).

Segundo Calabresi (2004:115), com o tempo,

o corpo modifica-se naturalmente, há uma mudança ocasionada pelo crescimento e desenvolvimento biológico do ser humano. Porém, ele nem sempre se transforma no que desejamos ou na aparência que queremos. Então, há o desejo de realizar-se

fisicamente e, para isso, busca-se a adequação, tendo como modelo um padrão estético já estabelecido.

A maioria absoluta dos jovens afirmou que está preocupada com a imagem corporal (98%). Segundo eles, a divulgação de modelos corporais pela mídia influencia na divulgação de modelos corporais (93%), sendo que as mulheres apresentam maior preocupação (60%).

Segundo Calabresi (2004:117), alguns jovens podem estar modificando o corpo em busca da personificação de pessoas famosas que estão constantemente na mídia. Isso ocorre pela massificação da imagem do modelo corporal. Em outra situação, podem estar em busca do pertencimento ao grupo social.

Esta subcultura reforçada pela mídia deve ser combatida com orientação nas escolas. No grupo de jovens de nossa pesquisa, as disciplinas de Educação Física e Ciências devem contribuir com este conteúdo (93%). Talvez dentro de temas transversais possamos tratar de consumo e modelos corporais.

Segundo o mesmo autor,

(...) por estarem descontentes com seus corpos, buscam modelos a serem seguidos. Há o agravante de indivíduos desesperados, por não discernirem as distâncias entre o real e o desejado, envolverem-se em práticas inadequadas ou intervenções pouco convencionais, já que biologicamente ele apresenta uma estrutura que não comporta aquela forma, mesmo assim ele tenta atingir, sem importar-se com as conseqüências futuras (idem:117).

Na totalidade, os jovens informaram que não usaram de recursos estéticos para melhorar a imagem corporal (cirurgias plásticas, enzimas, botox e lipoaspiração). Podemos entender que a idade (até 24 anos) ainda não tenha promovido esta necessidade, assegurando que tal ocorrência não atinge o grupo.

Temos ao final destas considerações que salientar que os jovens deste grupo investigado estão preocupados com a questão da imagem corporal. O tratamento da questão pela mídia parece ser a única fonte de informação para a construção de uma cultura corporal sobre o tema. Os riscos ocorrem, já que podem estar vulneráveis aos modelos impostos, tornando-se presa fácil das empresas que tenham interesse na comercialização de produtos que promovam rápidas mudanças da imagem corporal.

Vemos que a aplicação da pesquisa aponta para a necessidade de uma melhor orientação quanto à imagem corporal, culto ao corpo e mudanças na imagem corporal. Nossos jovens estão mais exigentes com o desenho corporal.

Souza Neto (1996:26), lembra que

quando andamos pela rua, vamos a escola, ao trabalho, ao clube, é comum encontrarmos amigos que nos saúdam, como consequência do cumprimento, dão uma opinião a nosso respeito, como "Você está bem..." ou "Que barriguinha...", ainda (pior) "nossa, o que aconteceu com você ?.

Afinal, diante da globalização midiática dos corpos, como devemos tratar a questão da ideologia do corpo, do culto ao corpo, da imagem corporal nas escolas ? Qual é o padrão corporal que seguiremos ?

Certamente a modificação no significado, forma ou representação do corpo ganhará novos espaços, tendo ícones de beleza diferentes para cada nova influência midiática, significando novas formas de subcultura jovem. Não tenho receio em afirmar que a aula de Educação Física pode ser um local, se bem trabalhado, para o início de uma ampla reflexão sobre o papel do corpo jovem na sociedade contemporânea. Se for pelo empenho dos professores de Educação Física, quem se habilitaria à tal discussão? Alguma outra disciplina trabalha com o corpo dos jovens nessa dimensão prático-teórica? Aliás, essa questão também foi investigada, a qual recebeu a afirmação de 93% dos jovens, além disso, 89% consideraram que o tema deve ser tratado com urgência!

Para finalizar, nossos jovens mostraram que estão preocupados com a saúde, quando afirmaram que realizam consulta médica periódica a cada 6 meses (62%) e uma vez ao ano (13%), com a realização de hemogramas (em média 50%).

Esses resultados nos apresentam uma oportunidade de modificação do quadro atual sobre o culto ao corpo, pela temporalidade, explorando novas percepções, libertando os jovens dessa adoração ao corpo, corpolatria e sonambulismo aparente, que se transformou em uma patologia social, contribuindo para a construção e fortalecimento da subcultura jovem.

Convém lembrarmos da importância dos profissionais de Educação Física e da necessidade de uma atuação que considere os significados atribuídos ao corpo e às práticas corporais, construídos culturalmente. Esses profissionais, mediadores que são de valores e conceitos, poderão propor outras maneiras de se pensar o corpo, a saúde, a beleza, instigando seus alunos a uma leitura crítica das informações transmitidas pela mídia.

Diante dos resultados apresentados em nosso trabalho, especificamente para a população investigada, podemos sugerir que a escola deva incluir em seu projeto as discussões sobre as questões do corpo, dos cuidados com a saúde e do respeito para com a imagem corporal das crianças, dos jovens e da sociedade em geral.

Esperamos continuar nossas investigações sobre o tema, pontuando de forma mais objetiva os conteúdos necessários para tratar o tema com maior propriedade dentro da escola.

REFERÊNCIAS :

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ABREU, Cristiano Nabuco de; CANGELLI FILHO, Raphael. Anorexia nervosa e bulimia nervosa: abordagem cognitivo-constitutivista de psicoterapia. **Rev. psiquiatr. clín.**, 2004, vol.31, no.4, p.177-183. ISSN 0101-6083.

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional; USP, 1971

ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARAÚJO, Jordano Pereira. **O uso de Esteróides Androgênicos Anabolizantes entre estudante do Ensino Médio do Distrito Federal. Dissertação** (Mestrado) - Universidade Católica de Brasília. Brasília. 2003.

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação; epistemologia e didática**. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1996.

BALLONE G.J.; Anorexia Nervosa. in: **PsiquWeb**, Internet, disponível em <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=373&sec=94>, revisto em 2005.

_____. **Anorexia Nervosa**, in. PsiqWeb, Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/anorexia.html>>, revisto em 2007.

_____. **Vigorexia** - in. PsiqWeb, Internet, disponível em <<http://sites.uol.com.br/gballone/alimentar/vigorexia.html>> revisto em 2007.

BALLONE G.J., ORTOLANI I.V. Bulimia Nervosa, in **PsiqWeb**, Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/bulimia.html>>, revisto em 2007.

BARNI, Mara Juttel; SCHNEIDER, Ernani José. **A Educação Física no ensino médio: Relevante ou irrelevante ?**. Instituto Catarinense de Pos Graduação – n 3 – ago-dez 2003. Disponível in <http://www.icpg.com.br/hp/revista/index.php?rp_auto=3>. Acesso em 21 Outubro de 2005.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **Corpo, cultura e Memória: depoimentos de Universitários**. Bauru: Faac/Unesp, 2004.

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija: representações sociais de universitários sobre propaganda televisiva de cerveja**. Tese Doutorado. Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara. 2007. 105p.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais e juventude**. São Paulo:Moderna, 1990.

BRASIL. Agência Brasileira de Notícias: Radiobras. **Brasil Agora**: Relatório destaca produção de cocaína e consumo de anfetaminas no Brasil. Disponível na World Wide Web: http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=217523&editoria. Acesso em 01-mar-07.

BROWER, K.J. Anabolic steroids. **The Psychiatric Recent Advances in Addictive Disorders** 16: 97-103.1993.

BRUGMAN, E.; MEULMEESTER, J.F.; SPEEVANDERWEKKE A.; BEUKER R.J.; ZAADSTRA, B.M.; RADDER, J.J.; VERLOOVEVANHORICK, P.S. 1997. Dieting, weight and health in adolescents in the Netherlands. **Inter J Obesity**. 21: 54-60.

CACCIA-BAVA, Augusto; PAMPOLS, Carlos; CANGAS, Yanko. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Editora Escrituras, 2004.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 1999.

CÁRDENAS, Carmen Jansen de. **Adolecendo: Um estudo sobre a constituição da identidade do adolescente no âmbito educacional escola**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, UNB, Brasil. 2000.

CARREIRA FILHO, Daniel. **Prevalência do uso de substâncias químicas com objetivo de modelagem corporal entre adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, do município de São Caetano do Sul**. Tese de Doutorado. Unicamp. 29/03/2005.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: **Coletânea Cultura do povo**, São Paulo: Cortez & Moraes/EDUC, 1979.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estud. av.** [online]. abr. 1995, vol.9, no.23 [citado 27 Fevereiro 2006], p.71-84. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-4014.

CHAUÍ, Marilena . Notas sobre Cultura Popular. In: **Cultura e Democracia**. São Paulo: Moderna. 1980.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COBELO, Alicia Weisz; SAIKALI, Maria Olímpia; SCHOMER, Ester Zatyрко. A abordagem familiar no tratamento da anorexia e bulimia nervosa. **Rev. psiquiatr. clín.**, 2004, vol.31, no.4, p.184-187. ISSN 0101-6083

CONCEIÇÃO, CA; WANDER, FS; MASSILI, LP; VIANA, LAF; GONÇALVES, DM; FOSSATI, G. Uso de anabolizantes entre praticantes de musculação em academias. **Revista Pesquisa Médica** 1999;33:103-16.

CORREIA, Walter Roberto. Planejamento Participativo e o Ensino de Educação Física no 2º Grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, Supl. 2, p. 43-48, 1996.

CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante. 2005.

DA SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso; DANIELSKI, Ricardo; CZEPIELEWSKI, Mauro Antônio. Esteróides Anabolizantes no Esporte. **Rev Bras Med Esporte**, Nov./Dec. 2002, vol.8, no.6, p.235-243. ISSN 1517-8692.

DA SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso; CZEPIELEWSKI, Mauro Antônio. Uso de agentes esteróides anabólicos, estimulantes, diuréticos, insulina e GH em amostra de praticantes de musculação de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Toxicologia** 2001;14 (Supl):71.

DARIDO, Suraya Cristiana et al. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 5, nº 2, p.138-145. Dez. 1999.

_____. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, nº 01, p. 61–80, Jan./Mar. 2004.

DUARTE, E. G. **Orlan do outro lado espelho**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. São Paulo, abr. 2002. Disponível em: <http://cocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=Duarte-Eunice-Orlan.html>. Acesso em 09 fev. 2007.

ECO, Umberto. “*Fim da ideologia uma Armadilha Ideológica*”, in **Folha de S. Paulo**, 22.04.90, p. A-19.

FAIRBURN, C.G.; NORMAN, P.A.; WELCH, S.L. et al. A prospective study of outcome in BN and the long-term effects of three psychological treatments. **Archives of General Psychiatry**, v. 52, p. 304-312, 1995.

FONSECA, V.M.; SICHIERI, R.; VEIGA, G.V. Fatores associados à obesidade entre adolescentes. **Revista Saúde Pública** 1998, 32(6): 541-549.

FONTENELE, Isleide A. **Os caçadores do cool**. *Lua Nova*. [online]. 2004, no.63 [citado 25 Fevereiro 2006], p.163-177. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000300007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-6445.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 6^a. ed. Petrópolis. Vozes, 1987, p. 125-147.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular. In: SOARES, Carmem Lúcia. **Corpo e História**. 1^a ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

GALVÃO, Marcos B. A. **Globalização: arautos, céticos e críticos** (primeira parte). Política Externa. São Paulo: Paz e Terra / USP, v 6, n 4, p. 36-88, março, 1998.

GEERTZ, Clifford. 1989. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC.

GOFFMAN, Erving . **Estigma**. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Miriam (Org.) **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Rio de Janeiro:Record, 2000. 188 p.

GOLDENBERG, M. & RAMOS, M.S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, NU & VESTIDO: **dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GROSSMAN, Eloisa. A adolescência através dos tempos. **Adolesc. Latinoam.**, jul./sep. 1998, vol.1, no.2, p.68-74. ISSN 1414-7130.

GIDDENS, Anthony. (1991), **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, Editora da Unesp.

GOELLNER, Silvana(Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

GUMES, Nadja Vladi Cardoso Gumes.RG: Jovem-Culturas juvenis e a formação de identidades da juventude.In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do patrimônio Histórico e Artístico Cultural, nº 24. 1996. Pgs. 68-74.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A Editora. 2001.

HALL, Stuart. The Spetacle of the 'Other'. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Pgs. 223-290.Inglaterra. Sage Publications Ltda. 1997

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, 22 (2): 15-45, Porto Alegre. 1997.

HAY, Phillipa J. Epidemiologia dos transtornos alimentares: estado atual e desenvolvimentos futuros. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 24, 2002.

INSTITUTO DANONE. **Obesidade e anemia carencial na adolescência**: simpósio. - São Paulo: Instituto Danone, 2000. 270p. : il.; 26 cm. ISBN 85-87923-02-1

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. São Paulo:Companhia das Letras. 1996.

LIPOVETSKY,G. **A terceira mulher: permanência e evolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. **Revista Educação & Realidade, Produção do corpo**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.59-75, jul.-dez. 2000.

MANGWETH, B; HAUSMANN, A; WALCH, T; HOTTER, A; RUPP, CI; BIEBL, W; HUDSON, J.I.; POPE, H.G. Body fat perception in eating-disordered men - **Int J Eat Disord**. 2004 Jan;35(1):102-8.

MANGWETH, B; HUDSON, J.I.; POPE, H.G.; HAUSMANN, A.; De Col, C.; LAIRD, N.M.; BEIBL, W.; TSUANG, M.T.; Family study of the aggregation of eating disorders and mood disorders. **Psychol Med**. 2003 Oct;33(7):1319-23.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo : Editora Hucitec, 1993.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Mauss, Marcel **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: EDUSP, 1974, pp. 209-233.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papirus, 1987. 135p.

MELIN, Paula; ARAÚJO, Alexandra M. Transtornos alimentares em homens: um desafio diagnóstico. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, Dez 2002, vol.24, suppl.3, p.73-76. ISSN 1516-4446

MINAYO, M. C. S., **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco. 1992.

MORIN, Edgard. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

MORIN, Edgard. **O Espírito do Tempo**, 2 volumes. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1987.

NORRINGER, C.E.A.; SOHLBERG, S.S. Outcome, recovery, relapse and mortality across six years in patients with clinical eating disorders. **Acta Psychiatr Scand**, v. 87, p. 437-444, 1993.

PALOMINO, Erika. **A Moda** (Folha Explica). São Paulo. Editora Folha da Manhã. 2001.

PINKE, M. H. T. V. **Mídias e motivações de freqüentadores de academias: uma relação possível ?**. Monografia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru,2001.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem: o corpo como suporte da arte.** Campinas: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes/UNICAMP, 2001.

PROCHNOW, Adelina Giacomelli, LEITE, Joséte Luzia and ERDMANN, Alacoque Lorenzini. **Geertz' interpretive theory and care management: visualizing nurses' social practice.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, July/Aug. 2005, vol.13, no.4, p.583-590. ISSN 0104-1169.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **As Inscrições de Gênero nos Corpos dos/as Adolescentes.** Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2006.

ROSEMBERG, Jocelyne Levy. **Lindos de morrer : dismorfia corporal e outros transtornos obsessivos.** São Paulo: Celebris, 2004.

ROSZAK, Theodore. **The Cult of Information : A Neo-Luddite Treatise on High Tech, Artificial Intelligence, and the True Art of Thinking.** University of California Press. 1994.

ROSZACK, Theodore. **A Contracultura,** Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

SOUSA, Janice. **Reinvenções da Utopia - a militância política de jovens nos anos 90.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens.** São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

SCHNAPP, Alain. A imagem dos jovens na cidade grega. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens.** São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo soc.** [online]. nov. 2005, vol.17, no.2 [citado 25 Fevereiro 2006], p.335-350. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200015&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-2070.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: a estética pragmatista e a estética popular**. São Paulo, Editora 34, 1998.

SIBÍLIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002. 228 p.

SILVA, Cinthia Lopes. **A “mediação” das práticas corporais: significados da musculação para frequentadores de um parque público**. Dissertação (Mestrado). Unicamp. 2003.

SILVEIRA, Cláudio de Carvalho. Cidadania: uma trajetória de longo curso. **In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.) Educação e cultura: pensando em cidadania.** Rio de Janeiro:Quartet., 1999.

SOARES, Carmem Lúcia. **Corpo e História**. 1ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA NETO, S. Corpo, cultura e sociedade. **In: SOUZA NETO, S (org.). Corpo para malhar ou para comunicar ?** São Paulo: Cidade Nova, 1996, p.9-38.

TURA, Maria de Lourdes. Escola, homogeneidade e diversidade cultural. **In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org). Educação e cultura: pensando em cidadania**. Rio de Janeiro:Quartet., 1999.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza. **In: SOARES, Carmen Lúcia (org.) Corpo e Educação**. Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. Campinas, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cadernos Cedes 48), 1999.

VEIGA, G.V. 1997. **Prevalência e fatores determinantes de obesidade em crianças e adolescentes de dois níveis sócio-econômicos**. Relatório Final de projeto de Pesquisa - CNPq. Proc. 520.596/95-1.

VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Educação Física Escolar: Considerações sobre a formação profissional do professor e o conteúdo do componente curricular no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, vol. 09, nº. 1, Jan/Jun. 1995, p.69-74.

VILARDI, Teresa Cristina Ciavaglia, RIBEIRO, Beatriz Gonçalves & SOARES, Eliane de Abreu. Distúrbios nutricionais em atletas femininas e suas inter-relações. **Rev. Nutr.**, Abr 2001, vol.14, no.1, p.61-69. ISSN 1415-5273.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **A comunicação televisiva e as metamorfoses da ideologia**. In: BEZZON, Lara (org.) **Comunicação, Política e Sociedade**. Campinas, SP: Alínea, 1985.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Ideologia x Cultura: como Harmonizar esses Conceitos tão antagônicos ?. In: MELO SOUZA et al. (org). **Teoria e Prática nas Ciências Sociais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.

ANEXOS



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA

FORMULÁRIO DE ENCAMINHAMENTO

USO EXCLUSIVO DO COMITÊ

PROCOLO Nº.: 594/06

RECEBIDO EM: 201 11 06

TÍTULO DO PROJETO: Conhecimento dos Universitários de Araraquara sobre os riscos do uso de drogas farmacológicas para mudança da imagem corporal.

OBJETIVOS ACADÊMICOS

- Teses: sim não Doutorado Mestrado Se sim: preencher folha anexa
- Envolve aluno de graduação sim não
- Estudo multicêntrico sim não
- Trabalho de Conclusão de Curso sim não
- Iniciação Científica sim não
- Pesquisa independente:
- Outros:

NOME COMPLETO DO PESQUISADOR PRINCIPAL: DARWIN IANUSKIEWTZ

DISCIPLINA/COLEGIADO: Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Araraquara – Educação Escolar

ENDEREÇO: Rodovia Araraquara – Jaú Km 01

FAX: TEL: 3301-6200 E-MAIL: www.flcar.unesp.br (link na página)

NOME E TELEFONE DO (S) PESQUISADOR (es) ASSOCIADO (S):

- Ângela Viana Machado Fernandes - 3331-7657
- Darwin Ianuskiewtz – 3335-4051 ou 9713-0852

FINANCIADOR / PATROCINADOR: Não se aplica

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL.....

NOME DO ORIENTADOR : Profa. Dra. Ângela Viana Machado Fernandes

NOME DO(S) ORIENTANDO(S): Prof. Ms. Darwin Ianuskiewtz

NOME DO COORDENADOR DO COLEGIADO DE CURSO: **FCLAR - UNESP**

ASSINATURA COORDENADOR DO COLEGIADO DE CURSO: ANGELA VIANA M. FERNANDES

DATA: 20 11 06

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA – Rua Voluntários da Pátria nº 1307 – Centro – Fone: (xxx) 16 201-7111 – CEP 14801-320 Araraquara -SP



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Araraquara



DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que DARWIN IANUSKIEWTZ, aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (Doutorado) desta Faculdade, foi autorizado, pelos Coordenadores dos Cursos de Graduação em Administração Pública e Pedagogia, a aplicar questionários aos alunos do 1º ano, compreendendo os períodos diurno e noturno, com vistas ao desenvolvimento de sua pesquisa intitulada "Conhecimento dos Universitários de Araraquara sobre os riscos do uso das drogas farmacológicas para mudança da imagem corporal".

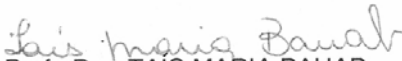
Araraquara, 13 de novembro de 2006.


Alzira Ap. Gomes da Silva Castanharo
Diretoria Técnica da Divisão Técnica Acadêmica

AUTORIZAÇÃO

O Conselho de Curso de Graduação, reunido em 17 de outubro de 2006, decidiu autorizar o aluno DARWIN IANUSKIEWTZ, regularmente matriculado no Curso de Pós-Graduação em Educação, nível Doutorado, da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Campus de Araraquara, a aplicar questionário aos alunos do Curso de Farmácia-Bioquímica para desenvolvimento de pesquisa intitulada "Conhecimento dos Universitários de Araraquara sobre os riscos do uso das drogas farmacológicas para mudança da imagem corporal".

Araraquara, 21 de novembro de 2006.


Profa.Dra. TAIS MARIA BAUAB
Coordenadora do Curso de Graduação

Questionário

Parte I - Identificação

1 - Idade: _____ Peso: _____ Estatura: _____
 2 - Sexo: Masculino Feminino
 3 - Você estuda em escola: Pública Particular

Parte II - Prática de Exercícios

4 - Você pratica atividade alguma atividade física ou esportiva além da Educação Física Escolar?
 Sim Não

5 - Qual a principal razão de você não praticar atividade física?
 Não gosta não tem tempo Falta de dinheiro Outros

6 - Quantas vezes por semana você pratica essa atividade?
 Uma vez Duas vezes Três vezes Quatro vezes + de 4 vezes

7 - Quanto tempo você pratica essa atividade por dia?
 até 30 min Até uma hora Até 1h 30min Até 2 horas + de 2 horas

8 - Essa prática tem objetivo de competição?
 Sim Não

9 - Onde você pratica essa atividade?
 Local público Academia Associação de Bairro Entre amigos

10 - Durante a prática dessa atividade você recebe orientação profissional?
 Sim, sempre Não Às vezes

Parte III - Sobre a imagem Corporal

11 - Em relação ao seu corpo, esteticamente, você está:
 Satisfeito Insatisfeito não tenho opinião

12 - Em relação à sua Estatura, você se sente:
 Satisfeito Insatisfeito não tenho opinião

13 - Em relação ao seu peso corporal, você está:
 Satisfeito Insatisfeito não tenho opinião

14 - Em relação aos seus Músculos, você está:
 Satisfeito Insatisfeito não tenho opinião

15 - Em relação à sua aparência geral, você está:
 Satisfeito Insatisfeito não tenho opinião

16 - Comparando seu corpo ao grupo do mesmo sexo, você considera seu corpo:
 Perfeito Quase perfeito Imperfeito Muito imperfeito Vergonhoso

17 - Se fosse possível, você modificaria seu corpo?
 Sim Não

18 - Se pudesse modificar seu corpo, qual seria sua principal modificação?
 Reduzir o peso corporal Aumentar o peso corporal Aumentar a massa muscular
 Melhorar aparência geral Reduzir volume Abdominal Outro: _____

Parte IV - Mudanças Alimentares

19 - Em algum momento de sua vida você já fez alguma mudança nos hábitos alimentares?
 Sim, para melhorar visual Sim, para melhorar a saúde Não

20 - Você já fez algum tipo de dieta para melhorar a sua imagem corporal?
 Sim, sem orientação profissional Sim, com orientação profissional Não

21 - Você já fez jejum por alguns dias para melhorar sua imagem corporal?
 Sim Não

22 - Você já sentiu ou sente algum arrependimento após exagerar nas refeições?
 Sim, poucas vezes Sim, várias vezes Não

23 - Você já provocou vômitos, ou fez uso de laxante após grandes refeições?
 Sim Não

24 - Você já fez regime sem orientação médica?
 Sim Não

25 - Você já fez algum tipo de regime com orientação médica ou de nutricionista?
 Sim Não

26 - Você já fez algum tipo de regime proposto em revistas, jornais, televisão ou por amigos?
 Sim Não

27 - Durante os regimes, normalmente você usa:
 Diminuir as refeições diárias Diminuir o consumo de Doce e Refrigerantes Diminuir o consumo de Carne e Frituras Uso de medicamentos

Parte V - Uso de medicamentos para emagrecer

28 - Na tentativa de modificar sua imagem corporal, você já usou medicamentos?
 Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes Não

29 - Para conseguir emagrecer você já fez uso de algum medicamento?
 Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes Não

30 - Qual do medicamento abaixo você usou para queimar gordura?
 L-Carn Fat Burner Xenical Outros: _____

4

- 45 - Você entende como necessário e urgente que a escola proporcione condições ideais para discussão e orientação sobre os efeitos e riscos do uso de medicamentos em busca da melhor imagem corporal? Sim Não Não sei
- 46 - Hoje, os jovens conhecem os riscos e efeitos do uso de medicamentos para melhorar a imagem corporal? Sim Não Não sei
- 47 - Quando você apresenta algum problema de saúde, sempre procura orientação de: Médicos Farmacêuticos Uso remédios já conhecidos
- 48 - Atualmente, você possui plano de Saúde? Sim Não Não sei
- 49 - Você realizou consulta médica Neste mês nos últimos 6 meses Há mais de um ano Há mais de dois anos
- 50 - Você realizou exames de sangue Neste mês últimos 6 meses Há mais de um ano Há mais de dois anos

3

- 31 - Qual dos diuréticos você usou para perder peso? Lasix Bumex Arelix Outros:
- 32 - Você já usou fórmulas manipuladas? Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes Não
- 33 - Quais os medicamentos (Anfetaminas) que você já usou para moderar o apetite? Duaid Hipofágin Absten Desobesi-M Outro
- Parte VI - Uso de medicamentos para ganho de Massa Muscular**
- 34 - Você já usou algum medicamento com a finalidade de aumentar a Massa Muscular? Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes Não
- 35 - Quais os medicamentos que você usou para ganho de Massa Muscular? Decadurabol Dianabol Anabolon Durateson Winstrol Hemogenin Primobolan Equipoise ADE (Sintol) Outro
- 36 - Você já usou algum tipo de recurso estético para melhorar a silhueta? Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes Não
- 37 - Quais os recursos já usados? Botox Aplicação Enzimas Lipos aspiração Cirurgia Plástica
- 38 - Dentro do ambiente que você pratica atividade física, você já recebeu oferta para uso de remédios que possam auxiliá-lo na busca de seu objetivo estético? Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes Não
- 39 - Você acredita que os jovens possuem conhecimentos sobre os efeitos e riscos dos medicamentos usados na busca de uma imagem corporal desejada? Sim, todos Sim, alguns Não

VII - Sobre a influência da mídia na imagem corporal da sociedade atual

- 40 - Você acredita que a exposição constante de modelos corporais pelas revistas, televisão e cinema contribuem para a divulgação de um modelo corporal? Sim Não Não sei
- 41 - Você acredita que os jovens de hoje são preocupados com a imagem corporal? Sim Não Não sei
- 42 - Hoje, as mulheres jovens estão mais preocupadas com a imagem corporal do que os homens? Sim Não Não sei
- 43 - Entre os jovens, é possível afirmar que os homens estão mais preocupados com a imagem corporal que as mulheres? Sim Não Não sei
- 44 - Você considera importante que na escola, as disciplinas de Educação Física e Ciências promovam conhecimentos sobre as questões da imagem corporal na sociedade atual? Sim Não Não sei